

ECONOMIA DE MERCADO E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO AGRÁRIO: o exemplo de Cordeirópolis.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA AO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

MAGDA ADELAIDE LOMBARDO

ORIENTADA PELA PROFESSORA DOUTORA LILIANA LAGANÁ FERNANDES.

1978

Aos meus pais

À memória

dos colonos suíços e alemães de  
Ibicaba.

dos imigrantes italianos do  
"núcleo colonial" do Cascalho.

## AGRADECIMENTOS

Aos professores do Departamento de Geografia da F. F. C. Letras de Rio Claro, pela formação e incentivo à pesquisa geográfica.

Aos colegas do Departamento de Geografia da F. F. L. C. H. da USP, pelo apoio ao trabalho.

Aos Engenheiros Agrônomos da Estação Experimental de Limeira em Cordeirópolis, pela colaboração prestada.

Ao funcionário Antonio Lorival Silva, da Casa da Agricultura de Cordeirópolis, pelo fornecimento de dados e informações a respeito do município.

Ao ex-prefeito, prefeito e funcionários da Prefeitura Municipal de Cordeirópolis, pela amizade.

Aos amigos de Cordeirópolis, que sempre nos ajudaram, fornecendo valiosas informações necessárias para a elaboração do trabalho.

À Usina São João, pelos dados colocados à disposição.

Ao senhor Guilherme Spanhol, pelo incentivo à pesquisa.

Às minhas irmãs, pelo constante apoio e colaboração no trabalho.

Ao Professor Doutor Otávio Ianni, pelas constantes discussões sobre o assunto.

Ao Professor Doutor Pasquale Petrone pelas valiosas sugestões e contribuições.

Finalmente, à nossa orientadora, Liliana Laganá Fernandes, pela dedicação com que nos orientou em todas as fases de elaboração deste trabalho.

## 1 - INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretendemos analisar o processo da organização do espaço agrário, em face da economia de mercado, tentando compreender de que modo a grande e a pequena propriedade respondem às exigências do mercado, como se estruturam e como se relacionam num determinado espaço.

Para a realização deste trabalho, escolheu-se um município onde o processo de expansão da economia de mercado fosse intenso, passando por várias fases evolutivas - da agricultura colonial à implantação da agro-indústria, e apresentasse aspectos diversos de organização do espaço agrário, onde a grande e a pequena exploração se organizassem face à influência da economia de mercado.

Tal município denomina-se Cordeirópolis que ocupa uma área de 123 quilômetros na Depressão Periférica Paulista. É cortado por ferrovia, FEPASA (antiga Companhia Paulista de Estrada de Ferro S.A.). Até 1976, Cordeirópolis possuía um ramal ferroviário para Descalvado. Atualmente, graças à sua posição geográfica, transformou-se num importante entroncamento rodoviário regional. (figura 1).

O município encontra-se cortado por duas rodovias asfaltadas que são: Rodovia Washington Luiz e Rodovia Anhanguera.

Cordeirópolis dista de São Paulo, por ferrovia 177 quilômetros e por rodovia asfaltada, 145 quilômetros. (figuras 2 e 3).

O interesse da escolha deste município justifica-se por se constituir numa área quase que totalmente ocupada por cultivos comerciais, apresentando contrastes de organização da malha fundiária, de tipos de cultivos, de relação de trabalho e de organização econômica resultantes de um processo de ocupação relativamente longo e intenso, o qual se definiu e evoluiu a partir de necessidades de uma economia de mercado.

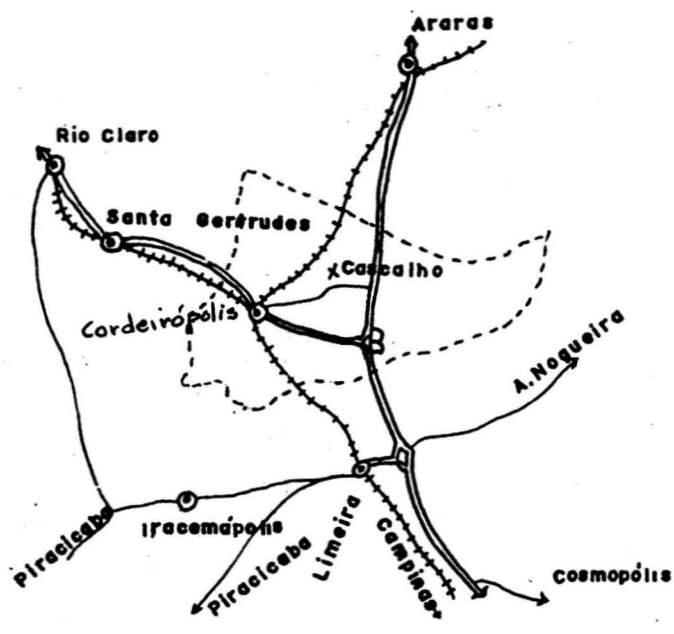
Nossa preocupação fundamental foi o de compreender o contraste pequena e grande propriedade, desde o início da ocupação, verificando-se para cada momento o significado que teve o relacionamento entre elas. Este relaciona -

POSIÇÃO GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS



FIG. 2

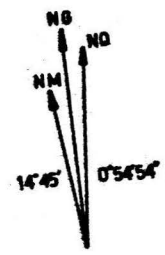
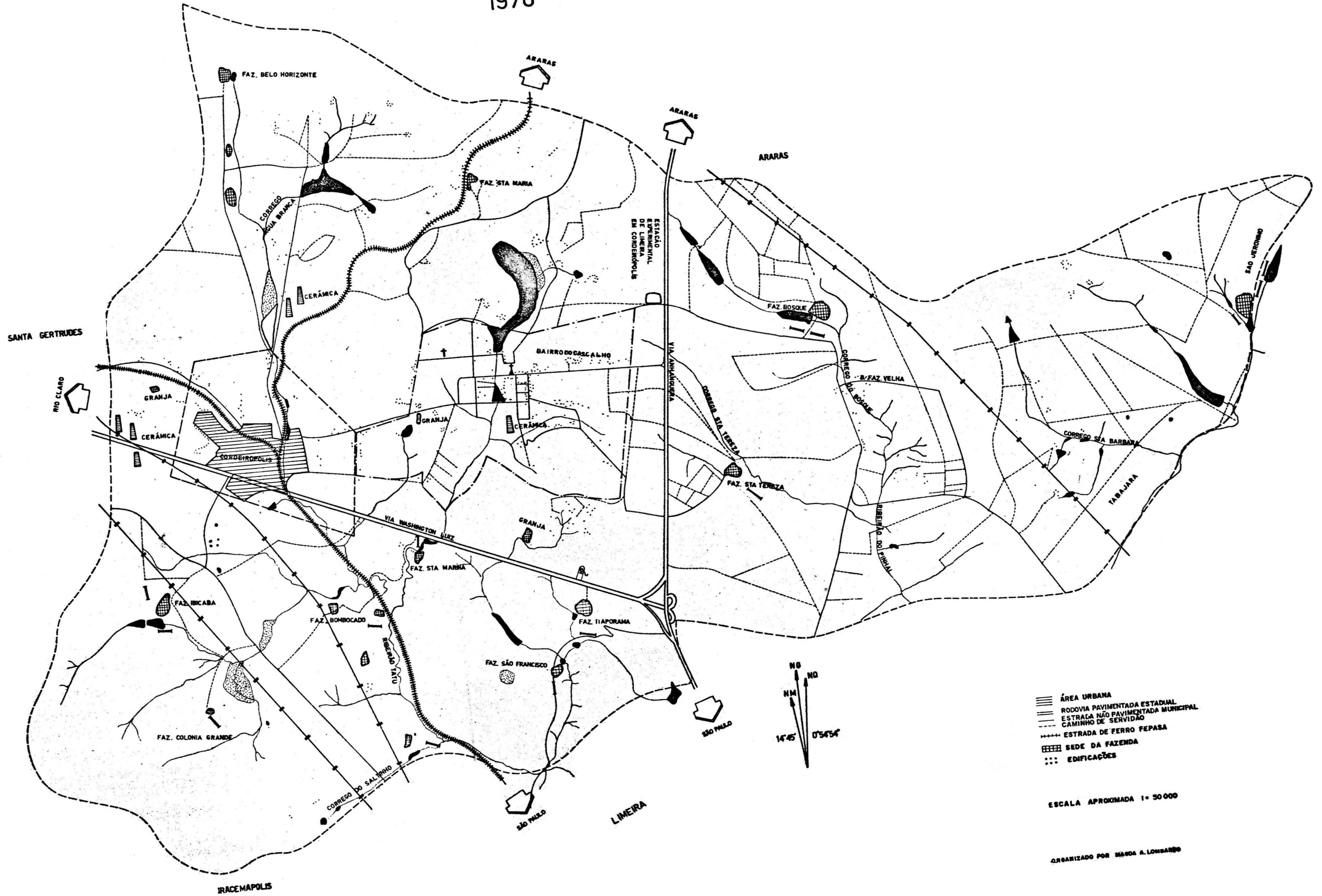
**A POSIÇÃO DE CORDEIRÓPOLIS EM RELAÇÃO  
AO SISTEMA RODO-FERROVIÁRIO**



- estrada asfaltada  
 - - - estrada de ferro (instalada em 1876)

ESCALA 0 5 10 Km

# MUNICÍPIO DE CORDEIROPOLIS 1976



- ▬ ÁREA URBANA
- ▬ RODOVIA PAVIMENTADA ESTADUAL
- ▬ ESTRADA NÃO PAVIMENTADA MUNICIPAL
- ▬ CAMINHO DE SERVIDÃO
- ▬ ESTRADA DE FERRO FEPASA
- ▬ SEDE DA FAZENDA
- ⋯ EDIFICAÇÕES

ESCALA APROXIMADA 1:50 000

ORGANIZADO POR MARDIA A. LOMBARDI

mento será examinado sempre à luz das condições globais de cada época, tentando verificar qual a influência de cada fato na organização da área examinada e no problema estudado.

O trabalho abrange um tempo que vai do início do século XIX até 1977, destacando-se os períodos mais significativos da história de Cordeirópolis.

A cana foi o primeiro produto a ser cultivado nas terras pertencentes ao atual município de Cordeirópolis, tendo como objetivo a comercialização da produção. Com a cana-de-açúcar, desenvolveu-se uma infra-estrutura na área, com emprego de capital, concessão e delimitação das sesmarias, abertura de estradas, portos, intensificação da compra de escravos, enfim, origina-se uma organização agrária voltada ao abastecimento do mercado internacional. A grande fazenda canavieira caracteriza-se por possuir uma vasta extensão de terras e cultura itinerante, com as mesmas técnicas de cultivos existentes na área, executadas pelos posseiros na cultura de subsistência.

A partir de meados do século XIX, o café substituiu a cana-de-açúcar como produto comercial de exportação.

O período cafeeiro inicia-se em 1850 e termina em torno de 1920.

Com a expansão da cultura cafeeira, foi necessário grande utilização de mão-de-obra. Na época, houve uma diminuição de mão-de-obra escrava, devido à proibição do tráfico negreiro. Com isto, o preço do escravo elevou-se. Para tentar resolver o problema de mão-de-obra, nas fazendas de café, em 1840 o Senador Vergueiro introduziu colonos suíços e alemães para trabalhar na Fazenda Ibicaba, utilizando-se da força de trabalho sob o regime de parceria.

O sistema de parceria constituiu-se uma transição, entre as relações de trabalho do escravo ao trabalho imigrante. O ano de 1888 constituiu-se o ponto de ruptura, sendo que, a partir daí, estava instituída a concepção do trabalho como valor. A imigração (principalmente italiana) relaciona-se com a agricultura de exportação e a acumulação de capital na grande exploração.

Com a intenção de satisfazer às necessidades de mão-de-obra, na grande propriedade cafeeira e, incentivar

o plantio de gêneros de primeira necessidade, visando o abastecimento interno, foi criado o núcleo colonial do Cascalho, em 1889, da fragmentação de uma antiga fazenda de café. A colonização foi dirigida e os lotes foram vendidos, a preços acessíveis, aos colonos, na sua grande maioria italianos.

É com a cultura cafeeira que se estrutura de fato, na área de estudo, uma malha fundiária baseada na grande e pequena propriedade vinculadas a uma economia de mercado

Com a crise da comercialização do café, as propriedades agrícolas tiveram que se adaptar a outros tipos de produtos comerciais; mas a malha fundiária e a organização interna das propriedades estavam definidas.

Com a crise cafeeira, a área se volta à policultura. Este período inicia-se em 1920 e termina em torno de 1950.

O algodão substituiu o café nas grandes fazendas, graças ao incentivo do preço do produto no mercado internacional, devido à expansão da indústria têxtil.

Nas pequenas propriedades do núcleo, intensificou-se a policultura, tendo como objetivo o abastecimento interno, uma vez que a zona urbana crescia, devido ao êxodo rural. Nestas pequenas propriedades, desenvolvia-se, também, a criação do bicho-da-seda, produto que exige mão-de-obra qualificada.

A cultura da laranja começa a ser incentivada nas pequenas propriedades do Cascalho, a partir de 1927. A grande expansão do comércio de citrus, aliada às características internas da região, assim como à instalação da Estação Experimental de Citricultura, foram responsáveis pelo alastramento da cultura na área.

O período de 1950 a 1977 marca o predomínio da agro-indústria açucareira, nas terras de Cordeirópolis.

Tanto a grande como a pequena propriedade acham-se dependentes da agro-indústria açucareira. As pequenas propriedades, além de cultivarem produtos de subsistência e se dedicarem ao cultivo de mudas, são citrículas e estão, deste modo, ligadas ao mercado.

O êxodo rural, nesta fase, torna-se mais acentuado e a mão-de-obra para a colheita, tanto da cana - de

açúcar como da laranja, passou a ser recrutada na periferia das cidades próximas.

A cultura de cana-de-açúcar necessita de grande quantidade de terras, adaptando-se à grande propriedade. As terras são aglutinadas pelos usineiros, atendendo a uma crescente capitalização - são os representantes da mentalidade empresarial, na economia rural brasileira.

Por outro lado, o bairro do Cascalho passa por um processo de reorganização econômica. Algumas propriedades sofreram um processo de subdivisão, mantendo o caráter de propriedade de consumo, com excedente de mão-de-obra, enquanto outros passaram por um processo de aglutinação de terras, evidenciando uma crescente valorização da produção agrícola voltada para o mercado.

Desde as primeiras formas de organização do espaço até os dias atuais, serão analisados os contrastes da malha fundiária e como tais diferenças respondem às necessidades produtivas.

O contraste grande e pequena propriedade existente no município de Cordeirópolis será analisado à luz do processo histórico, tentando buscar as razões que levaram à organização do espaço atual.

Assim, no primeiro ciclo da cana-de-açúcar, no início do século XIX, verificar-se-á os contrastes da malha fundiária e as relações existentes entre o sesmeiro e o posseiro.

Na fase de expansão da economia cafeeira, a partir dos meados do século XIX até 1920, dar-se-á ênfase aos contrastes existentes entre as fazendas cafeeiras e a criação orientada do "núcleo colonial" do Cascalho, de pequenos proprietários imigrantes italianos, tentando explicar as razões da formação do "núcleo colonial", num domínio típico de grandes fazendas.

Na fase transicional entre a cultura cafeeira e a agro-indústria, tentar-se-á verificar como se comportam a grande e a pequena propriedade, num novo contexto da economia de mercado, voltada à policultura.

Com o desenvolvimento da agro-indústria açucareira, no meio rural, o espaço agrário do município passa a

ser reorganizado. Neste sentido, será examinado a forma como a grande e a pequena propriedade diversifica a sua produção, tentando explicar como os contrastes de malha fundiária persistem, embora de maneira diversa das fases anteriores.

A área pertencente ao atual município de Cordeirópolis foi palco da expansão capitalista que vem ocorrendo na agricultura brasileira, desde a institucionalização da Lei da Terra e da Abolição da Escravatura. Com o desenvolvimento da cultura cafeeira, o trabalho escravo é substituído pelo trabalho livre. A fazenda Ibicaba, localizada na área, constituiu-se no modelo de implantação do sistema de parceria surgindo como a primeira forma de substituição do trabalho sevil pelo trabalho livre. A formação do "núcleo colonial" do Cascalho respondeu aos anseios dos grandes proprietários, a fim de satisfazer à necessidade de mão-de-obra e incentivar a policultura entre os pequenos proprietários imigrantes. Deste modo, surge a pequena propriedade, no seio de uma economia voltada à produção comercial, ligada à grande exploração agrícola.

O município entrou, também, no processo do desenvolvimento da agro-indústria açucareira. A indústria moderna instala-se no meio rural, incentivada pela demanda do mercado. Neste momento, modificam-se as relações de produção. Tanto a grande como a pequena propriedade ajustam-se ao modo de produção capitalista, com adoções de inovações no campo, isto é, a modernização, utilizando-se de modo diferenciado os inputs aplicados na agricultura - terra, capital e trabalho. Deste modo, a combinação da grande e da pequena propriedade torna-se complementar, dentro do sistema. A grande propriedade representa o apoio para a racionalização da produção, enquanto que a pequena garante a utilização da mão-de-obra familiar.

Devido ao tipo de preocupação do trabalho, com frequência os dados e a análise dos fenômenos estudados, correspondem a um universo mais amplo do que aquela área delimitada por Cordeirópolis. Para tentar interpretar como certos fenômenos ocorreram e ocorrem no município, muitas vezes, foi necessário abordar fatos cujo espaço é muito mais amplo. Nesta perspectiva de estudo, algumas interpretações sobre a evo-

lução da organização do espaço agrário de Cordeirópolis, receberam significação de vários níveis de interferência, de acordo com a influência da atuação dos fatos, na área específica de estudo.

Para a confecção deste trabalho foi necessário uma constante pesquisa no campo, assim como às fontes estatísticas e bibliográficas disponíveis visando à utilização de dados que pudessem auxiliar a análise que se propunha desenvolver.

Antes de mais nada, devemos salientar que houve muita dificuldade no levantamento de dados históricos a respeito do município, uma vez que até 1948 estava integrado às terras de Limeira.

Mesmo quanto aos dados recentes, são muito precários e incompletos diante dos objetivos do trabalho.

Primeiramente, recorreremos aos dados estatísticos do I.B.G.E., do Cadastro das Propriedades Agrícolas do Município de Cordeirópolis, do Levantamento realizado pelo IBRA, em 1966, do Cadastramento Agrícola do INCRA - 1972 e 1975.

Para satisfazer o interesse da pesquisa, houve a necessidade de aplicação de questionários no campo. Das 431 propriedades existentes no município, segundo os dados do INCRA - 1972, foram aplicados 60 questionários (13,92%), compreendendo o nome da propriedade e proprietário, bairro, área, meios de circulação, histórico da propriedade; formas de exploração da terra e seu histórico, composição da família, grau de instrução, mão-de-obra, utilização da terra, calendário agrícola, tipos de solos; técnicas empregadas; transporte e comercialização da produção.

Foi necessário aplicar um outro questionário referente aos proprietários que se dedicam ao cultivo de mudas; a fim de melhor compreender o dinamismo da pequena propriedade. Este questionário foi aplicado em todas as propriedades que possuem viveiros, em número de dez. Inclui as técnicas de cultivos, calendário agrícola das mudas, mão-de-obra, tipos de mudas produzidas e quantidade, rentabilidade e co-

mercialização.

Somente após a aplicação destes questionários é que foi possível a tabulação e confecção de gráficos.

No decorrer do trabalho sempre houve pesquisa de campo, quando necessário.

Foram realizadas várias entrevistas tanto nas Usinas de Cana-de-Açúcar, como nas indústrias de sucos e na Estação Experimental de Citricultura de Limeira em Cordeirópolis.

Quanto aos mapas houve necessidade, primeiramente, de confeccionar um em que fossem representados os principais elementos da organização do espaço. Este mapa foi baseado na Cobertura Aerofotogramétrica do Estado de São Paulo, da Prospec, na escala 1:25000 e referente ao ano de 1962. Neste mapa podemos ter o primeiro contacto com a organização espacial dos fenômenos, através dos meios de circulação, hidrografia, edificações, etc.

O mapa referente à malha fundiária do município, foi realizado através do trabalho de campo e do Levantamento Aerofotogramétrico realizado pelo I.B.C. - GERCA - set. 1972. Os mapas de uso do solo de 1962 e 1976, foram realizados através das fotografias aéreas de 1962 e 1972, respectivamente; e a constante observação de campo, a fim de verificar as possíveis mudanças.

## 2 - O MERCADO E AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

### 2.1 A cana-de-açúcar e as primeiras formas de Organização Econômica da área

O município de Cordeirópolis esteve ligado às terras de Limeira até 1948. Deste modo, os dados e os fatos históricos da área de Cordeirópolis estão incluídos no contexto daqueles vinculados aos de Limeira. É neste sentido que os trabalhos realizados sobre Limeira nos serviram de base, para a reconstituição histórica da área estudada. O primeiro, realizado por Antonio Olivio Ceron - "Aspectos Geográficos da Utilização da Laranja no Município de Limeira" - 1968 e o segundo realizado por Líliana Laganá Fernandes - "Bairros Rurais do Município de Limeira" - Estudo Geográfico - 1972. Além da contribuição metodológica, estes trabalhos constituem-se, para nós, em fonte imprescindível de informações sobre a evolução da organização do espaço da área estudada.

O município de Cordeirópolis, ligado às terras de Limeira até 1948, faz parte da "Zona Velha de São Paulo". Embora somente a partir da última década do século XVIII é que o sertão do Morro Azul surgiu, economicamente, no cenário do país quando se iniciou o cultivo da cana-de-açúcar, era ocupado, anteriormente, por posseiros, com um povoamento rarefeito e pontual, ligado a uma agricultura de subsistência.

A atividade econômica dos posseiros baseava-se nos cultivos de subsistência, com técnicas rudimentares da agricultura itinerante.

Apesar do povoamento ser difuso e rarefeito na área, é possível ter havido um certo contacto entre os posseiros. A este propósito Líliana Laganá Fernandes, quando analisa os Bairros Rurais do Município de Limeira (1972, 47), assim escreve. "É possível que já a partir desses posseiros tivessem se esboçado os primeiros "grupos de vizinhança" na área, pois que, por ocasião do 1º Recenseamento de Constituição, referente ao ano de 1822 (Cf. Busch, 1967, 29), que interessa também as terras que compõem o atual município de Limeira, os moradores foram recenseados por "bairros": são citados os "bairros" do Rio Acima, Morro Azul, Pinhal, Geada, La-

goa Nova, Tatu". Destes, os "Bairros" do Rio Acima e Morro Azul estavam localizados na área do atual município de Cordeirópolis. (figura 4)

Profundas modificações ocorreram na área, com a introdução da cultura canavieira, ligada ao abastecimento do mercado internacional.

Com a cana-de-açúcar ocorre uma intensificação do povoamento e abertura da área, para o comércio internacional de produtos agrícolas.

Segundo Tereza Petrone (1968, 41) "No quadrilátero formado por Sorocaba, Piracicaba, Mogi-Guaçu e Jundiaí, área de eleição da cana-de-açúcar, em São Paulo, na segunda metade do século XVIII e na primeira do século XIX, e que já, em 1797, produzia 83.435 arrobas destinadas à exportação, destacam-se duas áreas: Itu e Campinas. Não nos devemos esquecer, entretanto, de que a cana-de-açúcar estava disseminada por toda a área, em maior ou menor densidade."

As terras pertencentes ao atual município de Cordeirópolis estavam contidas neste quadrilátero.

A fase de expansão da cana-de-açúcar na área, vai de 1765 a 1850, segundo M. T. Petrone (1968, 10). "Com o aumento cada vez maior do produto no comércio e uma queda na produção das Antilhas, a produção mundial de açúcar era menor que o "consumo", fazendo com que o preço se elevasse - esta foi a motivação do plantio de cana-de-açúcar no Estado de São Paulo."

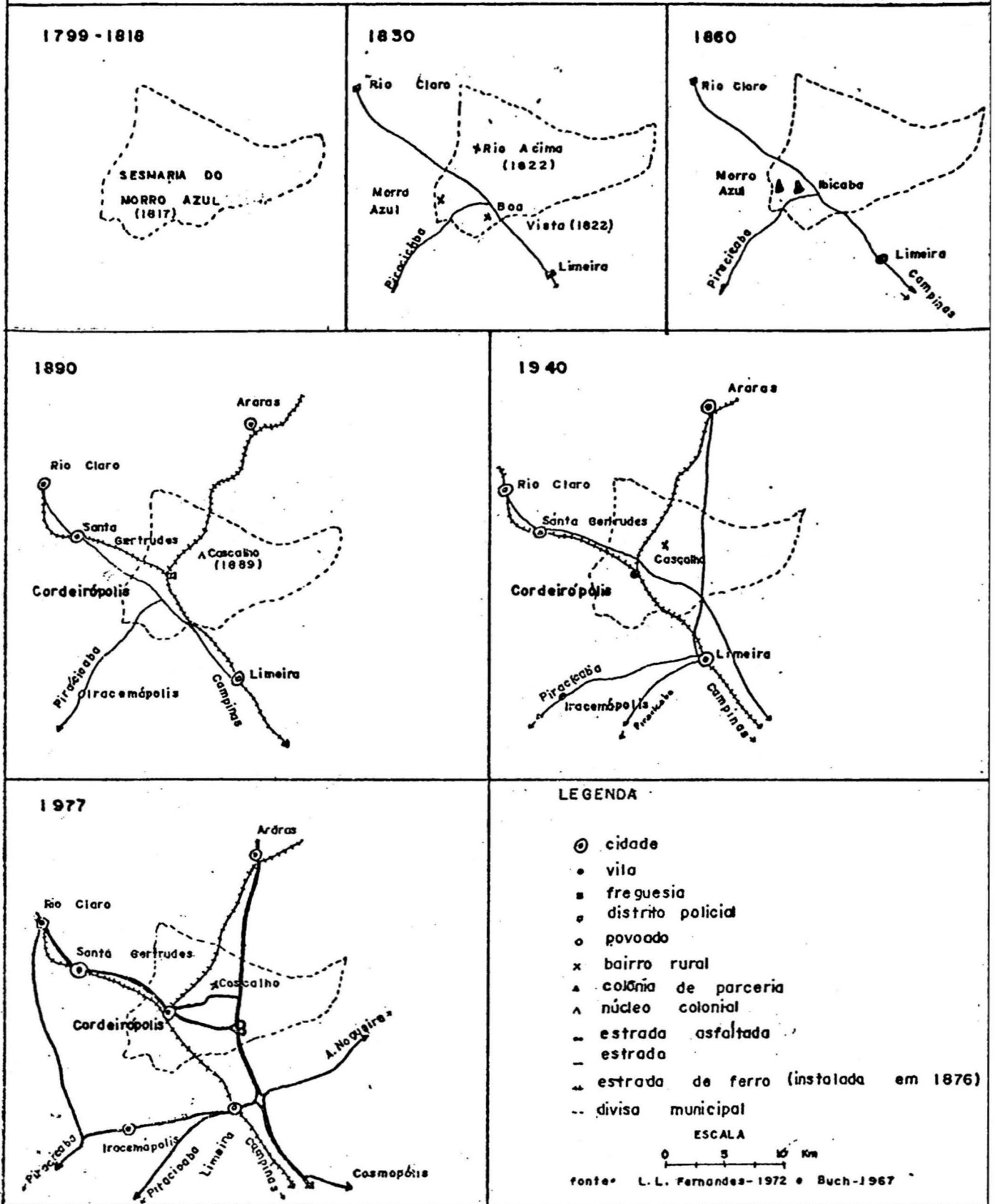
A cana-de-açúcar era plantada com técnicas primitivas de cultivo itinerante, com rotação simples de terras. Com estas características de cultivo, o aumento da produção exigia grandes espaços constituídos de solos férteis. A área pertencente ao atual município de Cordeirópolis interessava diretamente ao cultivo da cana, devido à existência de terras devolutas formada de solos férteis e relevo suave.

Com a cana-de-açúcar origina-se uma organização agrária. Com ela, desenvolve-se toda uma infra-estrutura, com concessão de sesmarias, emprego de capital, construção de estradas, aumento da população, pela necessidade de mão-de-obra na lavoura.

As propriedades canavieiras surgiram, princi

EVOLUÇÃO DOS MEIOS DE TRANSPORTE NO MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS E ÁREAS PRÓXIMAS

FIG. 4



palmente, por sesmarias, mas também pela posse, por herança e por compra, havendo, muitas vezes, mais de dois tipos de aquisição. Nesta ocasião, a doação de sesmaria não era muito dificultada, devido à existência de muitas terras devolutas. A estrutura fundiária, deste modo, era caracterizada pela concentração de terras originárias da concessão das sesmarias.

Uma das sesmarias que abrangia a área de estudo, foi adquirida por Nicolau Pereira de Souza Vergueiro. "Em Piracicaba, em 1807, de sociedade com o sogro José de Andrade Vasconcelos, conseguiu a sesmaria da qual se tornou - único proprietário, e onde estabeleceu o engenho de açúcar que recebeu o nome de Limoeiro... Em 1817 foi demarcada e dividida a sesmaria de Morro Azul, na qual Vergueiro teve parte e onde fundou o engenho de Ibicaba." (Witter, 1974, 13-14).

Para aumentar o domínio e concentração de terras, havia, também, compra de propriedades para aglutiná-las às sesmarias." Nicolau Pereira de Campos Vergueiro & Cia. obtiveram uma rata de 800 braças de testada das terras com sítio e cultivados que tinham comprado de Paulo Francisco, às quais se acresceram novas aquisições: rata de Manoel Ferraz de Campos, posse de José Antonio (Salto do Tatu), posse de Antonio Manoel (Corrego do Cascalho) e 400 braças com um quarto na sesmaria de Ignácio de Barcellos. Vizinhos ao Engenho de Ibicaba ficavam as Fazendas do Cascalho, e de Cordeiro, de José Ferraz de Campos, e a de Manoel Ferraz de Campos... .Desa grande sesmaria do Morro Azul precedem além do Ibicaba, as Fazendas Morro Azul, Paraguaçu, Paramirim, grande parte das terras dos atuais municípios de Cordeirópolis e Iracemápolis" (Busch, 1967, 24).

Além das terras do Morro Azul, "Vergueiro - pensou em adquirir outras glebas, mas abandonou a idéia, devido à presença de vários posseiros nestas áreas" (D.Forjaz, - 1924, 18).

Ocorriam os primeiros atritos entre os sesmeiros e os posseiros. Os sesmeiros dominavam as terras mais férteis enquanto que os posseiros eram expulsos, indo à procura de áreas mais distantes ou de terrenos mais pobres da periferia. A este respeito, salientou Liliana Laganá Fernandes (1972, 51). "Estas concentrações de terras verificaram-se, como pode-se perceber pelos dados acima, pela compra de sesma -

rias ou de posses. Isto leva a crer que, nas terras melhores, os primitivos posseiros iriam ser aos poucos expulsos, indo instalar-se em outras áreas, ou então nas proximidades, naqueles terrenos mais pobres e sem proprietários."

Na área pertencente ao atual município de Cordeirópolis, definiu-se, com a introdução da cultura comercial de cana-de-açúcar, uma estrutura fundiária, ligada às grandes fazendas.

Comparando os recenseamentos (1822 e 1854), Liliansa Laganã Fernandes (1972, 52) mostra a diferença ocorrida em Limeira, depois da definição das sesmarias. "Enquanto no primeiro (1822), realizado pouco depois da concessão das sesmarias, aparecem numerosos povoadores isolados nas redondezas do Morro Azul, agrupados, como já vimos, nos bairros do Morro Azul, Rio Acima e Boa Vista, no censo de 1854, apenas 3 proprietários dizem-se moradores do bairro do Morro Azul, não existindo indicação para os outros dois bairros. Por outro lado, aparecem indicações como Fazenda Morro Azul, Fazenda Ibicaba, Fazenda São Jerônimo. A "Fazenda" viria, assim, substituir o "bairro".

Os bairros do Morro Azul, Rio Acima e Boa Vista pertenciam à área do atual município de Cordeirópolis, como pode ser verificado através da figura 4. Nesta área, a introdução da cana-de-açúcar modificou a organização do espaço agrário e definiu a malha fundiária, caracterizada por grandes propriedades, vinculadas à economia de mercado.

Para o plantio de cana-de-açúcar sempre houve preocupação com terras férteis e a existência de matas e águas. A existência de córregos era uma das exigências principais para a escolha da sede do engenho. Muitas vezes, o limite das sesmarias era feito por rios.

Outro fator que influia na escolha da área da fazenda, era o relevo, a fim de garantir o transporte da cana, que era feito "nas costas dos animais ou em carros" (Teza Petrone, 1968, 84). Quando o relevo era acidentado, os muros é que faziam o transporte. No caso da área estudada, o relevo pouco acidentado favorecia o uso de carros, para o transporte da cana do canavial ao engenho.

A preferência para a localização da fazenda,

dependia da proximidade das estradas e dos núcleos habitados. Na fazenda, além da grande parte de terras disponíveis ao cultivo itinerante de cana-de-açúcar, era preciso um espaço disponível para o cultivo de mantimentos, área de pastos e reserva de matas, a serem utilizadas nas fornalhas dos engenhos.

O plantio de cana era itinerante dentro das terras da fazenda, com rotação simples de terras. Não existia nenhuma preocupação com relação à conservação dos solos. "O crescimento da produção, principalmente do açúcar deve-se ao aumento da área cultivada e da população arícola, mas muito pouco ao aperfeiçoamento dos métodos de cultivo." (Tereza Petrone, 1968, 23).

Com base nestas características de cultivo, a exploração agrária dependia de grandes extensões de terras.

Com o incremento da cultura canavieira, houve necessidade de aumentar o número de engenhos, devido à saturação da capacidade de moagem. Conforme as condições técnicas da época, assim como da dificuldade de transporte, a área de influência dos engenhos era pequena, daí a sua proliferação na área. Alguns proprietários de terra possuíam mais de um engenho, enquanto outros passam apenas, a moer nos engenhos vizinhos. O maior número de engenhos por proprietários é explicado pelas melhores condições econômicas de alguns donos das terras.

Segundo o censo de 1826, existia já a indicação de um engenho no Bairro do Morro Azul com produção de 400 arrobas de açúcar branco, 300 do redondo, 200 alqueires de milho, 20 de feijão, 3 de arroz, 60 cabeças de gado e 70 porcos.

Os "bairros" do Rio Acima, Morro Azul e Boa Vista destacavam-se como produtores de cana-de-açúcar e outros produtos de subsistência, correspondendo à terra roxa da sesmaria do Morro Azul.

Por outro lado, os posseiros que foram expulsos das terras férteis para as áreas de solos mais pobres, fora da área do atual município, estabeleceram contactos com os sesmeiros.

Indiretamente, tais posseiros foram engajados no contexto de uma economia de mercado, dedicando-se à cultura de mantimentos, ou, esporadicamente, à da cana-de-açúcar.

car, utilizando-se de mão-de-obra familiar. Com a expansão da cultura comercial, na região, os posseiros começam a vender, muitas vezes, o excedente agrícola aos grandes proprietários. Uma outra maneira de engajamento destes posseiros, na agricultura voltada à economia de mercado, foi, através da figura do jornaleiro, que vendia sua força-de-trabalho, esporadicamente, nos engenhos. Estes jornaleiros devem ser originados de antigos posseiros, que ficaram sem terras a partir do momento da delimitação das áreas das sesmarias. Neste sentido, Liliana Laganá Fernandes (1972, 57) salienta que "Embora não tenhamos dados a respeito é provável que a existência destes jornaleiros esteja relacionado à anterior presença de posseiros, que eventualmente ficaram sem terras após a definição da propriedade rural a partir da delimitação das sesmarias."

O cultivo da cana-de-açúcar está relacionado ao modo de produção servil, onde os sesmeiros recorrem à força e à tradição para produzirem as relações de exploração submetendo o escravo a seu jugo. O escravo veio a surgir, definitivamente, na Média Depressão Periférica Paulista, com a expansão da cultura canavieira do tipo comercial para fins de exportação. Para tanto, Tereza Petrone (1968, 110) diz que em São Paulo, "Em 1813, havia para uma população livre de 160.969 habitantes, 48.245 escravos. Em 1836 a população livre era de 238.969 e a escrava de 86.933 habitantes. Isso mostra que, de 1813 a 1836 a população livre aumentou 44,7 % e a escrava 80,1 %."

Apesar da técnica rudimentar e, conseqüentemente, baixa produtividade da cultura canavieira, os grandes proprietários conseguiram acumular riqueza, devido à grande demanda do açúcar, no mercado internacional e baixo preço da terra. O maior capital empregado na fazenda constituía-se na compra de mão-de-obra servil, que, naquela época, já era restrita devido à diminuição de entrada de africanos no Brasil.

Assim, refere-se Busch (1967, 108) ao analisar a avaliação de uma propriedade de Limeira. "É interessante observar que o imóvel - sítio com engenho de cana, plantações, casa, demais benfeitorias, imensa área de terras - teve a metade do valor (7.600\$000) dos 41 escravos (15:431\$000) que representavam o capital humano-escravos. O preço médio de

um escravo, incluindo criança e adolescentes, foi de 387\$923. O preço médio de cavalos e bestas foi de 47\$500, isto é, cerca de 8 vezes menos do que o de escravos."

O prestígio do senhor de engenho estava diretamente relacionado ao número de escravos que possuía. A compra de escravos comprometia, muitas vezes, o senhor de engenho, que os comprava, com a oscilante safra de cana. A grande dívida do senhor, antes mesmo de vender sua safra, era com o abastecimento de mão-de-obra na sua propriedade. Além disso, existia o problema da perda de escravo por motivo de doença e morte. Os maus tratos para com os escravos era um dos fatores responsáveis pelo crescimento vegetativo pequeno. O senhor de engenho tinha toda a responsabilidade pela mão-de-obra utilizada na sua lavoura. Os vínculos entre senhor e escravo eram muito estreitos.

O açúcar foi o produto que contribuiu para a acumulação de riqueza na área, possibilitando a formação das principais estradas de escoamento da produção, decorrendo uma maior amplitude de comercialização.

O limite de plantio de cana-de-açúcar, dadas as condições da época, era Rio Claro, isto é explicado devido às condições de técnicas de cultivo, baixa produtividade e baixo preço do produto no mercado internacional, aliado à precariedade dos meios de transporte.

Em 1846/1847 a exportação de açúcar alcança um nível recorde de 597.551 arrobas. A partir desta data, a cana-de-açúcar tende a declinar, dando lugar à cultura cafeeira.

A cana-de-açúcar fixou-se em terras do atual município, a partir da última década do século XVIII, até por volta de 1850. É com a cana que o território passa a ser organizado, para atender à economia de mercado.

Neste período, as relações de produção são baseadas na forma senhor e escravo, nos quais o sesmeiro não só foi proprietário dos meios de produção, mas também da força de trabalho.

## 2.2 O café e as modificações na Organização Espacial da Agricultura

A partir de 1850 até 1920, o café passa a ser o principal produto comercial das terras do atual município de Cordeirópolis. Com o café, a organização do espaço passa a sofrer grandes modificações, com mudanças profundas nas relações de trabalho e tipo de mão-de-obra, técnicas de cultivo e circulação.

O declínio da cultura de açúcar, em terras da depressão, deve-se a fatores externos, com alteração do mercado internacional. Houve concorrência de novos centros produtores como as Antilhas, além da fabricação de açúcar de beterraba, difundido na Europa. "É extremamente interessante observar que o ano em que mais se exportou açúcar (1846/1847), também deve ter coincidido com o momento em que foram plantados os grandes cafezais, cuja frutificação se verifica em 1850/1851, quando a exportação de café pelo porto de Santos superou a de açúcar. Os capitais conseguidos nesse ano de maior exportação de açúcar, devem ter sido empregados no custeio de grandes plantações de café." (Tereza Petrone 1968, 224).

O café implantou-se nas terras pertencentes ao atual município de Cordeirópolis, por volta da segunda metade do século XIX, mas, em algumas fazendas, ainda persistia o plantio de cana. O café superou a cana, nas fazendas, num processo contínuo, até este último produto quase desaparecer nos solos das terras de Cordeirópolis.

O café encontrou condições ecológicas favoráveis da área, tais como clima propício, relevo suave e solo fértil.

A primeira tentativa de introduzir a lavoura cafeeira, em terras do atual município, ocorreu por volta de 1828, mas a substituição definitiva da cana pelo café, como produto comercial, ocorreu por volta de 1850. Segundo Witter (1968, 4). "O engenho do Ibicaba, inicialmente voltado para o cultivo da cana e com vistas à produção de açúcar e derivados, paulatinamente deixou este produto para experimentar o algodão e introduzir paralelamente o café pelo ano de 1828."

À medida que a cultura cafeeira instalou-se

na área de estudo, as forças produtivas são reorganizadas, libertando-se dos vínculos de uma produção colonial. Neste sentido Sérgio Buarque de Holanda (1972, 23) diz que "É particularmente no oeste da Província de São Paulo - o Oeste de 1840, não o de 1940 - que os cafezais adquirem seu caráter próprio, emancipando-se das formas de exploração agrária estereotipadas desde a era colonial no modelo clássico do engenho de açúcar."

Com a expansão do café em terras paulistas houve uma mudança nas relações de produção. A terra passa a ter sentido de exploração capitalista - a fonte dos lucros do fazendeiro.

Assim diz Sergio Buarque de Holanda (1972, 23): "É em São Paulo e ante os novos horizontes econômicos abertos com a expansão do café, que se forma uma nova raça de senhores rurais e se completa rapidamente o processo apenas começado nas regiões açucareiras com o desenvolvimento dos centros urbanos."

O capital, adquirido com o açúcar, foi transferido para a cultura do café e os capitalistas (proprietários rurais) da região de estudo descendiam, de modo geral das antigas famílias paulistas que povoaram a região.

A partir de 1850, a terra passa a ter valor como capital fundiário, através da Lei das Terras. A terra só pode ser adquirida por meio de compra, ao contrário do período canavieiro, onde predominou a doação de sesmarias e disputa de terras ocupadas pelos posseiros. Na área estudada, as propriedades já estavam juridicamente definidas, caracterizando-se pela concentração fundiária, formada por grandes empresas agrícolas. "Já em 1842, uma recomendação governamental sugeriu que era necessário tornar mais custosa a aquisição de terras, a fim de fixar trabalhadores livres nas plantações... O espírito e a letra dessa recomendação foram adotados pela Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850, que esteve na base de todo o processo de imigração e colonização havido no país durante a segunda metade do século XIX; em especial até a queda do governo monárquico." (Otávio Ianni - 1977, 7).

Alguns artigos desta lei, descritos por Otávio Ianni, revelam o caráter de instituir a terra como propriedade privada.

Art. 19 - "Ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja o de compra."

Art. 14 - "Fica o governo autorizado a vender as terras devolutas em hasta pública, ou fora dela, como e quando julgar mais conveniente, fazendo medir, dividir, demarcar e descrever a porção das mesmas terras que houver de ser exposta à venda ..."

Art. 19 - "O produto dos direitos de chancelaria e da venda das terras... será exclusivamente aplicado, 19 à ulterior medição das terras devolutas, e o 29 à importação de colonos livres, conforme artigo precedente."

Esta lei obriga o imigrante a vender a sua força de trabalho para os fazendeiros, e, com isso, o imigrante fica impedido de adquirir terras.

Até 1890, as terras do atual município de Cordeirópolis caracterizava-se pelo domínio de grandes fazendas cafeeiras. De acordo com o censo de 1854, grandes fazendas já apareciam na área como São Jerônimo, Morro Azul, Cascalho e Ibicaba.

O capital, empregado na exploração da cultura cafeeira, era bastante elevado, sendo mais caro do que a terra e as benfeitorias.

ESTADO DE SÃO PAULO

Capital Empregado numa Fazenda Cafeeira com produção de 10.000 arrobas

	1 8 9 7	valor em \$000
Fundário	150.000 pés de café.....	600:000\$
	400 alqueires de terra .....	200:000\$
	benfeitorias .....	200:000\$
	Sub total .....	1.000:000\$
EXPLORAÇÃO	Despesas com colheita, benfeitorias, Comissão de Vendas, etc .	15:000\$
	Colheita .....	15:000\$
	Carretos, seca e beneficiamento	10:000\$
	Administração e outras despesas	20:000\$
	Frete .....	20:000\$
	Comissão de 3% e carreto em Santos .....	10:000\$
	Sub total .....	90:000\$
	TOTAL .....	1.090:000\$

Fonte de dados brutos: A.d' Escagnolle, Taunay - História - vol. IX; T.I., 209

O capital de exploração do fazendeiro de café era pouco elevado, exigindo investimentos consideráveis. Deste modo, o lucro final do proprietário não era muito alto.

O maior problema enfrentado pelos fazendeiros de café era com a mão-de-obra empregada para o cultivo. Com a cessação do tráfico (em 1850), o escravo torna-se mais raro ao mesmo tempo que o café exigia um maior número de mão-de-obra. Esta defasagem entre diminuição de escravos e necessidade de aumento da mão-de-obra para cultivo do café fez com que o preço do escravo se elevasse.

Simonsen no livro História Econômica do Brasil (1941, 4) citando Louis Couty escreve que "Um bom escravo devia tratar normalmente, cerca de dois mil pés de café, produzindo obra de 100 arrobas ou 25 sacos."

Às vezes, verificava-se produção maior em certas fazendas, mas isso geralmente ocorria quando, insuficiente a mão-de-obra, era empregado maior número de escravos no tratamento de maior número de pés de café. "Eleva-se, então, a média de produção por cabeça, com grande sacrifício porém do trato do cafezal, e portanto, do volume e qualidade da colheita. De 1870 a 1878 um bom escravo masculino valia 2:200\$000 e uma mulher 1:600\$000, girando a média em torno de 2:000\$000... Nas avaliações, em fazendas de café, em 1873, a escravaria representava em geral de 40 a 50% do valor da propriedade."

A carência e o elevado preço de mão-de-obra era a maior dificuldade enfrentada pelos proprietários das fazendas cafeeiras.

O problema da falta de mão-de-obra para a lavoura cafeeira começou a ser solucionada, através da introdução de imigrantes europeus, trabalhando sob o sistema de parceria nas fazendas.

O senador Nicolau de Campos Vergueiro, homem de grande visão, com bastante prestígio público, recrutou colonos europeus para trabalhar na Fazenda Ibicaba, localizada no atual município de Cordeirópolis.

A colônia de Ibicaba foi fundada em 1840, com a vinda de 80 portugueses e suas famílias, da região do Minho, para trabalharem no cultivo de café por um sistema de

parceria, em que o colono se associava ao patrão pelo trabalho como meeiro. Não era contra o colono nacional, mas este rareava." (Buch, 1967, 185).

Esta primeira tentativa não teve êxito. Implicado em questões políticas na Revolução Liberal de 1842, Vergueiro afastou-se das atividades agrícolas. Muitos destes portugueses recrutados abandonaram a lavoura cafeeira e dedicaram-se ao comércio, nas cidades próximas.

Alguns anos depois, em 1846, foi fundada a firma Vergueiro & Cia. com o mesmo objetivo de recrutar colonos europeus, para trabalharem na lavoura cafeeira, ligada às atividades de agricultura e colonização.

Em julho de 1847, foi fundada a "Colônia Senador Vergueiro. Neste mesmo ano, a "colônia" recebeu 423 colonos alemães. Depois vieram os suíços, belgas e espanhóis e já na década de 70, os italianos." (Diana 1973, 71).

A Fazenda Ibicaba possuía 339 colonos em 1852, constituídos, na sua grande maioria, de germânicos. Nem todos os imigrantes, entretanto, dedicavam-se à agricultura, alguns possuíam outras especialidades como:

#### FAZENDA IBICABA

Profissões de Colonos Estrangeiros não dedicados à Agricultura  
(1852 - 1853)

sapateiros ....	6	ferreiro .....	1
alfaiates .....	6	barbeiro .....	1
pedreiros .....	5	marceneiro ...	1
carniceiros ...	2	tanoeiro .....	1
caldeireiro ...	1	carapina .....	1

Fonte: "Mapa dos colonos existentes na Fazenda Ibicaba."  
Annaes... 1852 - 1853, 202.

Coube à iniciativa particular, o recrutamento de mão-de-obra para ser utilizada nas fazendas cafeeiras. A contratação de colonos era procurada através de representantes de Vergueiro & Cia., nas praças européias.

Apesar da introdução do elemento europeu, na Fazenda Ibicaba, não se abandonou, de início, o trabalho es -

cravo. Porém, existia um certo preconceito dos germanos em trabalhar lado a lado com o elemento servil. Mesmo a colônia era localizada do lado extremo da senzala. "Nesse processo, a "grande lavoura" como era chamada a agricultura de exportação, revelava-se necessitada não necessariamente de escravos, mas de mão-de-obra suficientemente barata, para que as fazendas produzissem em regime de custos mínimos, respondendo assim aos limites de preços que poderiam ser pagos pelos mercados consumidores europeus, computados os lucros mínimos desejados pelos intermediários." (Martins, 1973, 49).

Os colonos europeus eram contratados para trabalhar nas fazendas cafeeiras, sob o regime de sistema de parceria, que se constituía no seguinte: o transporte era pago através de prestações de serviços dentro da fazenda. No início, o fazendeiro garantia a subsistência do colono.

Os gastos dos fazendeiros e os adiantamentos eram pagos pelos colonos, com um débito de 6%. Cada colono recebia uma quantidade de pés de café, variando, de acordo com o número de elementos da família. Cabia, ao colono, cultivar, colher e beneficiar o café, assim como plantar cereais, retirando as despesas, metade do lucro era do colono e a outra metade da firma Vergueiro & Cia.

Neste sistema, a mão-de-obra é responsável pelo pagamento de sua viagem e custeio, ao contrário do sistema anterior (escravocrata), onde todas as despesas estavam por conta do proprietário e o escravo não cooparticipava nos lucros e perdas da produção.

O sistema de parceria teve grande repercussão na Depressão Periférica Paulista, surgindo várias colônias, a maior parte constituída de elementos alemães e suíços, como mostra o quadro abaixo (tabela 1).

Com o passar dos anos, o sistema de parceria começou a definhar-se na área de estudo, ocorrendo problemas entre proprietários e colonos.

A mudança de mão-de-obra, do escravo ao emprego de imigrantes europeus, envolvia transformações bruscas, nas relações de trabalho. O fazendeiro de café ainda adaptado ao sistema de relação de trabalho escravocrata, foi compelido a se reorganizar, para enfrentar uma nova situação. "O regime

Colônias localizadas em Limeira, entre 1847 e 1857, número de famílias e de pessoas trabalhando em regime de parceria.

Colônias	Proprietários	Brasileiros		Alemães		Suiços-Alem.		Franco-Suiç.		Portugueses		Belgas	
		nºfam.	nºpes.	nºfam.	nºpes.	nºfam.	nºpes.	nºfam.	nºpes.	nºfam.	nºpes.	nºfam.	nºpes.
Sen. Vergueiro	Nicolau P. de S. Vergueiro	-	-	51	227	62	267	6	41	55	258	3	23
São Jerônimo	Fco. A. Souza Queiroz	-	-	72	306	6	42	-	-	-	-	-	-
Santa Bárbara	Fco. A. Souza Queiroz	38	203	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Morro Azul	Alf. J. Franco	8	69	1	9	-	-	2	10	9	35	-	-
Tatu	Când. J. S. Serra	-	-	8	34	-	-	-	-	27	108	-	-
Cap. Diniz	Joaquim S. Diniz	-	-	-	-	-	-	-	-	3	10	-	-
Total das 6 colônias de Limeira		46	272	132	576	68	309	8	51	94	411	3	23
Província - 26 colônias		89	511	225	1031	212	1000	39	180	160	616	18	88

tabela 1

de parceria e das colônias particulares, no seu sentido típico, mostrou-se inconseqüente com os requisitos de multiplicação do capital, sob o regime do trabalho livre, não só porque o fazendeiro orientava as suas ações a partir de representações típicas da sociedade escravocrata, mas também, porque a associação entre imigração e colonização particular não dissociava a força de trabalho e o trabalhador, alimentado desse modo, na mente do fazendeiro as concepções próprias do regime escravista." (Martins, 1973, 53-54).

Todos os desentendimentos entre fazendeiro e colono culminaram com a desintegração do sistema de parceria. Em 24 de dezembro de 1856, surgiu uma revolta dos colonos em Ibicaba, comandada pelo mestre-escola Thomas Davatz, apoiada por colonos de fazendas vizinhas, descontentes com o sistema.

O sistema de parceria era muito complexo. Os conflitos decorrentes partem dos preços do aluguel da casa, na colônia, e o alto preço dos gêneros alimentícios comprados do proprietário da terra. Além disso, existia muita flutuação no preço do café e as relações entre fazendeiros e colonos estavam sujeitas às oscilações do mercado.

Esta revolta, na Fazenda Ibicaba, teve grande repercussão tanto interna como externa, implicando na reformulação do tipo de contrato de trabalho. O sistema de parceria foi substituído pelo de locação de serviços. Surge o assalariado no meio rural, nas áreas do atual município de Cordeirópolis.

Assim descreve Witter (1974, 30) "Se a revolta de Ibicaba em 1857 não apresentou conseqüências imediatas e de vulto, cremos no entanto, ter sido o fator decisivo das modificações profundas que se processaram principalmente naquela fazenda, pois a escrituração do estabelecimento correspondente a 1862 a 1865 demonstra que logo após 1857 nela foi adotado o regime de trabalho assalariado. Além das modificações que parece ter forçado ali, o movimento chegou também a repercutir na Europa com a publicação do livro de Davatz. Tão acatado foi o relatório apresentado pelo mestre-escola que, em 1859, surge na Prússia o escrito de Heydt, proibindo a saída de imigrante para todo o Brasil, em especial para a província de São Paulo."

Apesar do fracasso do sistema de parceria, foi válida a iniciativa do Senador Vergueiro na introdução de colonos europeus para trabalharem nas fazendas cafeeiras de São Paulo. É devido à iniciativa de Vergueiro que Ibicaba, uma das fazendas contidas no atual município de Cordeirópolis, ficou célebre como introdutora do braço europeu e do sistema de parceria na província de São Paulo.

O elemento alemão e suíço-alemão foi substituído pelo imigrante italiano, a partir de 1870. O trabalho assalariado relaciona-se ao aumento de imigração italiana, em terras da Depressão Periférica Paulista, suprimindo a lavoura cafeeira com um novo contingente de mão-de-obra.

Em Ibicaba e nas outras fazendas pertencentes à área de estudo, o sistema de parceria foi substituído pelo regime de "colonato". Este regime compreendia um salário fixo pelo trato do cafezal, um variável pela colheita e condições para o plantio de gêneros de primeira necessidade. O regime de "colonato" significa uma vantagem para o responsável pela exploração, isto é, o proprietário de terras, que consegue diminuir os custos de mão-de-obra na produção agrícola. Este regime contribuiu para a formação de um mercado de trabalho. Neste sentido, Wilson Cano (1977, 40), quando analisa as raízes da concentração industrial, em São Paulo, compara o regime escravocrata ao do "colonato". No regime anterior, o escravo significava um capital fixo (pela sua compra) e/ou um custo fixo (pelo seu aluguel ou manutenção); o regime de trabalho livre, aquele capital fixo passava a circulante (para o financiamento de seus salários, até a venda da produção) e os custos eram agora repartidos com duas parcelas: uma fixa, pelo trato do cafezal e uma variável pela colheita. Essa mudança, diminuindo as immobilizações financeiras do fazendeiro, rebaixava também suas despesas financeiras com juros."

Com a instauração do regime de "colonato" nas fazendas, a produtividade é aumentada, refletindo-se assim, "numa diminuição dos custos fixos dos salários por unidade produzida." (W. Cano, 1977, 40). O colono transforma-se num assalariado agrícola, cuja força de trabalho é vendida ao proprietário dos meios de produção (o fazendeiro). O recruta-

mento de imigrante para trabalhar nas fazendas cafeeiras influenciou num aumento significativo da população da área. Em Limeira, com a imigração, houve um aumento considerável da população. No ano de 1874, já tínhamos uma população de 14.283 habitantes, representando um acréscimo de 183,1 % sobre os totais de 1854 em 1886, a população alcançava 15.879 habitantes.

As fazendas cafeeiras localizadas na área de estudo, constituía-se, com suas colônias, numa célula ativa. Existia toda uma infra-estrutura para garantir um escoamento do produto cultivado: terreiro, máquina de beneficiamento de café, fábrica de instrumentos agrícolas. Segundo Djalma Forjaz (1924, 59) "A cultura com arado foi introduzida na fazenda Ibicaba em 1847, mas esta prática só foi difundida na região por volta de 1870!"

Na fazenda, o café não se constituía numa monocultura. Enquanto o cafezal era recente, usava-se as ruas entre as plantas para o cultivo de cereais. As fazendas, na realidade, tinham como produto comercial o café, mas cultivavam cereais - constituíam-se numa unidade de produção polivalente.

Apesar da cultura cafeeira constituir-se na base econômica da fazenda, os colonos plantavam cereais e hortaliças. O excedente destes produtos, cultivados nas ruas dos cafezais ou em lotes separados, eram vendidos nas cidades próximas (Limeira e Rio Claro).

~~Alguns colonos, no entanto, dedicavam-se ao comércio, vendendo os produtos diretamente para as cidades.~~ Outros colonos fixaram-se nas cidades, dedicando-se, principalmente, ao comércio. "A influência dos colonos, no pequeno comércio local, aliás, fez-se sentir mesmo durante sua permanência nas fazendas de parceria. Pelo contrato, o colono recebia uma determinada área para nela praticar culturas para o seu sustento." (Liliana L. Fernandes, 1972, 68).

Outra mudança significativa ocorrida na área, foi a substituição do transporte arcaico de muares para a ferrovia. No entanto, na área, o café precedeu a ferrovia. De fato, "Em 1865 Ibicaba possuía 1.250.000 pés de café, e a Angélica 350.000. Os produtos destas fazendas eram exportados para Santos, em lombo de burro, num trajeto de 36 léguas. Para

esse transporte, não bastavam as suas tropas de 120 muares; e os tropeiros de fora, como os filhos do sargento mór Marcelle no de Godoy, os Athaydes, e a tropa do Barão de Cascalho iam ganhar a condução desses produtos, para assim poder dar vasão e tempo e a hora." (Cmrc . "Acta da Secção Extraordinária, de 16 de novembro de 1854" - livro nº 3 - 1857 (M.S.)

O aumento da produção cafeeira influenciou na expansão da estrada de ferro. A ferrovia seria o transporte melhor adaptado ao escoamento da produção agrícola da área de estudo.

Com a construção da Estrada C.P.E.F.- Companhia Paulista de Estrada de Ferro, em 1876, a parada de Cordeirópolis adquire forças para desenvolver-se. A estrada de ferro seria o transporte utilizado para garantir o escoamento do café e pela qual viriam os imigrantes italianos. No entanto, deve-se salientar que "Nesta época, apesar do aumento de sua produção cafeeira (200.000 arrobas em 1886) Limeira tinha perdido a liderança na região da Paulista, graças ao aumento muito mais significativo de áreas localizadas mais a oeste, na linha da E. F. Paulista." (Liliana L. F., 1972, 73).

Nas fazendas, devido aos métodos precários de cultivo, o aumento da produção do café implicava no aumento do espaço plantado. A expansão da cafeicultura na região, obedecia à motivação do mercado internacional. Sendo um cultivo onde os preços alcançados eram incentivadores da produção, cada vez mais o café avança em espaços ocupados anteriormente pelas matas ou com a agricultura de subsistência. Deste modo, ocorre uma falta de gêneros alimentícios na região e uma consequente alta nos seus preços. O cultivo de gêneros de primeira necessidade, nas fazendas localizadas em Cordeirópolis, não são suficientes para o seu sustento. Muitas vezes, as próprias fazendas passaram a comprar os cereais de outras regiões.

A alta do preço dos gêneros alimentícios ocorreu após 1850, quando a cultura canavieira foi substituída pelo café. "O feijão, que na zona de Jundiaí e Campinas nunca fora vendido a mais de \$800 o alqueire e que, mesmo durante a revolução liberal de 42, com a alta provocada nos preços, era oferecido a 1\$000 subira em 1857 a 20\$000! (Sergio Bu

arque de Holanda, 1972, XXV).

Por outro lado, o café adquiriu uma grande alta no preço entre "1855 e 1875, subiu de 4\$200 para 10\$200, ou seja, teve um preço aumentado em 142 %." (E. V. da Costa - 1966, 134).

Nas "colônias" das fazendas, existia uma ociosidade de força de trabalho livre, que não era absorvida plenamente, devido à diferença sazonal da utilização de mão-de-obra, durante o ano agrícola. É na colheita que a exigência de mão-de-obra, no campo, atinge o seu máximo. No preparo e trato da lavoura, os serviços não comportam o uso total da força de trabalho.

A fim de que se incentivasse uma policultura, voltada ao abastecimento do mercado interno emergente e, de outro lado, que suprisse as exigências de mão-de-obra, na época da colheita do produto comercial de exportação, foram criados os "núcleos coloniais".

Muitos autores já expressaram a existência de uma relação entre a formação dos "núcleos coloniais" no Estado de São Paulo e a necessidade de garantir uma mão-de-obra reserva, para ser utilizada na colheita do café. Estes autores são: Pierre Denis (s/d, 215), Nice Lecocq Muller (1951, 27) Pasquale Petrone (1966, 107), Adilson Avansi de Abreu (1969, 69) Lilitana Laganá Fernandes (1972, 74) e José de Souza Martins (1973, 63).

Estes "núcleos coloniais" foram fundados em propriedades adquiridas pelo Estado e, posteriormente, loteadas para serem distribuídas aos imigrantes, os quais pagavam a propriedade em pequenas parcelas.

Dos "núcleos coloniais" formados no Estado de São Paulo, destacamos o de Cascalho, numa área até então totalmente dominada pelas grandes fazendas cafeeiras.

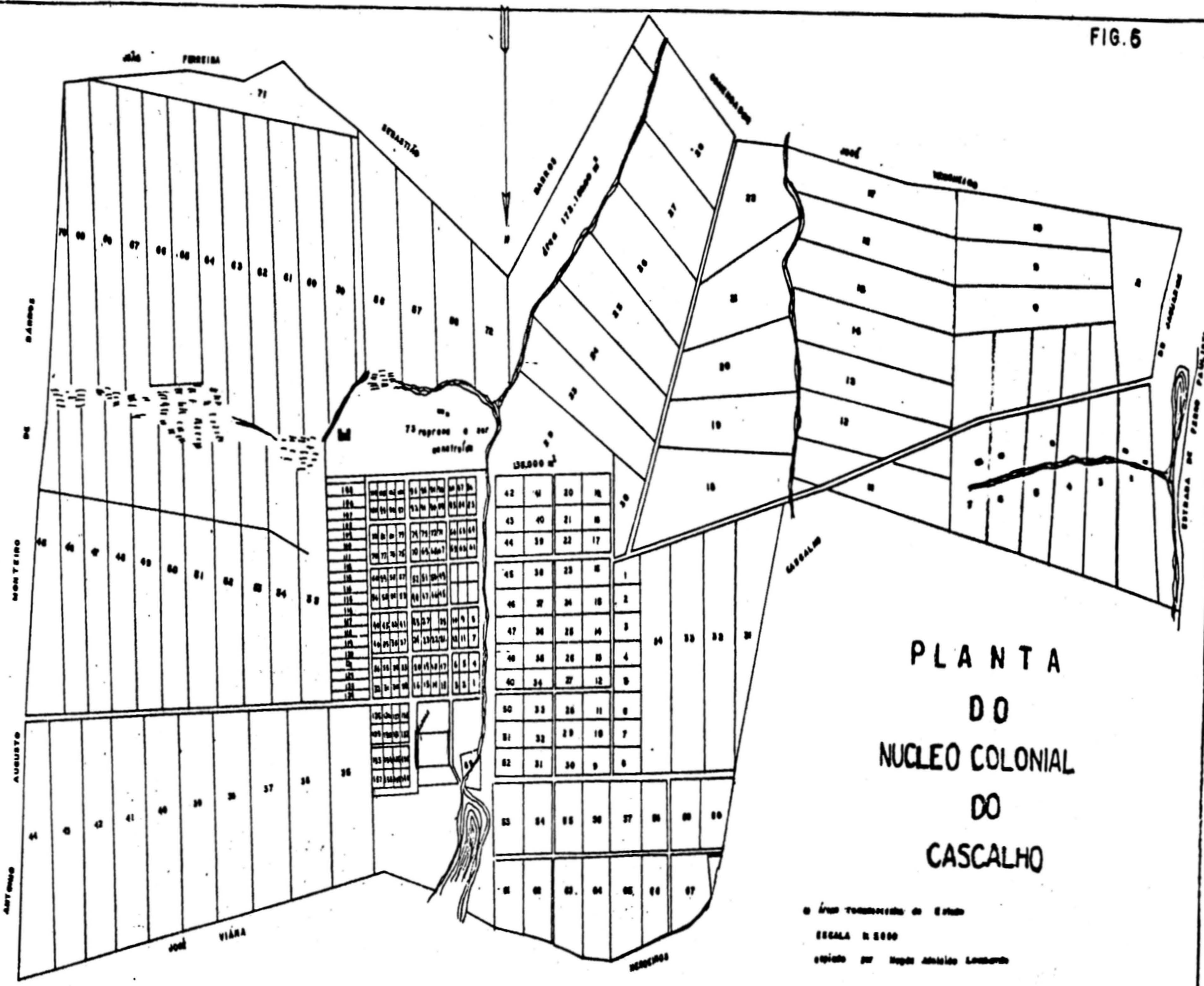
O "núcleo" de Cascalho foi fundado em 1889, resultado do loteamento da "Fazenda Cascalho" (pertencente ao Barão do Cascalho) localizada em terras da antiga sesmaria do Morro Azul.

Contava inicialmente com 47 propriedades, sendo cada uma subdividida em três lotes, os urbanos (com 1.925 a 5.980 m<sup>2</sup>), os suburbanos (variando de 10.000 a 11.875 m<sup>2</sup>) e

FIG. 6

ÁREAS DOS LOTES

PUBAN		USUÁRIOS				RESERVAÇÃO			
Nº	Área	Nº	Nome	Nº	Área	Nº	Área	Nº	Área
1	1000	1	...	1	...	1	...	1	...
2	1000	2	...	2	...	2	...	2	...
3	1000	3	...	3	...	3	...	3	...
4	1000	4	...	4	...	4	...	4	...
5	1000	5	...	5	...	5	...	5	...
6	1000	6	...	6	...	6	...	6	...
7	1000	7	...	7	...	7	...	7	...
8	1000	8	...	8	...	8	...	8	...
9	1000	9	...	9	...	9	...	9	...
10	1000	10	...	10	...	10	...	10	...
11	1000	11	...	11	...	11	...	11	...
12	1000	12	...	12	...	12	...	12	...
13	1000	13	...	13	...	13	...	13	...
14	1000	14	...	14	...	14	...	14	...
15	1000	15	...	15	...	15	...	15	...
16	1000	16	...	16	...	16	...	16	...
17	1000	17	...	17	...	17	...	17	...
18	1000	18	...	18	...	18	...	18	...
19	1000	19	...	19	...	19	...	19	...
20	1000	20	...	20	...	20	...	20	...
21	1000	21	...	21	...	21	...	21	...
22	1000	22	...	22	...	22	...	22	...
23	1000	23	...	23	...	23	...	23	...
24	1000	24	...	24	...	24	...	24	...
25	1000	25	...	25	...	25	...	25	...
26	1000	26	...	26	...	26	...	26	...
27	1000	27	...	27	...	27	...	27	...
28	1000	28	...	28	...	28	...	28	...
29	1000	29	...	29	...	29	...	29	...
30	1000	30	...	30	...	30	...	30	...
31	1000	31	...	31	...	31	...	31	...
32	1000	32	...	32	...	32	...	32	...
33	1000	33	...	33	...	33	...	33	...
34	1000	34	...	34	...	34	...	34	...
35	1000	35	...	35	...	35	...	35	...
36	1000	36	...	36	...	36	...	36	...
37	1000	37	...	37	...	37	...	37	...
38	1000	38	...	38	...	38	...	38	...
39	1000	39	...	39	...	39	...	39	...
40	1000	40	...	40	...	40	...	40	...
41	1000	41	...	41	...	41	...	41	...
42	1000	42	...	42	...	42	...	42	...
43	1000	43	...	43	...	43	...	43	...
44	1000	44	...	44	...	44	...	44	...
45	1000	45	...	45	...	45	...	45	...
46	1000	46	...	46	...	46	...	46	...
47	1000	47	...	47	...	47	...	47	...
48	1000	48	...	48	...	48	...	48	...
49	1000	49	...	49	...	49	...	49	...
50	1000	50	...	50	...	50	...	50	...
51	1000	51	...	51	...	51	...	51	...
52	1000	52	...	52	...	52	...	52	...
53	1000	53	...	53	...	53	...	53	...
54	1000	54	...	54	...	54	...	54	...
55	1000	55	...	55	...	55	...	55	...
56	1000	56	...	56	...	56	...	56	...
57	1000	57	...	57	...	57	...	57	...
58	1000	58	...	58	...	58	...	58	...
59	1000	59	...	59	...	59	...	59	...
60	1000	60	...	60	...	60	...	60	...
61	1000	61	...	61	...	61	...	61	...
62	1000	62	...	62	...	62	...	62	...
63	1000	63	...	63	...	63	...	63	...
64	1000	64	...	64	...	64	...	64	...
65	1000	65	...	65	...	65	...	65	...
66	1000	66	...	66	...	66	...	66	...
67	1000	67	...	67	...	67	...	67	...
68	1000	68	...	68	...	68	...	68	...
69	1000	69	...	69	...	69	...	69	...
70	1000	70	...	70	...	70	...	70	...
71	1000	71	...	71	...	71	...	71	...
72	1000	72	...	72	...	72	...	72	...
73	1000	73	...	73	...	73	...	73	...
74	1000	74	...	74	...	74	...	74	...
75	1000	75	...	75	...	75	...	75	...
76	1000	76	...	76	...	76	...	76	...
77	1000	77	...	77	...	77	...	77	...
78	1000	78	...	78	...	78	...	78	...
79	1000	79	...	79	...	79	...	79	...
80	1000	80	...	80	...	80	...	80	...
81	1000	81	...	81	...	81	...	81	...
82	1000	82	...	82	...	82	...	82	...
83	1000	83	...	83	...	83	...	83	...
84	1000	84	...	84	...	84	...	84	...
85	1000	85	...	85	...	85	...	85	...
86	1000	86	...	86	...	86	...	86	...
87	1000	87	...	87	...	87	...	87	...
88	1000	88	...	88	...	88	...	88	...
89	1000	89	...	89	...	89	...	89	...
90	1000	90	...	90	...	90	...	90	...
91	1000	91	...	91	...	91	...	91	...
92	1000	92	...	92	...	92	...	92	...
93	1000	93	...	93	...	93	...	93	...
94	1000	94	...	94	...	94	...	94	...
95	1000	95	...	95	...	95	...	95	...
96	1000	96	...	96	...	96	...	96	...
97	1000	97	...	97	...	97	...	97	...
98	1000	98	...	98	...	98	...	98	...
99	1000	99	...	99	...	99	...	99	...
100	1000	100	...	100	...	100	...	100	...

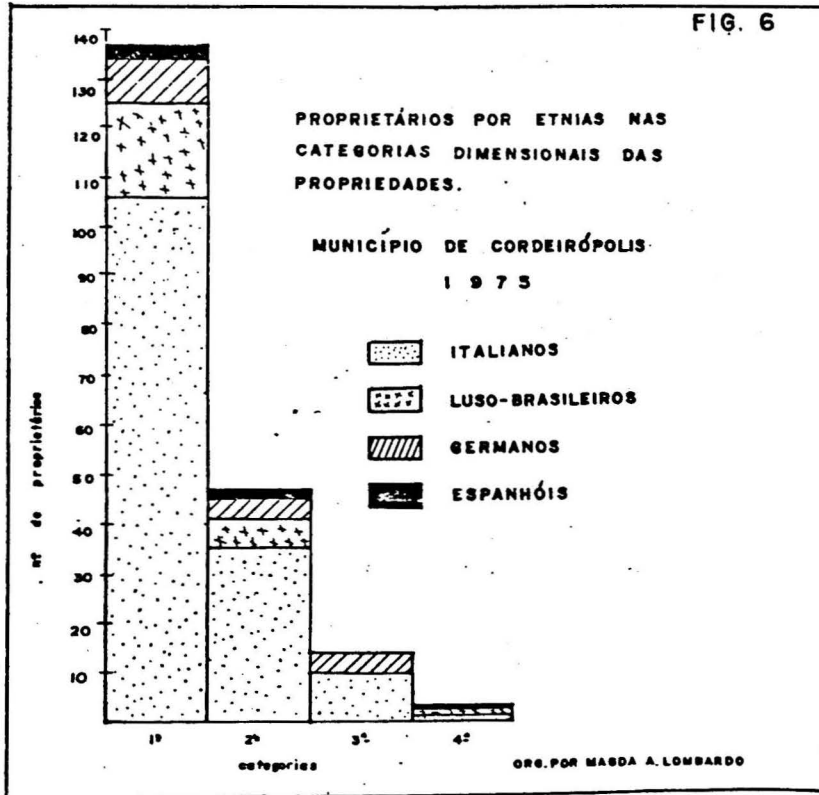


PLANTA  
DO  
NUCLEO COLONIAL  
DO  
CASCALHO

o Área totalizada de 10000  
ESCALA 1:5000  
elaborado por Hugo António Loureiro

os rurais (de 41.899 a 100.000 m<sup>2</sup>), (figura 5).

Na sua grande maioria, o núcleo teve como grupo de origem os italianos e uma pequena minoria de suíços e alemães vindos da Fazenda Ibicaba, assim como alguns luso-brasileiros. Ainda hoje, a presença de descendentes de italianos é muito significativa, tanto em Cascalho como em todo o município de Cordeirópolis. (figura 6)



De acordo com o relato da Senhora Josefina Dadalti Rosolen, 92 anos de idade, (figura 7) "muitos negros antigos escravos da Fazenda Cascalho fixaram-se no núcleo e trabalhavam nas fazendas vizinhas, como diaristas, no tratamento e colheita dos cafezais." Os negros arraigados às relações de produção escravocrata, não se adaptavam às pequenas propriedades do "núcleo".

Confirma a Senhora que "o negro achava mais interessante trabalhar nas fazendas do que por conta própria."

FIG. 7



O "núcleo" do Cascalho contribuiu para o aumento populacional da área, dando-lhe mais dinamismo. Em 1899, pela Lei nº 645 foi criado (graças em grande parte ao "Núcleo") o Distrito de Paz de Cordeiro.

Até por volta de 1930, o "núcleo" constituiu-se numa célula ativa de pequenos proprietários imigrantes italianos, no seio de grandes fazendas cafeeiras. Havia um centro religioso e recreativo, dois açougues, uma loja, oito armazéns, uma padaria, duas farmácias, fábrica de macarrão, de cerveja, de sabão. Além destas fábricas citadas, havia três engenhos de pinga, máquina de beneficiamento de arroz e de milho, evidenciando, assim, a proliferação de plantio de cereais.

Com a fixação destes colonos italianos e descendentes houve uma maior variedade de cultivos devido a influência de novos hábitos alimentares. No "núcleo", a agricultura era caracterizada pelo plantio de cereais (arroz, feijão, algodão, milho) frutas e hortaliças, além de criarem alguns animais para o consumo interno.

O excedente dos produtos cultivados era vendido nas fazendas e nas cidades próximas. Além de se dedicarem ao cultivo de gêneros de primeira necessidade, a fim de garantir o abastecimento, alguns dos pequenos proprietários

do "núcleo", cultivavam o café, que era vendido nas fazendas. Por outro lado, os pequenos proprietários e suas famílias eram requisitados para trabalharem como diaristas, nas fazendas de café, na época da colheita.

Os colonos do Cascalho eram arregimentados sem vínculos empregatícios, constituindo-se em trabalhadores temporários que vendiam a força de trabalho para os grandes fazendeiros de café.

O "núcleo colonial" do Cascalho foi criado num domínio típico de grandes fazendas, de modo que a sua existência estava relacionada aos interesses de mão-de-obra reserva e como abastecedor da região carente de gêneros de primeira necessidade.

Com a instalação do núcleo colonial na área define-se a malha fundiária das terras pertencentes ao atual município de Cordeirópolis. As grandes fazendas voltadas à cultura de exportação predominam em área, enquanto que na parte central ocorre um nicho de pequenos proprietários formado pelo "núcleo" do Cascalho.

### 2.3 A decadência do café e o desenvolvimento da policultura

O café, principal produto comercial da área do atual município de Cordeirópolis, recebeu em toda a sua trajetória, grande oscilação de preços. Produto típico tropical de exportação, a rubiácea submetia-se aos processos internacionais de comercialização, atingindo diretamente os fazendeiros, despreparados para enfrentar flutuações de preços, deixando-os inseguros quanto ao lucro da colheita.

Aliado à crise da comercialização do café, outros fatores contribuíram para o declínio da produção, tais como: as geadas que afetaram bruscamente a produção; técnicas primitivas de cultivos fazendo com que novos espaços fossem conquistados.

Nos primeiros anos do século XX, a região de Limeira já sentia a decadência da lavoura cafeeira. O café avançava para o oeste à procura de novas terras férteis.

A partir de 1900, a economia da área se resente da crise provocada pela superprodução, aliada aos "café

zais velhos" da região que mostrava sinais de abandono. Devido a estes motivos, a área não apresentava mais atrativos para os imigrantes, cuja preferência voltava-se para áreas mais novas.

Estado de São Paulo

Entrada de Imigrantes Estrangeiros em alguns municípios do Estado de São Paulo - 1895-1911.

	1895	1898	1904	1908	1911
Araras	914	298	120	132	310
Limeira	1013	276	37	116	43
Rio Claro	2523	488	29	296	333
Campinas	----	1164	---	503	1204
Botucatu	3143	358	142	281	724
Rib. Preto	1576	2146	1243	2847	1717

Fonte: José Alexandre F. Diniz - "Evolução das Propriedades Agrícolas do Município de Araras, 1850-1965 Campinas - 1971, 538

A tabela reflete o declínio da entrada de imigrantes em Limeira, a partir de 1898 e, o incremento de um contingente na região de Ribeirão Preto.

Prolongou-se por várias décadas a situação desfavorável na comercialização do café, provocando superprodução. Aliado a este fenômeno, as geadas e o empobrecimento do solo contribuíram para a crise constante na economia cafeeira, atingindo seu ápice com a crise de 1929.

Na área pertencente ao atual município de Cordeirópolis, o café deixava marcas na paisagem rural. Com a crise na comercialização do café, as propriedades agrícolas

tiveram que se adaptar a outros tipos de produtos comerciais, mas a malha fundiária e a organização interna das propriedades estavam definidas.

A duração da economia cafeeira nas terras de Cordeirópolis se estendia, mais ou menos de 1850 a 1920, muito embora desde fins do século passado o café já caminhasse para o 2º oeste paulista, na Região de Ribeirão Preto.

Antonio Olivio Ceron (1968, 34) constata que "Em 1886, a produção de café do município (de Limeira) fôra de 200.000 arrobas ao passo que, em 1920, fôra de 167.240. Depois de 1929 quando a crise cafeeira se abatia sobre São Paulo, a importância da economia do café, para o município de Limeira, descia a níveis mínimos. Cafezais eram cortados e substituídos pela cana-de-açúcar, laranja e algodão. Em 1940, o número de cafezais plantados caía para 5.800.000 e, em 1950, para 1.318.000. A diminuição porcentual em relação ao ano de 1920 foi de 33,8% e 85,1 % respectivamente."

Quando ocorria crises de produção do café, a economia e a sociedade de Cordeirópolis não entravam em decadência nem estagnavam. A agricultura começa a se diversificar, ocorrendo também processo de fragmentação das propriedades rurais. (figura 8).

De fato, Sérgio Milliet e Carlos Manuel Pe-laéz (1946, 54), analisando a substituição do café por outras culturas no Estado de São Paulo, escrevem que "Em ambas as zonas Mogiana e Paulista, a decadência do café teve por consequência não o abandono das terras, como na zona do norte, mas o ensaio de outras culturas substitutivas. A rede de estradas de ferro e de rodagem, que se abriu atrás da invasão cafeeira, constituirá raízes bastante profundas para uma permanência do progresso, as facilidades de comunicação compensando rendimentos mais fracos. A citricultura e o algodão se instalaram... A indústria também vai aos poucos penetrando nos centros mais favoráveis ao seu desenvolvimento e o fenômeno da redistribuição das terras vai operar-se em breve com a venda de lotes dos grandes latifúndios que o café não sustenta mais". É neste contexto que o algodão, a laranja e a cana-de-açúcar se expandiram nas áreas pertencentes ao atual município de Cordeirópolis, substituindo a economia cafeeira.



Incentivado pelas boas ofertas do mercado internacional, devido ao grande desenvolvimento da indústria têxtil, é o algodão que ao lado de produtos de subsistência, começa a aparecer nas propriedades da área de estudo, substituindo o café. "Não fora isso, o algodão não teria atraído para si tantas energias nem tantos recursos como as que atraiu." (Mattos, 1954, 269).

A cultura do algodão teve curta permanência na área, concorrendo para isso a instabilidade de preços no mercado internacional. Segundo dados dos Recenseamentos, o algodão conheceu, em Limeira, a seguinte evolução:

ANO	PRODUÇÃO (Toneladas)
1920	997
1940	6.127
1950	1.673
1960	90

O algodão ficou sendo o produto de transição entre o café e a cana-de-açúcar, no período de 1920 a 1940. A expansão da agricultura algodoeira ocorreu com mais frequência nas grandes propriedades da área de estudo, num processo descontinuo, nas vagas deixadas pelos cafezais velhos.

Por outro lado, nas pequenas propriedades do "núcleo", intensificou-se a cultura de cereais, tendo como objetivo o abastecimento interno, uma vez que a zona urbana crescia. Além destes cultivos, desenvolvia-se, no "núcleo" do Cascalho, a criação do bicho-da-seda, naquelas pequenas propriedades, com mão-de-obra familiar.

Fatores externos, como a procura do produto no mercado internacional, associado a fatores internos, como a mão-de-obra qualificada é que motivaram a criação do bicho-da-seda.

As amoreiras eram plantadas sem muita orientação técnica de cultivo, sendo que a média de criação, por ano, girava em torno de três. Aliada à expansão desta atividade no bairro do Cascalho, foram instaladas fiações destinadas à extração do fio da seda, para a indústria têxtil.

O período de permanência da criação do bicho

-da-seda foi muito curto, iniciando-se por volta de 1930 e terminando na segunda Guerra Mundial. Logo após a Grande Guerra, com a concorrência das fibras artificiais e a estagnação do mercado mundial de seda pura, a criação do bicho-da-seda extinguiu-se no bairro.

#### 2.4 A policultura e a expansão da citricultura no bairro do Cascalho

É a cultura de citrus que, desde a crise do café, vai ter destaque econômico como principal atividade do bairro do Cascalho. No entanto, as pequenas propriedades sempre se caracterizaram por serem policultoras, dedicando-se ao cultivo de mudas, de árvores frutíferas assim como de cereais.

Na época da economia cafeeira existiam pequenos pomares de laranja no bairro do Cascalho, sendo que havia um pequeno comércio de frutas, vendidas nas fazendas e nas cidades próximas.

A citricultura vem substituir as culturas anuais no bairro do Cascalho, passando a ser o principal produto comercial. Com a expansão da cultura da laranja, nas pequenas propriedades, os cereais passaram a uma posição secundária, na comercialização, colocando-se na situação de produtos de subsistência familiar, sendo que somente o excedente passa a ser comercializado.

A cultura da laranja toma impulso na área a partir de 1928. Segundo Ceron (1968, 39)"... por volta de 1925 a 1928, graças à iniciativa de Mario de Souza Queiroz e José Levy Sobrinho dois fazendeiros do município de Limeira, iniciava-se o plantio dos primeiros laranjais, cuja produção seria destinada a comercialização."

A expansão da citricultura no bairro do Cascalho está diretamente associada ao incremento da exportação. Em 1926, ocorreu a primeira exportação para a Europa, com um total de 162.087 caixas. (dados da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo).

A partir de então, a citricultura vem adquirindo expressão econômica no bairro. O período de queda da pro

dução ocorreu somente na II Guerra Mundial e também, quando da propagação da doença chamada "tristeza" que dizimou vários pomares.

O Estado incentivou a expansão e melhoramento da qualidade da citricultura, graças à criação da Estação Experimental de Citricultura (em 1928), localizada no então município de Limeira. Esta iniciativa mostra a importância desta área citrícola, dentro do contexto nacional e a preocupação do Estado em incentivar a exportação da laranja, visto que a economia cafeeira apresentava sinais de decadência.

O poder municipal de Limeira colaborou com o Estado, doando 72,6 hectares para a instalação da Estação Experimental. A estação, localizada em Cascalho, vai ter importância decisiva na fixação da citricultura como principal atividade comercial do bairro. É através dela que os pequenos proprietários do bairro podem adquirir aprimoramento técnico de plantio de mudas e tratamento do pomar. Por outro lado, a Estação Experimental empregou um contingente de mão-de-obra do próprio bairro para trabalhar no aperfeiçoamento das mudas e nas pesquisas ligadas ao tratamento do pomar. Neste sentido, se estabelece o vínculo entre o dono da exploração da propriedade com a Estação Experimental.

A economia citrícola da área se apoiava no comércio de exportação, sendo que "Em 1936, Limeira produziu 1.052.000 caixas de frutas cítricas e exportou um total de 485.228 caixas ou cerca de 46 % daquele total." (Ceron, 1968, 61 - 62).

Com a II Guerra Mundial, a partir de 1939, a exportação da laranja caiu grandemente, afetando a comercialização da produção de Limeira.

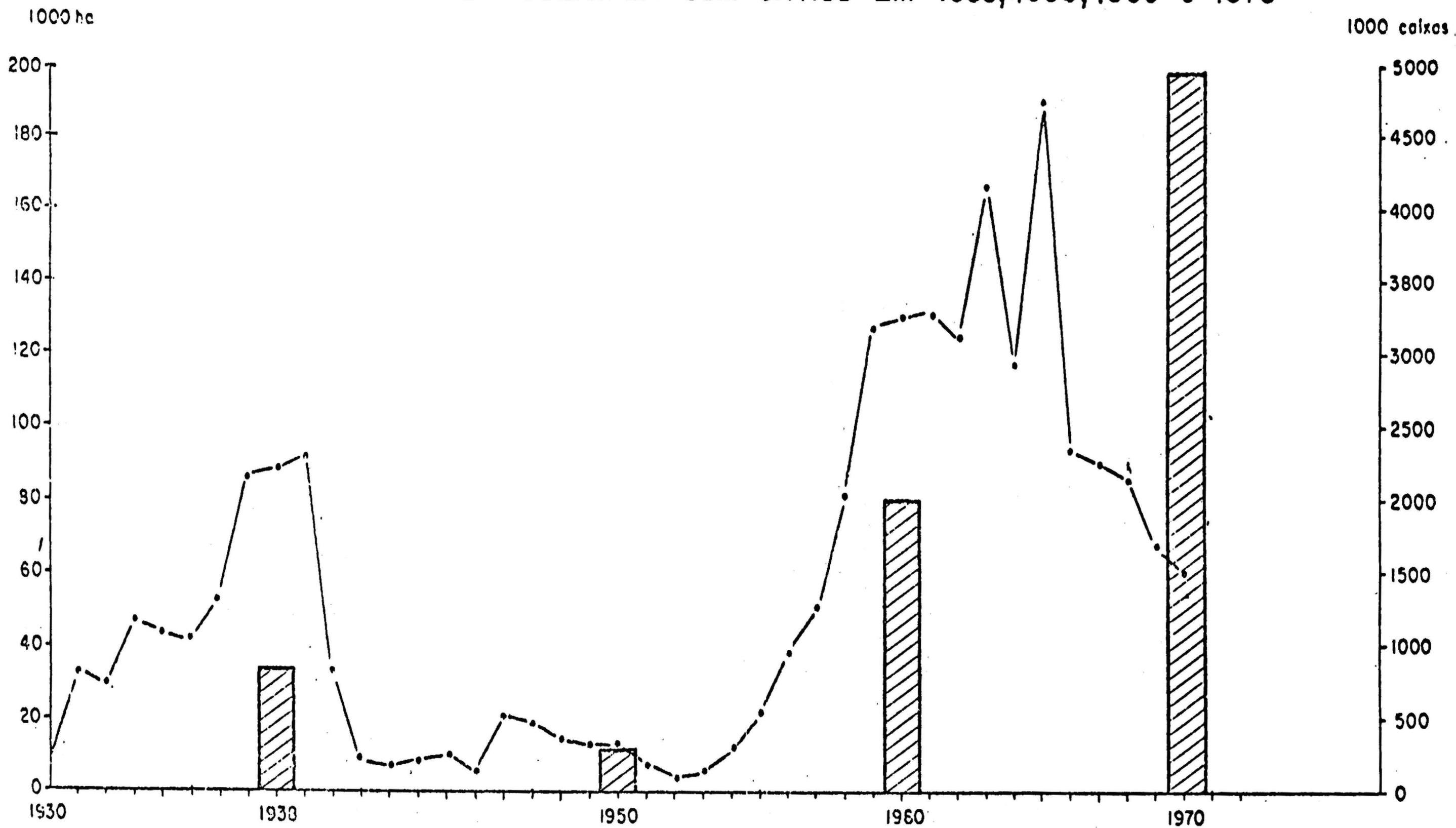
Outra crise da produção verificou-se quando da incidência da "tristeza" (que afetou a qualidade dos frutos) pouco antes de terminar a guerra, sendo considerável a fase de retração da citricultura até 1956. (figura 9).

Por outro lado, os cultivos anuais adquirem maior importância nos anos de crises da cultura de citrus.

Coube a Estação Experimental o mérito de através de pesquisas, eliminar a "tristeza" que se alastrava nos pomares da região.

# EXPORTAÇÃO CÍTRICA DO ESTADO DE SÃO PAULO ENTRE 1930 e 1970

## ÁREA CULTIVADA COM CITROS EM 1938, 1950, 1960 e 1970



Fonte: Instituto de Economia Agrícola - Secretariado da Agricultura do Estado de São Paulo

Entre os anos de 1950 e 1960 a citricultura é recuperada no bairro, com novas bases, incentivada pelo aumento do consumo interno e reativação da exportação. "Especialmente depois de 1950, com o grande aumento da produção de laranja, não só em Limeira mas em todo o Estado, e também com a construção de rodovias asfaltadas e vulgarização do transporte dessa fruta por caminhão, é que o consumo interno da laranja, produzido em Limeira, começou a tomar maiores proporções." (Ceron, 1969, 57).

Na década de 60/70, a cultura citrícola expande-se não somente na Depressão Periférica Paulista, como também no Planalto Ocidental.

EXPORTAÇÃO DE LARANJAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, LIMEIRA E BEBEDOURO ENTRE 1961 E 1970.					
Ano	Estado de São Paulo	Limeira	%	Bebedouro	%
1961	3.256.459	1.098.038	33.72	1.140.403	35.02
1962	3.109.267	998.483	31.79	1.258.344	40.47
1963	4.143.479	912.364	22.02	1.815.821	43.82
1964	2.882.535	810.545	28.12	1.090.661	37.84
1965	4.737.676	967.243	20.42	1.996.870	42.15
1966	2.328.641	314.935	13.52	1.147.673	49.29
1967	2.250.000				
1968	2.160.000				
1969	1.691.000				
1970	1.504.977				

Fonte: Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo - Estação Experimental de Citricultura.

A partir de 1962, a cultura de citrus passa a sofrer um processo de industrialização, na própria região produtora fonte de matéria-prima. Com a instalação da indústria, no meio rural, o produto agrícola passa a ter mais alto valor específico. Desta maneira, as possibilidades de escoamento do produto para o mercado são maiores.

A demanda do mercado consumidor (interno e externo) influencia na escala de produção da agro-indústria, que por sua vez, reestrutura o espaço agrário, na medida em que o citrus passa a ser encarada como matéria prima industrial. Com o crescente aumento da produção, a agricultura organiza-se para atender às exigências da indústria. Ao mesmo tempo, as relações de produção são alteradas. Para a colheita de laranja são arregimentados os trabalhadores temporários residentes no centro do bairro do Cascalho (aqueles que somente são residentes nos lotes urbanos e trabalham como diarista nos barracões do bairro) ou nas periferias das cidades próximas.

A partir da industrialização, o comércio da laranja sofre um processo de seleção. Nos barracões instalados no Bairro do Cascalho, as laranjas são separadas de acordo com as suas qualidades. As frutas melhores são vendidas nos grandes centros urbanos e o restante é destinado às indústrias de sucos, localizadas às margens das estradas asfaltadas.

Muitas destas indústrias de capitais estrangeiros, ampliam sua capacidade industrial, sendo que o crescimento das exportações têm sido grande.

O ano de 1974 marca uma grande crise no mercado de citrus, ocasionado pela queda da exportação. Houve um excedente da produção associado à crise do petróleo. Os fretes marítimos tornaram-se elevados, ocasionando uma diminuição das compras no comércio internacional. Esta crise evidenciou a grande fragilidade dos produtos agrícolas, face a dependência do comércio de exportação. "No primeiro semestre de 1974, de uma situação aparentemente calma e ordenada a citricultura paulista mergulhou numa crise de comércio sem precedentes, enquanto desenrolava-se uma disputa, cada vez mais acirrada, envolvendo produtores, fabricantes de suco e clientes internacionais, preocupando os setores de crédito e órgãos oficiais responsáveis pela política de exportação." (Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1974).

As indústrias paulistas passaram a exportar o suco a um preço inferior ao da safra inicial, provocando, consequentemente, uma diminuição dos preços dos produtos pago ao agricultor.

No bairro do Cascalho tivemos oportunidade de presenciar a influência desta crise entre os produtores. Os pequenos agricultores reclamavam do preço insignificante fixado pelas indústrias. Em maio, o preço da caixa de laranja, no pomar, atingiu o limite de apenas Cr\$ 5,00. Muitos proprietários, na expectativa de aguardar uma melhora de preços, viram as laranjas apodrecerem. Grande parte das mudas, consequentemente, foram abandonadas. Algumas propriedades foram vendidas à usina de cana-de-açúcar. Muitos pomares foram totalmente destruídos, para darem lugar à expansão da cultura canavieira.

No ano de 1975, houve normalização do comércio e, consequentemente, novo incentivo à produção citrícola do bairro.

Em vista de sérias dificuldades do comércio de citrus, três empresas (Citrál, Sucorrício e Tropisuco) resolveram unir-se, através da Unicitrus, na fase de comercialização da produção.

Ao mesmo tempo, o governo interveio na comercialização por meio de incentivos fiscais para a exportação de sucos dando condições para o produto brasileiro competir no comércio internacional.

Como já foi visto, as pequenas propriedades do bairro sempre se caracterizavam por serem policulturas, desde a época de sua formação em 1889. No entanto, com o passar do tempo as culturas foram se sucedendo, de acordo com as condições do mercado. De início, como vimos, os pequenos proprietários dedicavam-se ao cultivo de gêneros de primeira necessidade. Posteriormente, a laranja tornou-se o principal produto comercial do bairro. Neste período, as culturas de cereais passaram a ter uma importância secundária, embora ainda fossem praticadas em todas as propriedades. Nesta etapa, os cereais passavam a ser culturas de excedente.

Mais recentemente, o bairro diversifica as culturas ao mesmo tempo em que se especializa na produção de mudas e nos cultivos de árvores frutíferas. A laranja ainda

ocupa papel de destaque na produção, mas outras culturas também são plantadas, sempre com a preocupação de aproveitar o melhor possível a pequena extensão de terras.

Com respeito às condições de cultivo e maiores detalhes do uso da terra serão analisadas posteriormente, no capítulo referente a Utilização da Terra.

## 2.5 A agro-indústria açucareira e a reorganização do espaço agrário

O desenvolvimento da agricultura canavieira teve um papel de destaque na história econômica da área. Até por volta de 1850, a economia estava alicerçada no plantio da cana. Este cultivo foi substituído pelo café, incentivado por exigências do mercado. Com a expansão do café, a cultura da cana-de-açúcar tomou um caráter de produto destinado ao consumo interno. A cultura da cana-de-açúcar abastecia os engenhos de aguardente.

Em decorrência da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, a cana-de-açúcar volta a ter destaque novamente em virtude do aumento da produção de álcool.

A partir da emancipação do município, em 1948, cresceram, continuamente, a área plantada e o volume da produção de cana-de-açúcar. As usinas surgem na paisagem, substituindo os antigos engenhos, com técnicas avançadas de produção e vultuosos investimentos de capital. As agro-indústrias são instaladas junto a região produtora - fonte da matéria-prima.

O cultivo de cana-de-açúcar expandiu-se por todas as áreas outrora cultivadas com o café, isto é, nas grandes propriedades agrícolas. Esta expansão ocorreu devido à crescente demanda do comércio interno, a urbanização e a industrialização, e, à grande aceitação do açúcar no mercado externo.

Com a revolução cubana (1960) e, conseqüentemente a exclusão de Cuba do mercado americano, a produção açucareira do Brasil ganhou novo impulso.

Na década de 60, o I.A.A. incentivava uma po

lítica expansionista da cana, em decorrência da grande demanda externa do produto, com bons preços internacionais.

A expansão do mercado internacional do açúcar influenciou decisivamente, na ação governamental, assim como na modernização e concentração da produção. "No que diz respeito à eficiência das usinas, o decreto-lei nº 1.186, de 27 de setembro de 1971, relativo à fusão, incorporação de usinas de açúcar em todo o país, representa a medida mais recente no sentido de obtenção de economias de escala condizentes com o propósito governamental..." (Ruy Miller Paiva e outros, 1973, 165)

É em São Paulo que a cana absorveu aquelas melhores terras disponíveis, antes utilizadas pelo café. "Além de constituir atualmente o principal mercado consumidor, São Paulo é, de longe, o Estado que produz mais cana e mais açúcar no Brasil. Sua superioridade sobre as demais áreas produtoras é devido tanto à presença de condições naturais (topografia, solos e clima) favoráveis à plena mecanização da lavoura canavieira e à obtenção de elevados rendimentos agrícolas e industriais como a infra-estrutura física e sócio-econômica que contribuíram para torná-lo o Estado economicamente mais desenvolvido do País. A capacidade instalada de suas usinas, atualmente estimada em 60 milhões de sacos, deverá alcançar o nível de 73 milhões antes do final da corrente década." (Carneiro, 1973, 27).

Esse foi o contexto no qual realizou a expansão da cultura canavieira, em terras de Cordeirópolis. Neste município, o cultivo de cana ampliou-se nas grandes propriedades rurais preparadas para receber outro tipo de cultivo comercial que substituisse o café. No entanto, apesar das mesmas qualidades do solo, o bairro do Cascalho voltou-se a se dedicar a outros tipos de culturas, caso da laranja, com já destacados, mais adaptáveis ao sistema de pequenas propriedades familiares.

A cana, ao contrário da cultura da laranja, não permitiu a existência da policultura. Este aspecto diferenciou o bairro das fazendas após a queda do café.

Com a cana-de-açúcar, Cordeirópolis sofre um processo de reorganização do espaço agrário. Houve uma concentração de terras, em domínio dos usineiros, enquanto que as antigas fazendas de café passam a depender dos interesses do ca-

pital agro-industrial, à medida que se transformam em fornecedores de matéria prima.

À proporção que a agro-indústria açucareira expande seus domínios, paralelamente, cresce o contingente de assalariados temporários, residentes nas periferias das cidades próximas. Com o crescente uso de máquinas e equipamentos a força-de-trabalho passa a ter um valor relativo, sofrendo uma redefinição com profundas modificações nas relações de trabalho. Ao longo das décadas que compreendem o ciclo da cana," generalizam-se novos padrões capitalistas de produção, por influência do mercado açucareiro; das disponibilidades de terra, capital, tecnologia e força de trabalho; da interdependência e antagonismo entre vendedores e compradores de força de trabalho, da ação governamental, por suas leis, normas, incentivos, financiamentos etc... (Otavio Ianni, 1977, 26).

Com o desenvolvimento da agro-indústria açucareira modificam-se as relações de produção, acentuando-se o emprego de mão-de-obra temporária nas faixas agrícolas. Os trabalhadores volantes contribuíram para aumentar a população urbana em detrimento da população rural. A partir de 1960 a população urbana de Cordeirópolis ultrapassou a população rural.

(figura 10)

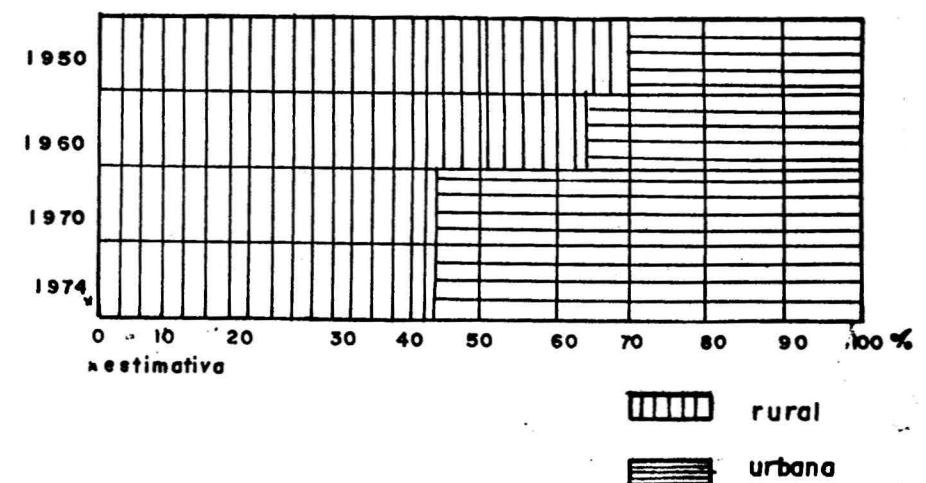
FIG. 10

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RURAL E URBANA NO MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS

ANO	área	densidade	pop. rural		pop. urbana		total	
			nº	%	nº	%	nº	%
1950	162	37,29	4036	66,83	2004	33,17	6042	100,00
1960	162	47,14	4865	63,70	2772	36,30	7637	100,00
1970	162	49,20	3520	44,16	4451	55,84	7971	100,00
1974	162	49,20	3312	44,05	4459	55,95	7971	100,00

\* estimativa

fonte: Anuários Estatísticos IBGE  
organizado por Magda A. Lombardo



À medida que decresce a população rural, expande-se o mundo urbano no mundo rural modificando-se as relações entre o campo e a cidade. É com a cana-de-açúcar que o espaço agrário de Cordeirópolis passa a ser reorganizado através da elevação da composição orgânica do capital, isto é, decresce em termos relativos o capital variável, com a compra de mão-de-obra, enquanto aumenta o capital constante, aplicado na compra dos meios de produção.

No entanto, devemos salientar que, como já foi visto, é com a Lei de Terra de 1850, a regulamentação da propriedade privada e do trabalho livre (1888) que o capitalismo chegou nas terras do atual município de Cordeirópolis.

É com o café que se estabelece a primeira forma de organização capitalista de produção implicando em numerosa força de trabalho e baixa composição orgânica do capital.

De 1920 a 1950, com a policultura a força de trabalho ainda é usada intensamente continuando baixa a composição orgânica do capital.

A partir de 1950, quando a agro-indústria açucareira expande seu domínio na área, eleva-se a composição orgânica do capital com aplicação intensiva de capital constante, enquanto que simultaneamente, ocorre uma diminuição relativa de capital variável.

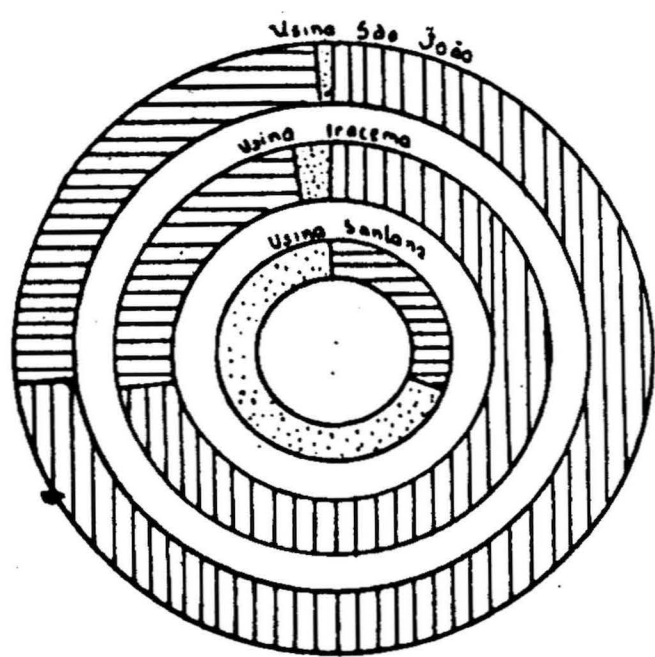
Cordeirópolis possuía até 1972, a usina São Jerônimo, que posteriormente foi absorvida pelas terras da usina São João de Araras, em decorrência da política do I.A.A. de concentração de agro-indústrias.

Apesar da maior parte da produção agrícola de Cordeirópolis provir do cultivo da cana-de-açúcar (+ de 50%), o município não possui agro-indústria açucareira. A cana plantada nas terras do município é absorvida pela usina São João de Araras e Iracema, de Iracemápolis. (figura 11).

A usina São João, na safra de 76/77, produziu 2.602.866 sacas de açúcar (60 Kg), e 19.414.000<sup>g</sup> de álcool (fonte I.A.A.), estando em 39º lugar de produção entre todas as usinas do Estado. Deste total, Cordeirópolis participou com 21,68 %.

A usina Iracema, na safra 76/77 produziu

PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR NO MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS  
1975

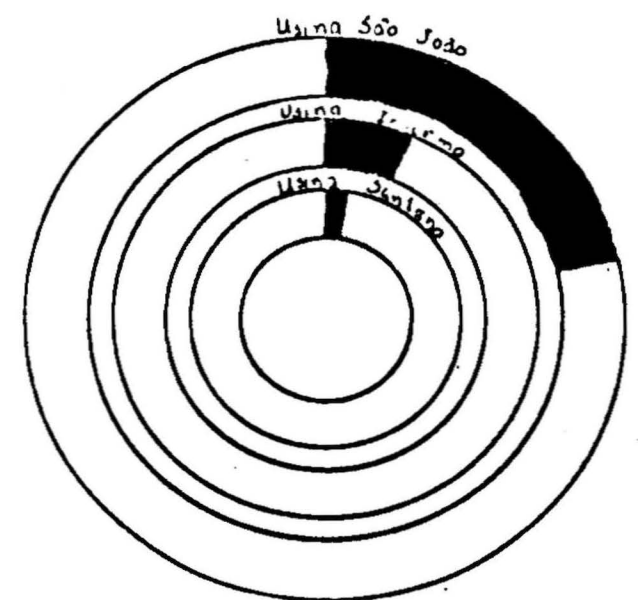


LEGENDA



-  terras da Usina
-  fornecedores
-  parceria (usina)

Total:- 360 912,120 ha

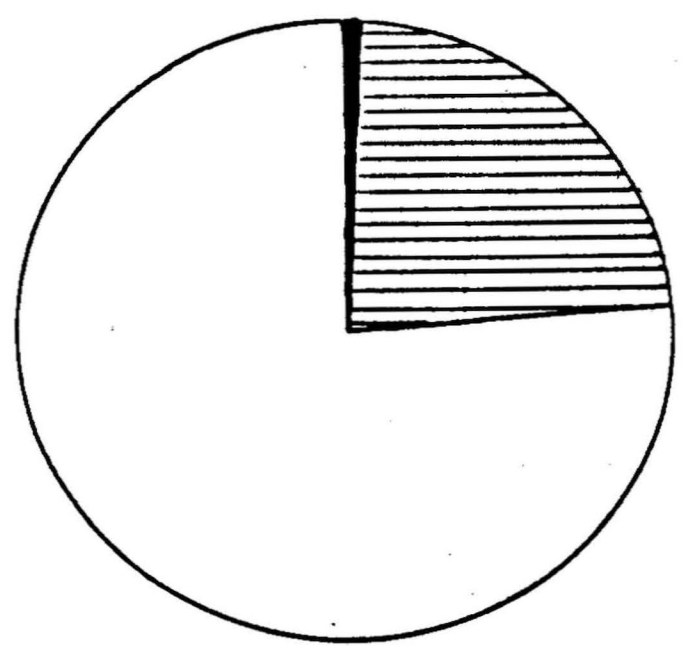
Participação da produção de cana do município de Cordeirópolis no total das usinas de Açúcar - 1975






LEGENDA

-  total da Usina
-  participação do município de Cordeirópolis

Participação de cada usina no total da produção de cana de açúcar do município de Cordeirópolis



LEGENDA

-  Usina Santana - Rio Claro
-  Usina Iracema - Iracemápolis
-  Usina São João - Araras

fonte: pesquisa nas usinas organizado por Magda A. Lombardo

1.933.116 sacas de açúcar (60 Kg) e 17.212.900 de álcool (fonte I.A.A.). Deste total, Cordeirópolis participou com 5,28 %.

Pode-se notar que é significativa a contribuição do município na produção de cana-de-açúcar nas duas usinas, salientando-se, entretanto, a Usina São João. (figura 12).

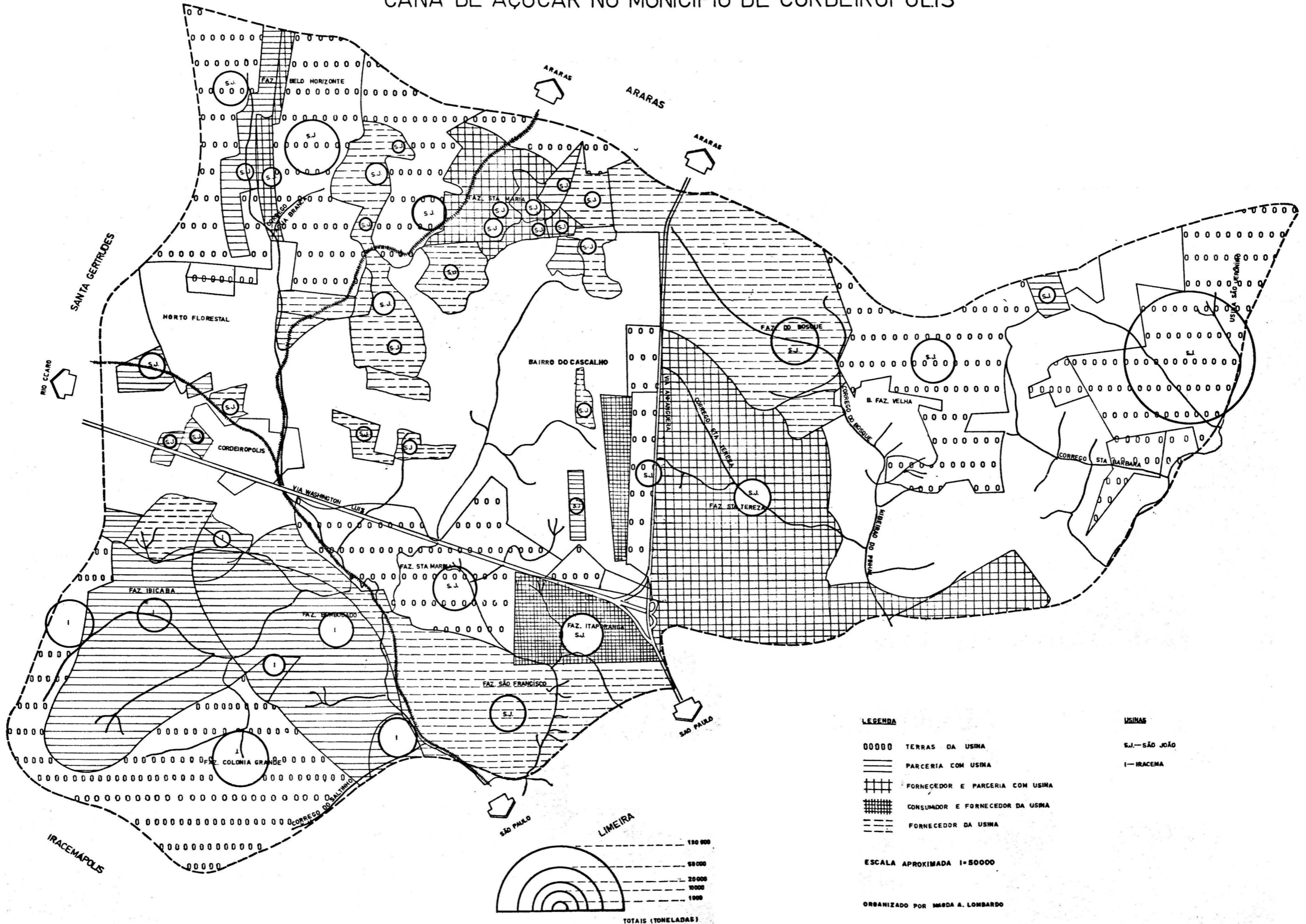
O aumento da produção de cana no município só poderá ser feito à custa de maior produtividade. No entanto, a cana-de-açúcar assim como outras culturas sofre o efeito do encarecimento das terras de Cordeirópolis.

O município de Cordeirópolis possui características de grande produtor de cana, que se distribui espacialmente nas grandes propriedades, enquanto que, nas pequenas propriedades do bairro, predomina a citricultura e o plantio de outras árvores frutíferas. Os agricultores ou fornecem cana para a agro-indústria açucareira, ou, laranja, para abastecimento do mercado interno como para as indústrias de sucos instaladas em Araras e Limeira.

Estes dois produtos (cana-laranja) são altamente comercializados, implicando na modernização do campo, e, conseqüentemente, no aumento da produção. Com isto, intensifica-se a aplicação de capital no meio rural, com a mecanização e a intensificação da agricultura e, elevado aumento de mão-de-obra, para trabalhos temporários, principalmente na época da colheita da cana-de-açúcar e da laranja.

As conseqüências que a expansão da cana-de-açúcar trouxe para a organização agrária da região serão analisadas posteriormente no capítulo referente à Utilização da Terra.

# CANA DE AÇUCAR NO MUNICIPIO DE CORDEIROPOLIS



**LEGENDA**

- 00000 TERRAS DA USINA
- ==== PARCERIA COM USINA
- ||||| FORNECEDOR E PARCERIA COM USINA
- ||||| CONSUMIDOR E FORNECEDOR DA USINA
- FORNECEDOR DA USINA

ESCALA APROXIMADA 1=50000

ORGANIZADO POR MADA A. LOMBARDO

**USINAS**

- S.J.—SÃO JOÃO
- I—IRACEMA



Foto 1 - Sede da Fazenda Ibicaba, na época do Senador Vergueiro.



Foto 2 - Reforma da residência da Fazenda Ibicaba, de propriedade da família Levy.



Foto 3 - Sede da Fazenda Ibicaba, na média encosta, ainda hoje se conserva tal como a 70 anos atrás.



Fotos 4 e 5 - Fazenda Ibicaba. Instalações de beneficiamento de café. No primeiro plano, parte do terreiro de café.



Foto 6 - Fazenda Ibicaba. Aspecto da torre onde acha-se instalado um relógio para controlar o trabalho dos colonos. É uma das marcas do período áureo do café.

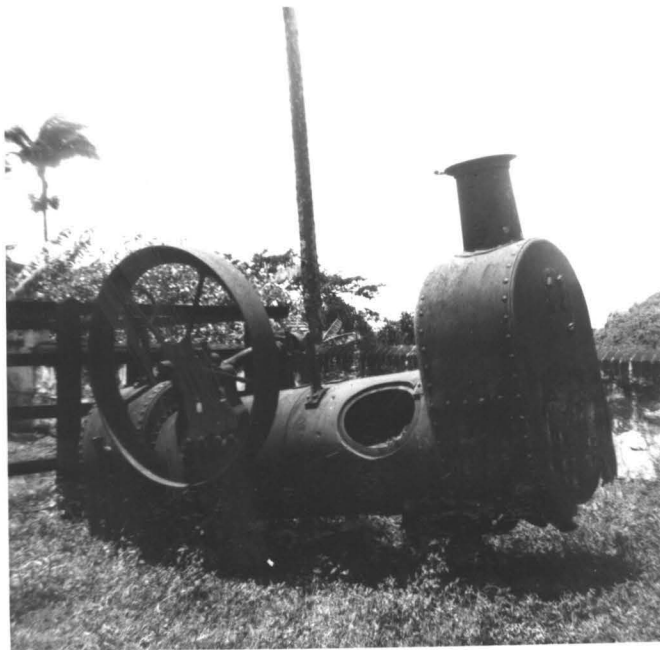


Foto 7 - A primeira máquina à vapor que percorreu a estrada de ferro, de Santos à Ibicaba.



Foto 8 - Colônia da Fazenda Ibicaba, localizada na baixa encosta, Pode-se observar o quintal das casas, com árvores frutíferas.



Foto 9 - Aspecto de outra colônia da Fazenda Ibicaba, localizada na média encosta. As casas são dispostas num sentido linear, ao longo da estrada.

### 3 - O SISTEMA ATUAL DA ORGANIZAÇÃO AGRÁRIA DO MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS

#### 3.1 O uso do solo e as técnicas de cultivo

De acordo com as tabelas de uso do solo (figuras 13 e 14), pode-se notar que, no município de Cordeirópolis, predominam as culturas, em detrimento de outras formas de utilização do solo. Os dados mostram que, 78,82 % da área total do município é ocupada com culturas, enquanto que as pastagens ocupam apenas 5,78 % da área total. (tabelas 2 e 3).

Dentre as culturas, predomina a cana-de-açúcar com cerca de 55,05 % da área total cultivada. Em seguida, destacam-se as culturas perenes (16,25%) e entre estas, a cultura de citrus (12,62 %) e, em menor proporção, o abacate (2,52 %). O café, cultura de destaque do século passado, utiliza, atualmente, 0,76 % da área total do município.

As culturas temporárias ocupam uma posição secundária, utilizando-se de 7,59 % do total da área.

As pastagens ocupam uma área insignificante de 576,70 hectares, não existindo nenhuma propriedade cuja especialização corresponda à criação. O gado é criado em algumas propriedades canavieiras ou citrículas, com o objetivo de abastecimento da unidade produtiva e não com fins comerciais.

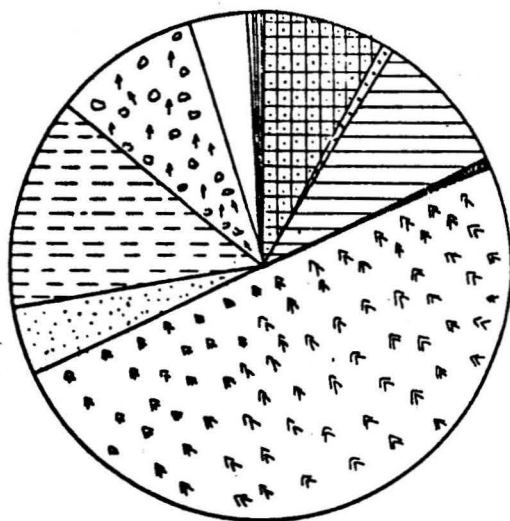
Desde o início do século XIX, quando a cultura comercial de cana-de-açúcar expandiu-se na área, até os dias atuais, as terras férteis do município sempre foram ocupadas com culturas, ao passo que a criação de gado não teve papel de destaque, na economia da área.

Não querendo estabelecer relações simples de causa e efeito, os elementos do meio natural, principalmente as condições de solo fértil e topografia suave, favoreceram a fixação de culturas comerciais na área. (figura 15)

O quadro morfológico mais característico do relevo é a amplitude de horizontes e a suavidade das formas. São colinas de topo aplainado entre 550 a 700 metros, levemente convexas e de vales encaixados, com superfícies descontínuas de corpos intrusivos magmáticos, em forma de sills e diques de diabásio que desempenham papel importante na topografia. É o

FIG. 13

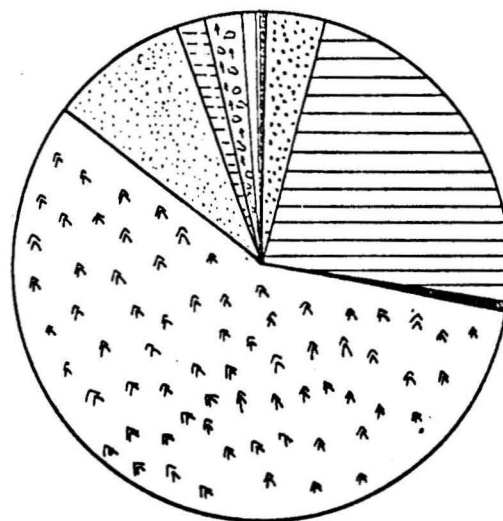
USO DA TERRA DO MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS  
1966



- LEGENDA
-  café
  -  abacate
  -  citrus
  -  outras árvores frutíferas
  -  cana-de-açúcar
  -  culturas temporárias
  -  pastagens
  -  matas e reflorestamento
  -  terras improdutivas
  -  terras não utilizadas

área total (ha): 12.480  
 fonte - INCRA  
 organizado por Magda A. Lombardo

USO DA TERRA NO MUNICÍPIO  
DE CORDEIRÓPOLIS  
1975

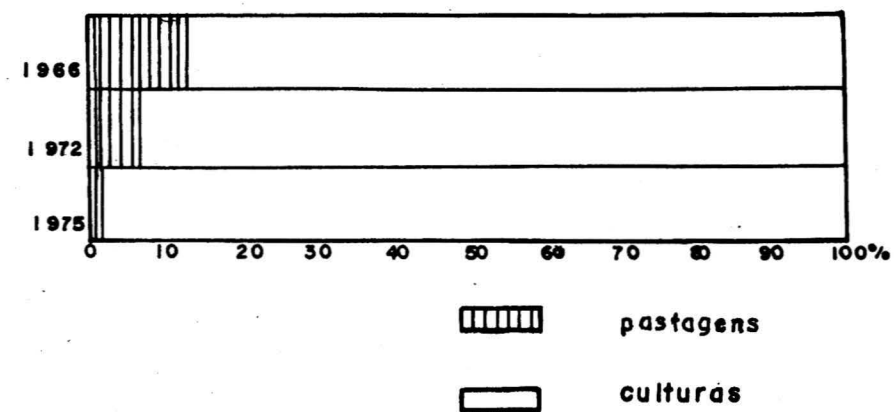


- LEGENDA
-  café
  -  abacate
  -  citrus
  -  outras árvores frutíferas
  -  cana-de-açúcar
  -  culturas temporárias
  -  pastagens
  -  matas e reflorestamento
  -  terras improdutivas
  -  terras não utilizadas

área total (ha): 11.764,30  
 fonte - INCRA  
 organizado por Magda A. Lombardo

## COMPARAÇÃO ENTRE CULTURAS E PASTAGENS NO MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS

ANO	média de cabeças por ha	bovinos (cabeças)	pastagens		lavouras		total ha	capacidade de de pastagens
			ha	%	ha	%		
1966	0,92	1658	1721,60	16,29	8 844,40	83,71	10 566,00	1 079
1972	0,69	862	576,90	6,62	8 132,01	93,38	8 708,90	1 494
1975	0,23	845	200,00	1,77	1086,00	98,23	11 286,00	4 215



fonte: INCRA 1966  
INCRA 1972

organizado por Magda A. Lombardo

## Uso da terra no município de Cordeirópolis - 1966

Formas de Uso da Terra	Área Ha	% total
I - Culturas Perenes	2172,1	17,40
1 - café	1023,6	8,20
2 - abacate	58,6	0,47
3 - citrus	1050,4	8,43
4 - outras árvores frutíferas	39,5	0,33
II - Cultura semi-perene de cana-de-açúcar	6144,4	49,24
III - Culturas temporárias (arroz, milho, amendoim, etc)	527,9	4,24
Total de culturas	8844,4	70,87
IV - Pastagens	1721,6	13,79
V - Matas e Reflorestamento	1218,3	9,76
VI - Terras improdutivas por razões humanas e/ou naturais	612,2	4,90
VII - Terras não utilizadas	83,5	0,67
Total	12480,0	100,00

Fonte: INCRA

tabela 2

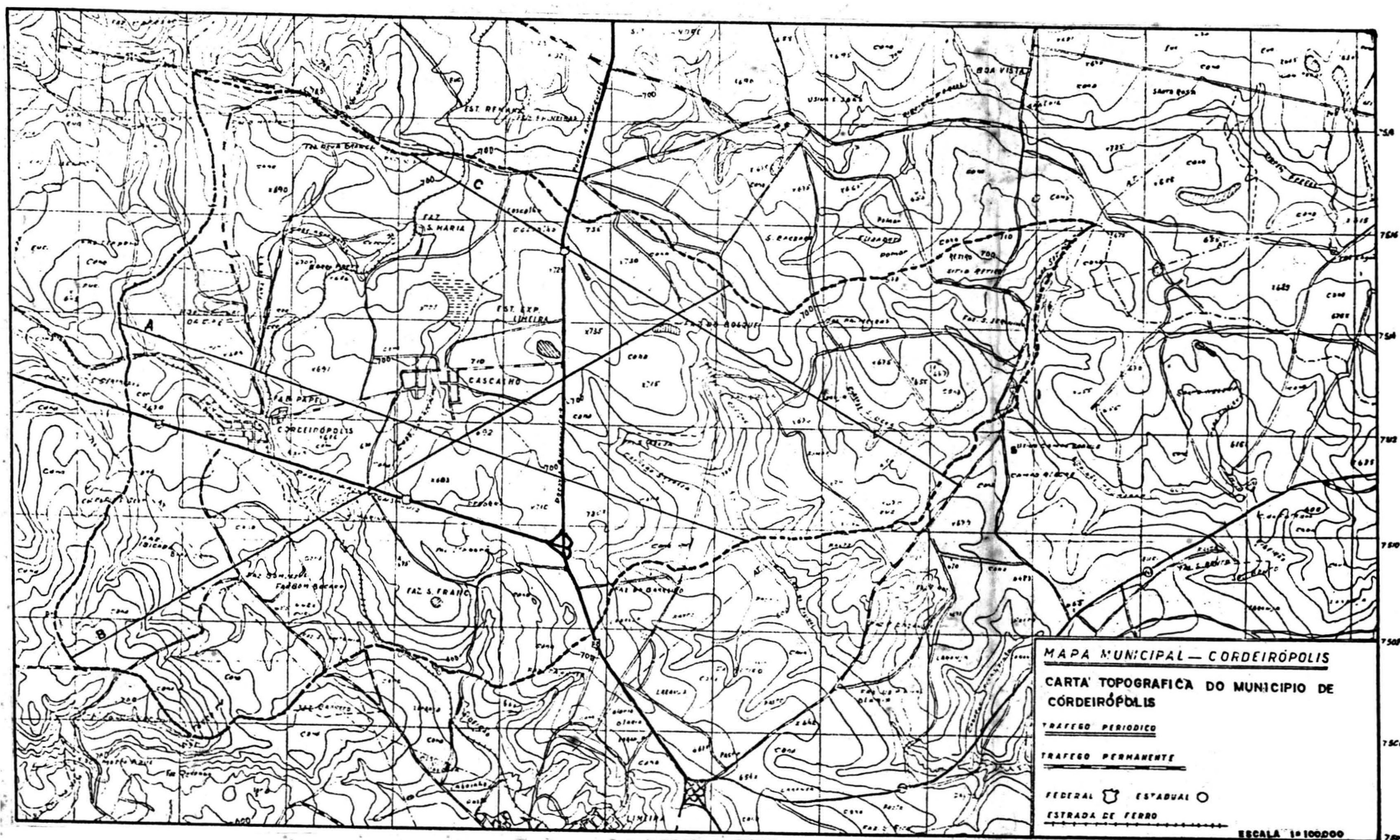
## Uso da terra no município de Cordeirópolis - 1975

Formas de Uso da Terra	Área Ha	% total	Variação (área) 1966
I - Culturas Perenes	3203	27,23	+ 1030,9
1 - café	53	0,45	- 970,6
2 - abacate	433	3,68	+ 374,4
3 - citrus	2703	22,98	+ 1652,6
4 - outras árvores frutíferas	14	0,12	- 25,5
II - Cultura semi-perene de cana-de-açúcar	6800	57,80	+ 655,6
III - Culturas temporárias (arroz, milho, mandioca, etc)	1083	9,21	+ 555,1
Total de culturas	11086	94,24	+ 2241,6
IV - Pastagens	200	1,70	- 1521,6
V - Matas e Reflorestamento	300	2,55	- 918,3
VI - Terras improdutivas por ra- zões humanas e/ou naturais	120	1,02	- 492,2
VII - Terras não utilizadas	58,3	0,49	- 25,2
Total	11764,3	100,00	

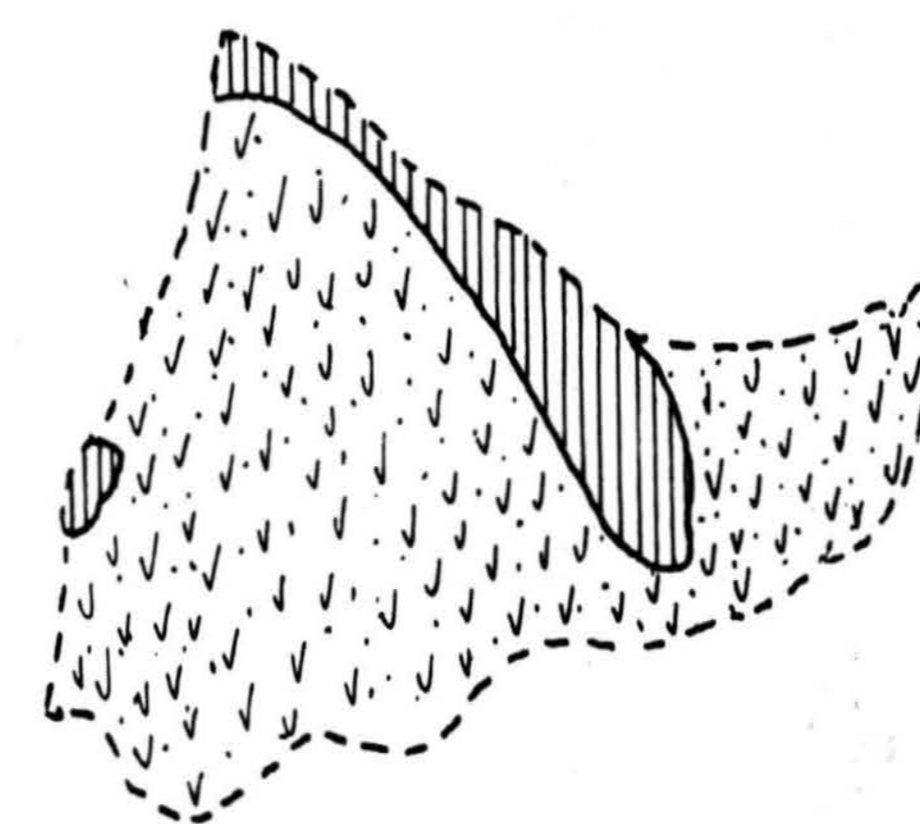
Fonte: Levantamento por município das safras do Esta-  
do de São Paulo - IEA - CATI - 1975

tabela 3

ASPECTOS DO QUADRO FÍSICO DO MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS

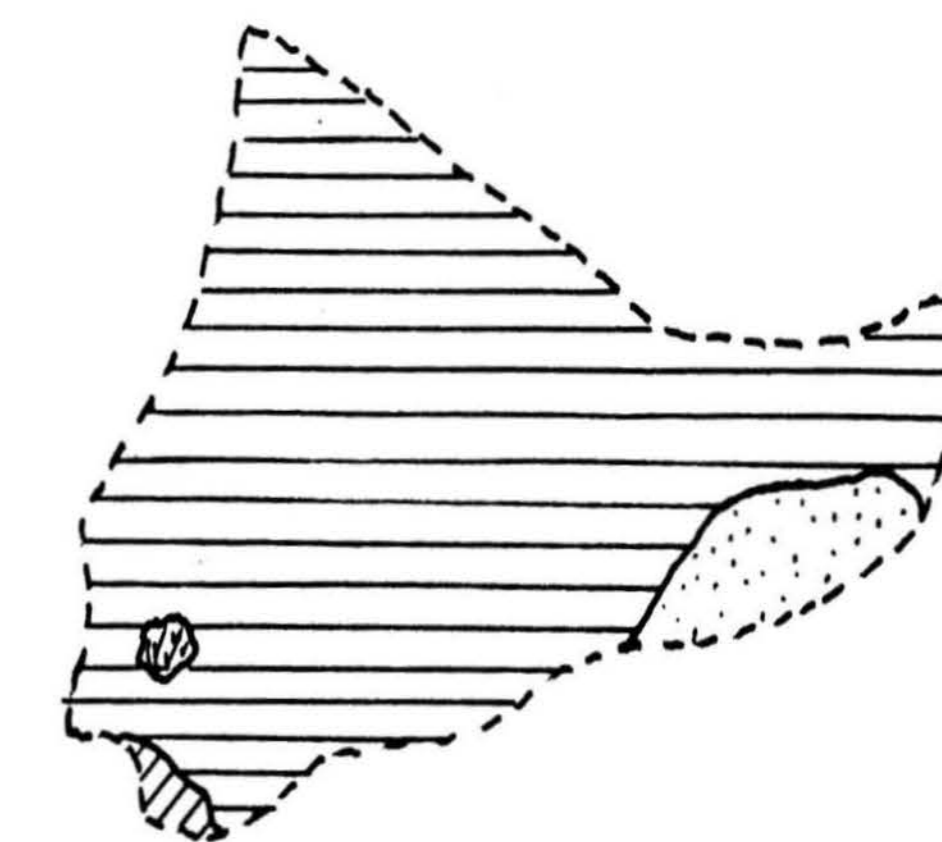


ESBOÇO GEOLÓGICO DO MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS

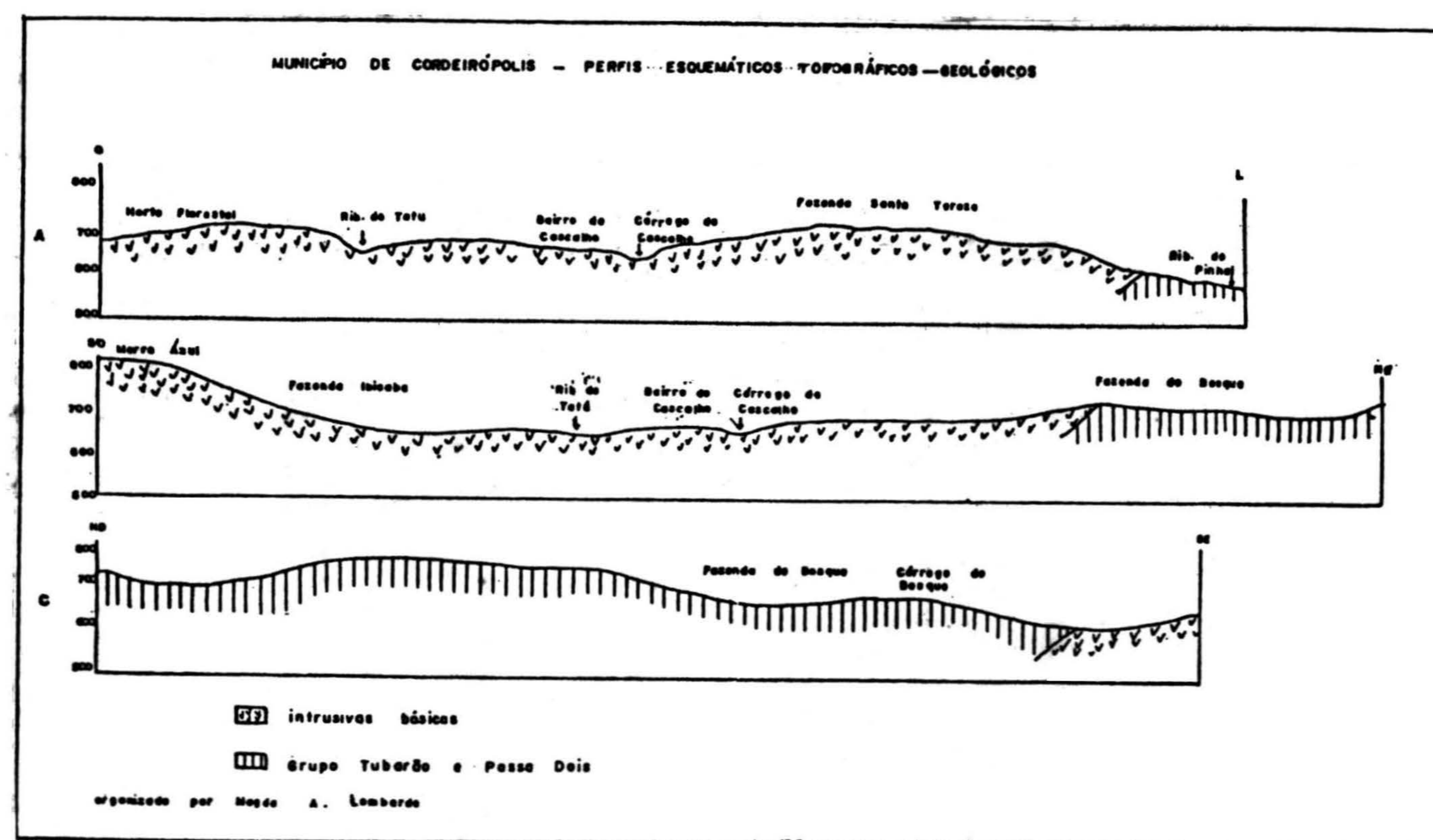


- intrusivas básicas
  - Grupo Tubarão e Passa Dois
- Escala 1: 250 000
- fonte: Mapa Geológico do Estado de São Paulo 1963

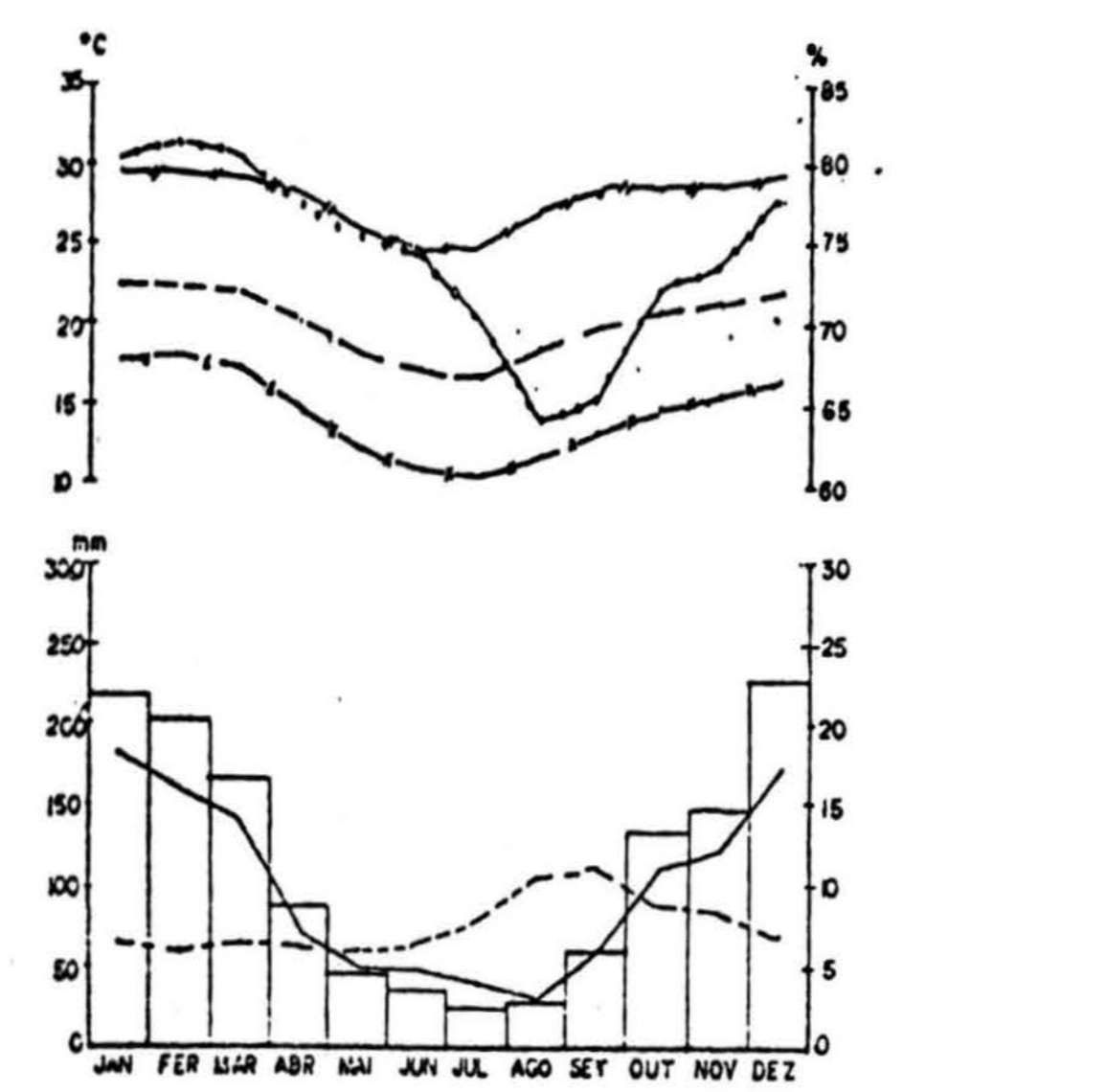
TIPOS DE SOLOS DO MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS



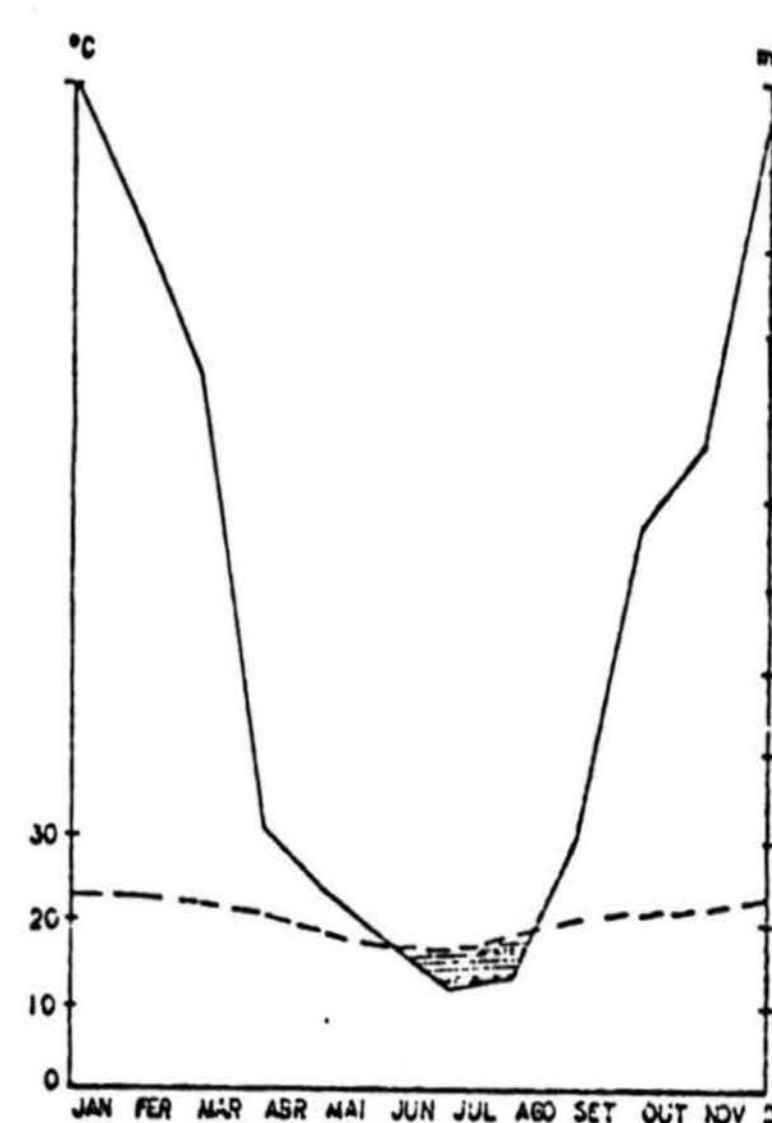
- LE latosol vermelho-escuro-orto
  - PVLs podzólico vermelho amarelo - variação - lares
  - PVP podzólico vermelho amarelo - variação Piracicaba
  - LR latosol roxo - terra roxa legítima
- Escala 1: 250 000
- fonte: Carta de Solos do Estado de São Paulo - 1960



ELEMENTOS CLIMÁTICOS - MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS  
 35 anos de observação - 1940-1974



MÉDIAS DE PLUVIOSIDADE E TEMPERATURA  
 35 anos de observação - 1940-1974



caso do Morro Azul, com superfície de 700 a 800 metros, grande divisor da água da bacia do Corumbataí e do Mogi-Guaçu.

Esta forma de relevo suave é importante na medida em que facilita as atividades agrícolas.

Os solos férteis encontrados no município, favorecem a utilização agrícola. Estes solos, conforme o reconhecimento dos solos do Estado de São Paulo, no ano de 1960, foram classificados como: Latossol vermelho-escuro Horto, Podzólico vermelho-amarelo variação Piracicaba, Podzólico vermelho-amarelo variação Laras e Terra Roxa Legítima.

O Latossol vermelho-escuro Horto predomina na área de estudo, ocupando 79,03 % da área total. São solos profundos e possuem facilidade de drenagem. É um tipo de solo muito semelhante ao da terra roxa legítima quanto à coloração vermelha-escura e pela textura maciça porosa, porém mais pobre do que aquela.

O Podzólico vermelho-amarelo variação Piracicaba ocupa somente 2,4 % da área total do município. São solos ácidos com profundidade variável de 1,50 a 2,50 metros.

O Podzólico vermelho-amarelo variação Laras ocupa 16,94 % do total da área. São arenosos e ácidos, apresentando-se com uma profundidade de 1,5 metros.

A terra roxa legítima ocorre apenas em 1,61% da área total, ao sul do Lacólito do Morro Azul. São os solos mais férteis do município, com coloração arroxeadada, formadas a partir de rochas básicas. De modo geral, as condições de solos do município são satisfatórias para as culturas. Esta favorabilidade do quadro natural teve significado diverso de acordo com o grau de integração da área, na economia de mercado.

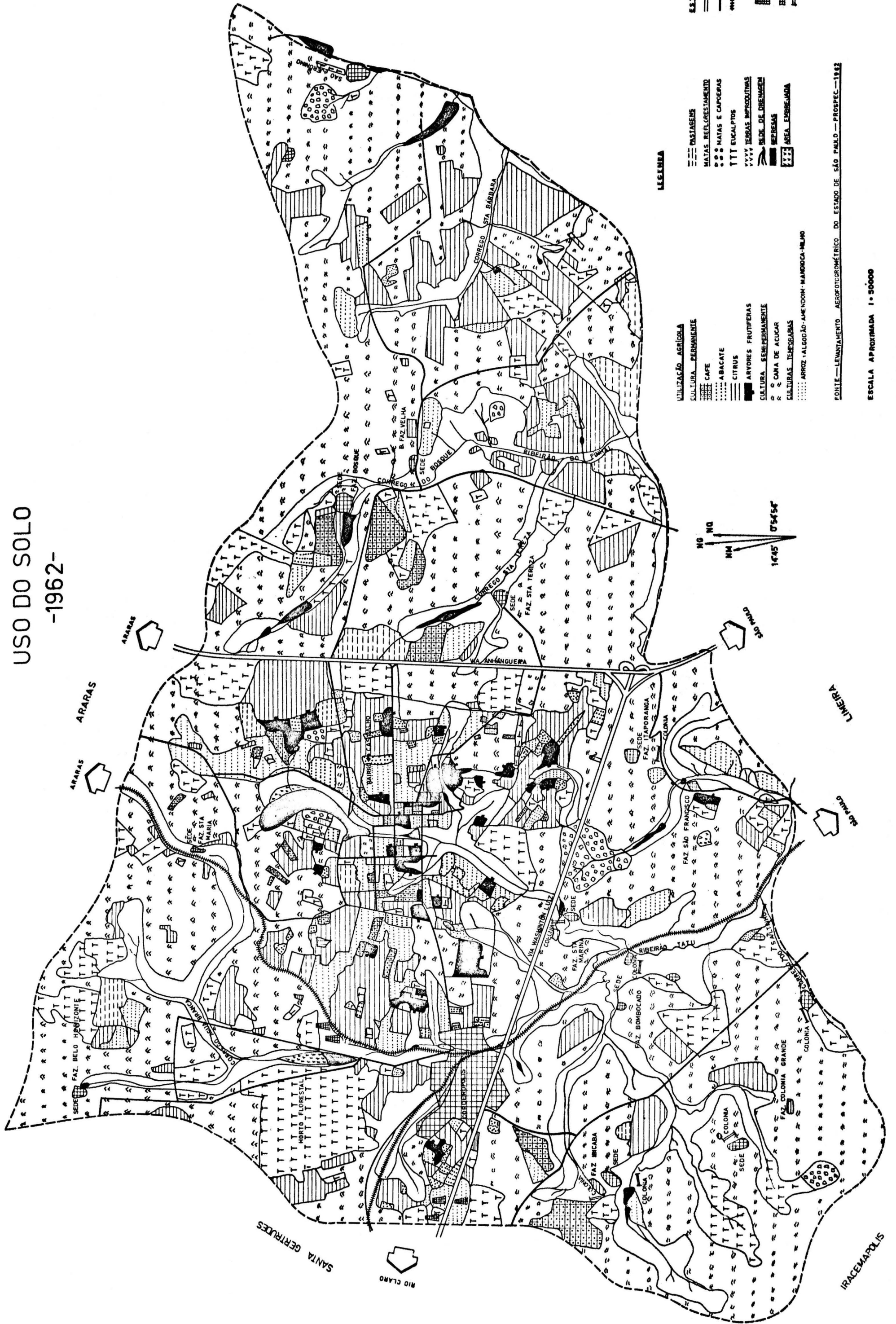
A área de estudo não se apresenta com grande heterogeneidade quanto aos aspectos de solo e topografia, embora ocorra uma diversidade de tipos de culturas e de estrutura agrária. Esta diferença de uso do solo, em Cordeirópolis, isto é, predominância da cultura da cana-de-açúcar nas fazendas e da citricultura, nos sítios do bairro do Cascalho, pode ser explicada pelos aspectos históricos, já ventilados no capítulo precedente.

O mapa de uso do solo (figura 16 e 17) mostra que a maior parte das terras são ocupadas com a cultura ca

# MUNICÍPIO DE CORDEIROPOLIS

## USO DO SOLO

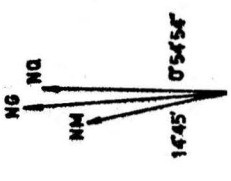
-1962-



- LEGENDA**
- ESTRADAS
  - RODOVIAS PRINCIPAIS
  - RODOVIAS SECUNDARIAS
  - RAMAIS FERROVIARIOS
  - CERÇAMÉIS
  - PERÍMETRO DA FAZENDA
  - COLÔNIA

- PASTAGENS
- MATAS REFLORADAS
- MATAS NATIVAS E CAPOERAS
- TERRAS IMPRODUZIDAS
- SEDE DE DRENAGEM
- REPRESAS
- ÁREA ENSEJADA

- UTILIZAÇÃO AGRÍCOLA**
- CULTURA PERMANENTE
  - CAFE
  - ABACATE
  - CITRUS
  - ÁRVORES FRUTÍFERAS
  - CULTURA SEMIPERMANENTE
  - CANA DE AÇÚCAR
  - CULTURAS TEMPORARIAS
  - ARROZ (ALGODÃO, AMENDOIM, MANDIOCA-MILHO)



FONTE — LEVANTAMENTO AEROFOTOGRÁFICO DO ESTADO DE SÃO PAULO — PROSPEC. — 1962

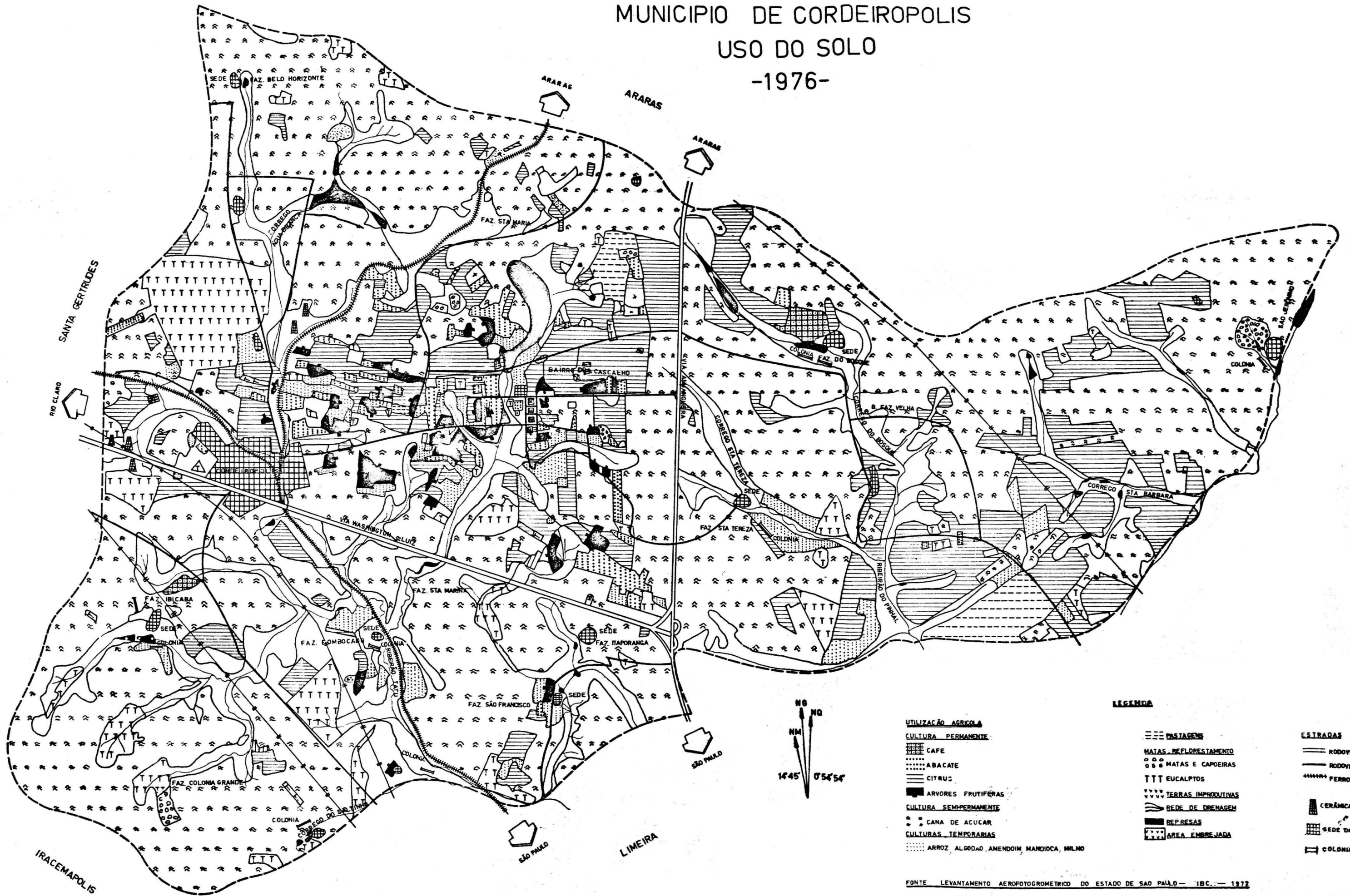
ESCALA APROXIMADA 1:50000

ORGANIZADO POR MARIANA A. LOMBARDO

# MUNICIPIO DE CORDEIROPOLIS

## USO DO SOLO

### -1976-



- UTILIZAÇÃO AGRÍCOLA**
- CULTURA PERMANENTE**
- ☐ CAFE
  - ☐ ABACATE
  - ☐ CITRUS
  - ☐ ARVORES FRUITIFERAS
- CULTURA SEMIPERMANENTE**
- ☐ CANA DE ACUCAR
- CULTURAS TEMPORARIAS**
- ☐ ARROZ, ALGODAO, AMENDOIM, MANDIOCA, MILHO

- LEGENDA**
- ☐ PASTAGENS
  - ☐ MATAS REFLORRESTAMENTO
  - ☐ MATAS E CAPOEIRAS
  - ☐ EUCALPTOS
  - ☐ TERRAS IMPRODUTIVAS
  - ☐ REDE DE DRENAGEM
  - ☐ REPRESAS
  - ☐ AREA EMBRÉJADA

- ESTRADAS**
- ☐ RODOVIAS PRINCIPAIS
  - ☐ RODOVIAS MUNICIPAIS
  - ☐ FERROVIAS
  - ☐ CERÂMICAS
  - ☐ SEDE DA FAZENDA
  - ☐ COLÔNIA

FONTE: LEVANTAMENTO AEROFOTOGROMETRICO DO ESTADO DE SÃO PAULO - IBC - 1972

ESCALA APROXIMADA 1:50000

ORGANIZADO POR MARDIA A. LOMBARDO

navieira, predominando nas áreas próximas dos limites dos municípios de Araras, Santa Gertrudes e Iracemápolis. A cultura de cana-de-açúcar integra áreas de municípios vizinhos, aqueles já citados, num contexto da influência das usinas.

O cultivo de cana-de-açúcar está relacionado com as grandes propriedades agrícolas, aquelas pertencentes às usinas ou aos fornecedores dessas usinas.

Nas fazendas, o cultivo de cana-de-açúcar é a forma principal de uso do solo, Além, o cultivo de citrus e cereais quando aparecem, abrangem a mínima parcela da área estudada.

Por outro lado, no bairro do Cascalho, localizado na parte centro-oeste do município, predomina a policultura, com certo destaque na cultura de citrus, abacate e mudas. Cabe salientar, também, que a maior quantidade de culturas temporárias do município são plantadas no bairro.

A diversificação das culturas do bairro está associada à malha fundiária e ao tipo de mão-de-obra empregada. No bairro, a policultura associa-se às pequenas propriedades, ligadas à mão-de-obra familiar.

### 3.1.1 A cana-de-açúcar e as grandes propriedades agrícolas

A cana-de-açúcar é a principal cultura comercial do município, ocupando 5.676,6 hectares correspondendo à 55,05 % da área total do município.

As terras cobertas pela cana-de-açúcar correspondem às aquelas ocupadas anteriormente pela cultura cafeeira, abrangendo as grandes unidades produtivas.

Com a expansão da cultura canavieira, no município, a partir de 1944, mas, com mais intensidade em 1950, a paisagem agrária adquiriu novas formas, modificando-se as relações de produção.

Com o desenvolvimento da agro-indústria açucareira, os fazendeiros tiveram que se ajustar às exigências da usina, racionalizando a produção agrícola.

Tentaremos descrever as características da cultura da cana-de-açúcar no município e a relação desta cultu

ra com as mudanças organizacionais, ocorridas na zona rural.

### Descrição das Técnicas de Cultivo

Existem dois períodos para a maturação da cultura canavieira. A cana de um ano e meio (18 meses) é plantada nos meses de janeiro e fevereiro, enquanto que a cana de ano (12 meses) é plantada no mês de setembro. Esta última modalidade de plantio está diminuindo de importância; na região, devido ao baixo rendimento agrícola e industrial, causado pelo curto período de crescimento da planta.

O "ciclo vegetativo" da cana de 18 meses compreende várias fases, contadas a partir do plantio. A germinação e início do desenvolvimento da planta corresponde aos meses de janeiro e março (quentes e úmidos); o repouso intermediário corresponde aos meses de abril a agosto, o crescimento intenso corresponde aos meses de setembro a março e o amadurecimento ocorre de abril a junho. (figura 18,e 19)

### Preparo do Terreno

Esta etapa deve ser bem efetuada para garantir uma boa produção, tendo em vista que a cana-de-açúcar é uma cultura semi-permanente, com uma duração de quatro anos.

O tipo de preparo do terreno é variável de acordo com a fertilidade do solo, bem como do tipo de cultura que preceder ao plantio da cana.

De modo geral, a primeira operação efetuada é a de subsolagem de molde a eliminar as raízes e estruturar o solo a fim de diminuir a sua compactação. Em seguida, três operações são efetuadas, compreendendo a aração, calagem e gradagem. A calagem é realizada somente quando o solo tiver com alto teor de alumínio e baixo teor de cálcio. Esta operação ocorre somente no talhão reformado.

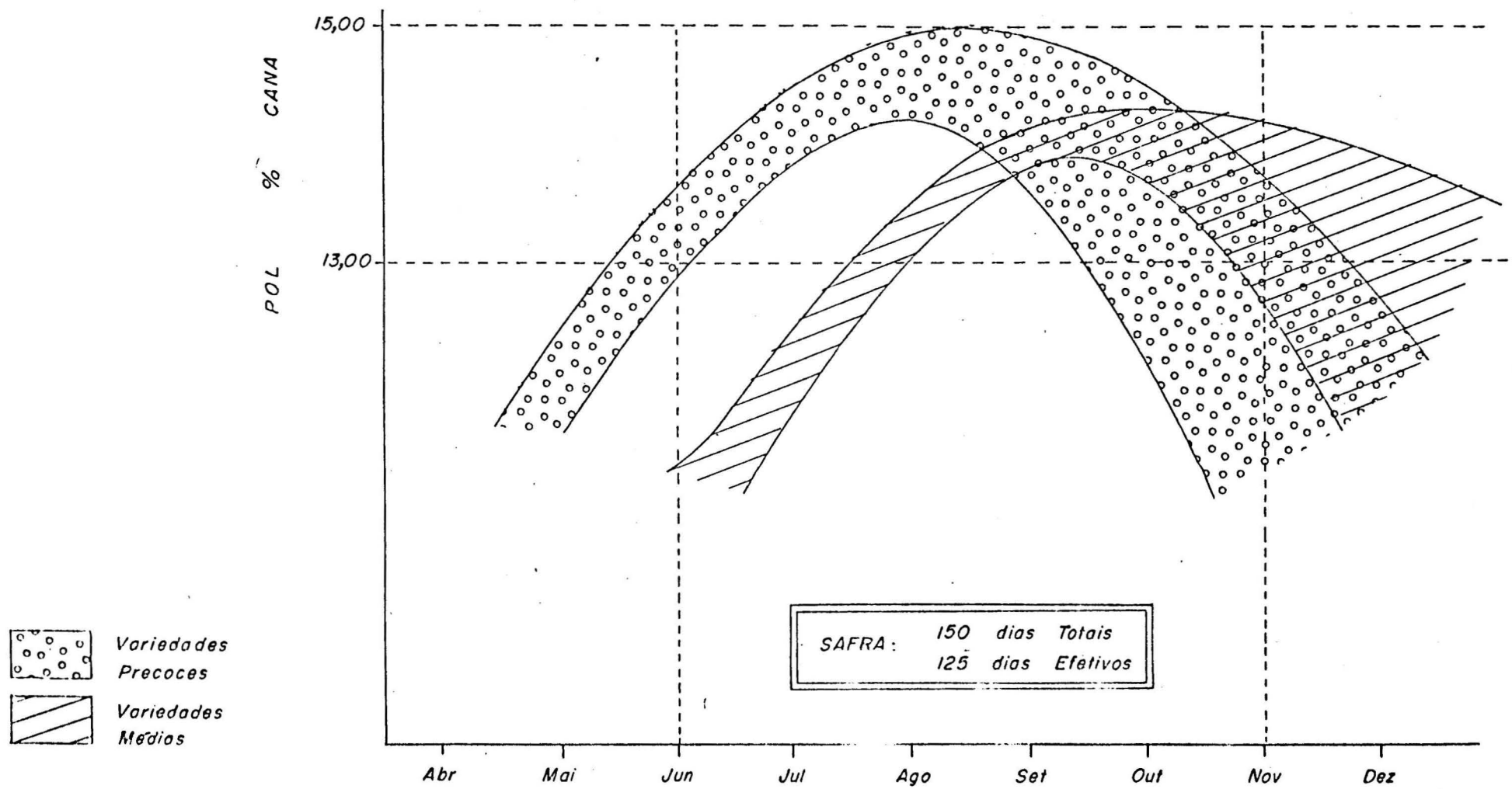
### Plantio

O plantio corresponde a três operações simultâneas: o sulcamento, a adubação e o plantio.



CURVAS DE MATURACÃO MÉDIA PARA OS CONJUNTOS DE  
VARIEDADES PRECOCES E MÉDIAS

FIG. 19



Para garantir uma boa rentabilidade da produção canavieira, é imprescindível que haja uma seleção das variedades a serem plantadas. Devem ser cultivadas variedades com diferentes épocas de maturação, de modo a garantir um rendimento industrial elevado e constante. Neste caso, a usina se interessa pelo aprimoramento das qualidades das mudas através de estudos constantes, selecionando as variedades mais produtivas. Além disso, na usina São João, a muda sofre um tratamento térmico, a fim de eliminar o raquitismo da sulqueira. Os viveiros são formados na própria usina e os fornecedores compram as mudas já selecionadas. Neste caso, a usina exerce influência quanto ao tipo de variedade a ser plantada assim como contribui para melhorar a qualidade das mudas.

Quanto à adubação, sua intensidade é variável de acordo com as possibilidades financeiras do proprietário. Neste caso, é a usina que aplica maior quantidade de adubo, se comparado com os fornecedores.

O plantio da cana é tanto manual como mecânico. Para cada hectare de terra são necessárias 10 toneladas de mudas. Estas mudas são jogadas por 6 a 8 pessoas do caminhão para o terreno. Em seguida, as canas são depositadas nos sulcos, deixando 2 gemas por tolete. O recobrimento da cana plantada é feito com trator.

Após o plantio, na época das primeiras chuvas, aplica-se herbicida para combater o crescimento de ervas daninhas. Este controle tem a duração de 90 a 120 dias. No final deste período, os volantes são contratados, para eliminar as ervas daninhas restantes.

O adubo, colocado no início do plantio, sofre a perda do potássio por lixiviação. Sendo assim, uma nova adubação se faz necessária no 8º ou 9º mês, após o plantio, de molde a suprir as necessidades de nutrientes. Nas usinas, o adubo já vem sendo aplicado por avião, por ser mais rápida a operação, além da homogeneidade na distribuição, se comparado ao manual.

Os fornecedores da usina, entretanto, na grande maioria, só adubam o canavial na época do plantio, contribuindo para um rendimento menor da produção.

## Colheita

A colheita deve ser realizada quando a cana atingir o estágio ótimo de maturação, isto é, quando estiver com maior teor de concentração de sacarose.

A etapa final do processo produtivo envolve três operações simultâneas: o corte, o carregamento e o transporte; efetuado por caminhão.

Para que se inicie o processo da colheita, é necessário verificar, primeiramente, a concentração da sacarose na cana. Se o índice for satisfatório faz-se a queimada do canavial. Logo em seguida, realiza-se o corte da cana. Cada volante, munido com um facão chamado "foiã" é responsável por um "eito" de cana (correspondendo a 5 linhas). A cana cortada é jogada no "monte", localizado no sulco central. A cana deve ser cortada rente ao chão, para que haja maior aproveitamento da sacarose, pois a maior concentração ocorre nos gomos inferiores. O rendimento do corte, por pessoa, é variável, de acordo com a capacidade e destreza, no entanto, o rendimento médio gira em torno de 5 toneladas por dia. O preço da mão-de-obra é estipulado por safra e varia de acordo com o tipo de corte.

(tabela 4)

Além da mão-de-obra arregimentada para o corte de cana, existe outras pessoas envolvidas indiretamente, como o bombeiro (que serve água para os volantes quando necessário) um medidor (responsável pela medição do trabalho de 30 cortadores) e o fiscal (que é geralmente o administrador da propriedade).

Dos montes, a cana é posta no caminhão pela carregadeira mecânica, que pode carregar 150 toneladas por dia.

O preço do transporte também é estipulado por safra e é variável de acordo com a distância do canavial à usina. (tabela 5)

A cana, após a queimada, deve ser entregue o mais rápido possível na usina. Dependendo do atraso, pode ocorrer uma inversão de sacarose e, conseqüentemente, uma diminuição do índice de açúcar, por tonelada. O prazo ideal, entre a queimada e a entrega da cana na usina, é de 24 horas. A partir deste prazo, o índice de sacarose diminui, refletindo no declí

USINA AGRO -PECUÁRIAS E SEMPRETABELA DE CORTE DE CANASAFRA 1977/78

1 - COM DESCANSO REMUNERADO	<u>SAL. MÍNIMO</u>	<u>SAL. USINA</u>
	<u>Cr\$ P/TON.</u>	<u>Cr\$ P/TON.</u>
Cana em palha amarrada .....	21,56	31,59
Cana queimada amarrada .....	14,37	21,06
Cana em palha solta .....	14,37	21,06
Cana em palha solta amontoada ..	15,97	23,40
Cana queimada solta .....	8,62	12,64
Cana queimada solta amontoada ..	9,58	14,04
Cana queimada solta amontoada c/ ruas limpas .....	10,78	15,80
2 - SEM DESCANSO REMUNERADO		
Cana em palha amarrada .....	18,44	27,00
Cana queimada amarrada .....	12,29	18,01
Cana em palha solta .....	12,29	18,01
Cana em palha solta amontoada ..	13,66	19,99
Cana queimada solta .....	7,37	10,80
Cana queimada solta amontoada ..	8,20	11,99
Cana queimada solta amontoada c/ ruas limpas .....	9,22	13,50

OBSERVAÇÕES

- 1 - Os montes de cana deverão ser feitos em locais devidamente limpos e corresponderem à capacidade de cada apanhada da carregadeira.
- 2 - Os valores correspondentes ao salário mínimo, foram calculados com base em Cr\$ 4,61 por hora (vigente desde 1º de maio).
- 3 - Os valores correspondentes ao preço da usina, foram calculados com base no salário de Cr\$ 6,75 por hora.
- 4 - O descanso semanal remunerado foi calculado à base de 17 % (dezesete por cento)
- 5 - O salário da usina foi calculado com aumento de 35 % (trinta e cinco por cento) em relação à safra de 1976.

02.05.1977

tabela 4

TRANSPORTE DE CANA-SAFRA 1977/78A PARTIR DE 16 DE MAIO DE 1977DISTÂNCIASPREÇO POR TONELADA

De 01 a 05 km .....	Cr\$ 10,00
06 km .....	Cr\$ 10,80
07 km .....	Cr\$ 11,60
08 km .....	Cr\$ 12,40
09 km .....	Cr\$ 13,20
10 km .....	Cr\$ 14,00
11 km .....	Cr\$ 14,75
12 km .....	Cr\$ 15,50
13 km .....	Cr\$ 16,25
14 km .....	Cr\$ 17,00
15 km .....	Cr\$ 17,75
16 km .....	Cr\$ 18,50
17 km .....	Cr\$ 19,25
18 km .....	Cr\$ 20,00
19 km .....	Cr\$ 20,75
20 km .....	Cr\$ 21,50
21 km .....	Cr\$ 22,20
22 km .....	Cr\$ 22,90
23 km .....	Cr\$ 23,60
24 km .....	Cr\$ 24,30
25 km .....	Cr\$ 25,00
26 km .....	Cr\$ 25,70
27 km .....	Cr\$ 26,40
28 km .....	Cr\$ 27,10
29 km .....	Cr\$ 27,80
30 km .....	Cr\$ 28,50
31 km .....	Cr\$ 29,20
32 km .....	Cr\$ 29,90
33 km .....	Cr\$ 30,60
34 km .....	Cr\$ 31,30
35 km .....	Cr\$ 32,00
36 km .....	Cr\$ 32,70
37 km .....	Cr\$ 33,40
38 km .....	Cr\$ 34,10
39 km .....	Cr\$ 34,80
40 km .....	Cr\$ 35,50

CARREGAMENTO MECÂNICO: (não incluído nos  
preços supra) ..... Cr\$ 5,00

OBSERVAÇÃO: Os preços foram calculados com  
aumento médio de 50% (cinquenta por cento),  
sobre os preços vigentes em julho de 1976 .  
(60% para o início da tabela e 40% no final).

Tabela 5

02.05.1977

nio do preço da tonelada.

Após o primeiro corte do canavial, é preciso esperar um ano para o segundo (soca) e igual período para o terceiro (ressoca). (figura 20) O cultivo da cana-de-açúcar comporta quatro cortes, mas, na região, é comum ocorrer somente três, evitando o corte anti-econômico em relação ao rendimento. As lavouras do 1º corte, apesar de serem as que apresentam os maiores rendimentos por hectare cultivado, são as que exigem maiores investimentos de capital. (figura 21). Da mesma forma, os rendimentos e o custo da produção baixam, sucessivamente, do primeiro ao terceiro corte.

As usinas São João, localizada em Araras, e Iracema, localizada em Iracemápolis, é que absorvem toda a produção de cana-de-açúcar do município.

De acordo com a região de influência, no espaço agrário do município, a cana é fornecida para a usina Iracema ou a São João.

A usina São João moeu 1.770.000 toneladas de cana em 1976, sendo que 510.000 do total foram retiradas das terras dos fornecedores, enquanto que o restante, 1.270.000 toneladas, foram produzidas nas terras pertencentes à própria usina.

Enquanto aumenta a concentração de terras da usina, diminui a porcentagem de produtores fornecedores. (tabelas 6 e 7)

Muitos fornecedores de cana manifestaram, no inquérito agrícola, um desagrado quanto ao preço pago por tonelada de cana colhida. Mesmo assim, a usina incentiva a produção naquelas terras, incluída no raio de até 30 Km de extensão a partir da agro-indústria. O incentivo ao plantio é feito através de informações técnicas de cultivo e incentivo ao aumento da produtividade por hectare.

Conforme aumenta a produção de açúcar e do álcool, aumenta também, a extensão de terras cultivadas com cana-de-açúcar. (figura 22)

Quanto as despesas com o cultivo, o maior investimento do capital ocorre na época do plantio. (figura 23)

Pesquisas realizadas junto às grandes propriedades agrícolas de Cordeirópolis, comprovaram que o gasto com

## Produtividade dos canaviais.

Terra das Usinas		Terra dos Fornecedores
	* T/Ha	T/Ha
1º corte	115,0	100
2º corte	80,0	75
3º corte	70,0	60
4º corte	63,0	50
MÉDIA GERAL	83,0	71

(\* ) média geral dos últimos cinco anos.

Fonte: Usina São João

tabela 6

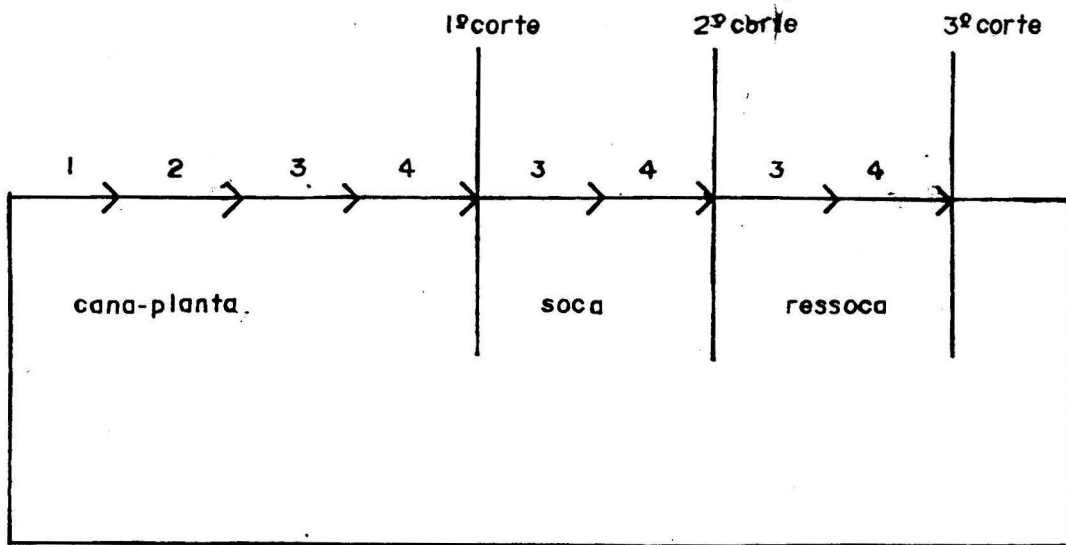
## Distribuição das áreas de cana - safra 77/78 - Usina São João

(usina + associadas + arrendadas)	Ha
para corte	16.950
cana planta	6.180
cultivo de socas	12.500
Sub total	23.560
Fornecedores	8.000
TOTAL	31.560

Fonte: Usina São João

tabela 7

ESQUEMA DE PRÓDUÇÃO DA CANA-DE-AÇÚCAR

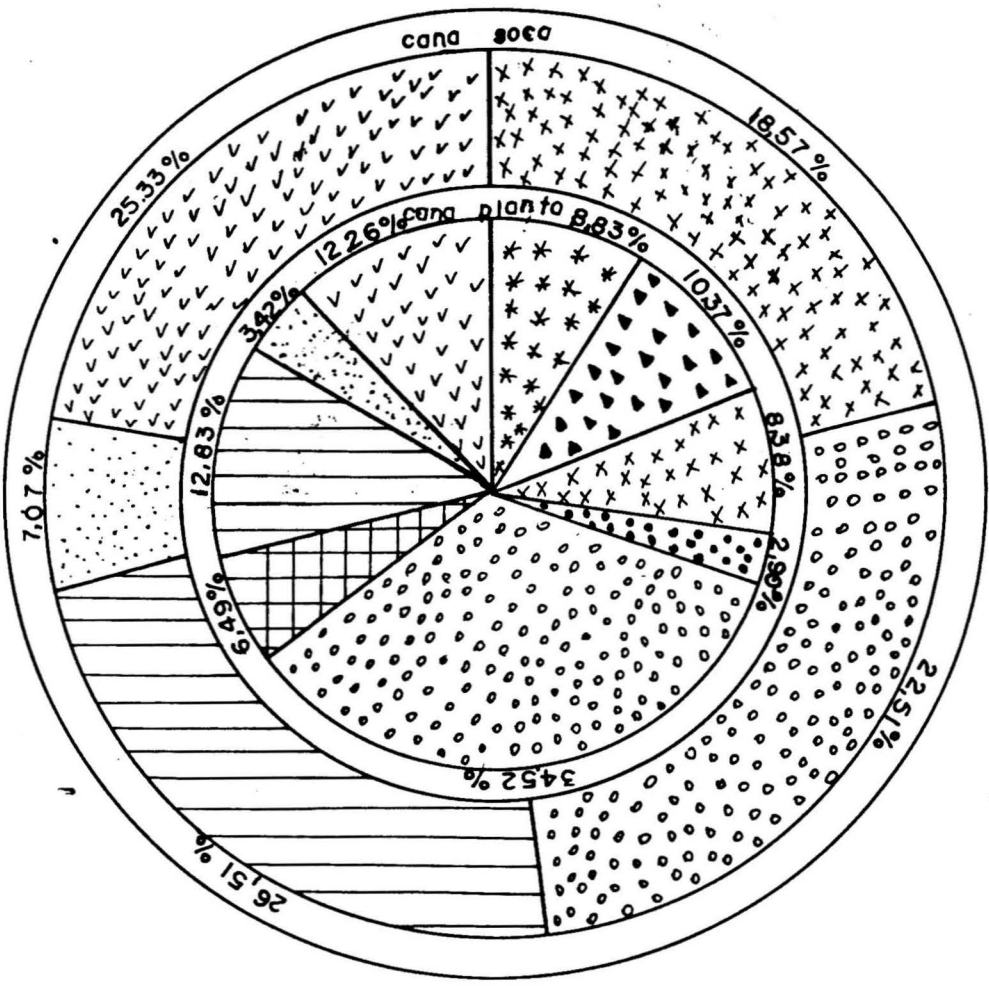


REFORMA DO CANAVIAL

- LEGENDA
- 1-preparo do solo
  - 2-plantio
  - 3-tratos culturais
  - 4-colheita

COMPOSIÇÃO DOS CUSTOS DE PRODUÇÃO DOS FORNECEDORES DE CANA - DE - AÇÚCAR ( por hectare )

JANEIRO /78 MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS

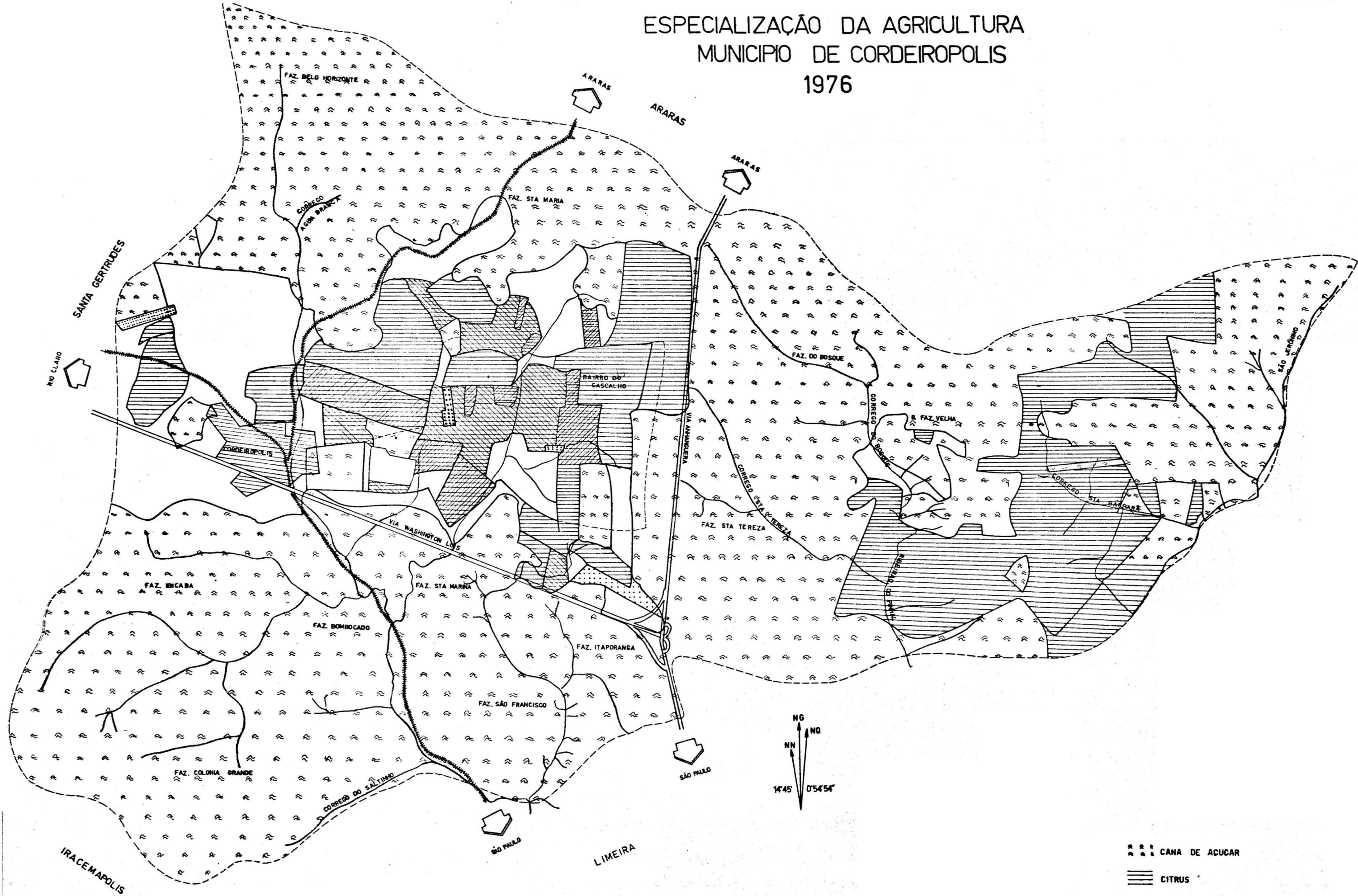


- \*\*\* preparo do solo
- ▲▲▲ plântio
- conservação dos solos
- ▣▣▣ administração
- ××× tratos culturais
- ◊◊◊ insumos
- ▬▬▬ corte
- ◻◻◻ carregamento
- ▽▽▽ transporte

preço da tonelada de cana CrS 183,17

fonte: Usina São João e Fazenda do Bosque organizado por Magda A. Lombardo

ESPECIALIZAÇÃO DA AGRICULTURA  
MUNICÍPIO DE CORDEIROPOLIS  
1976

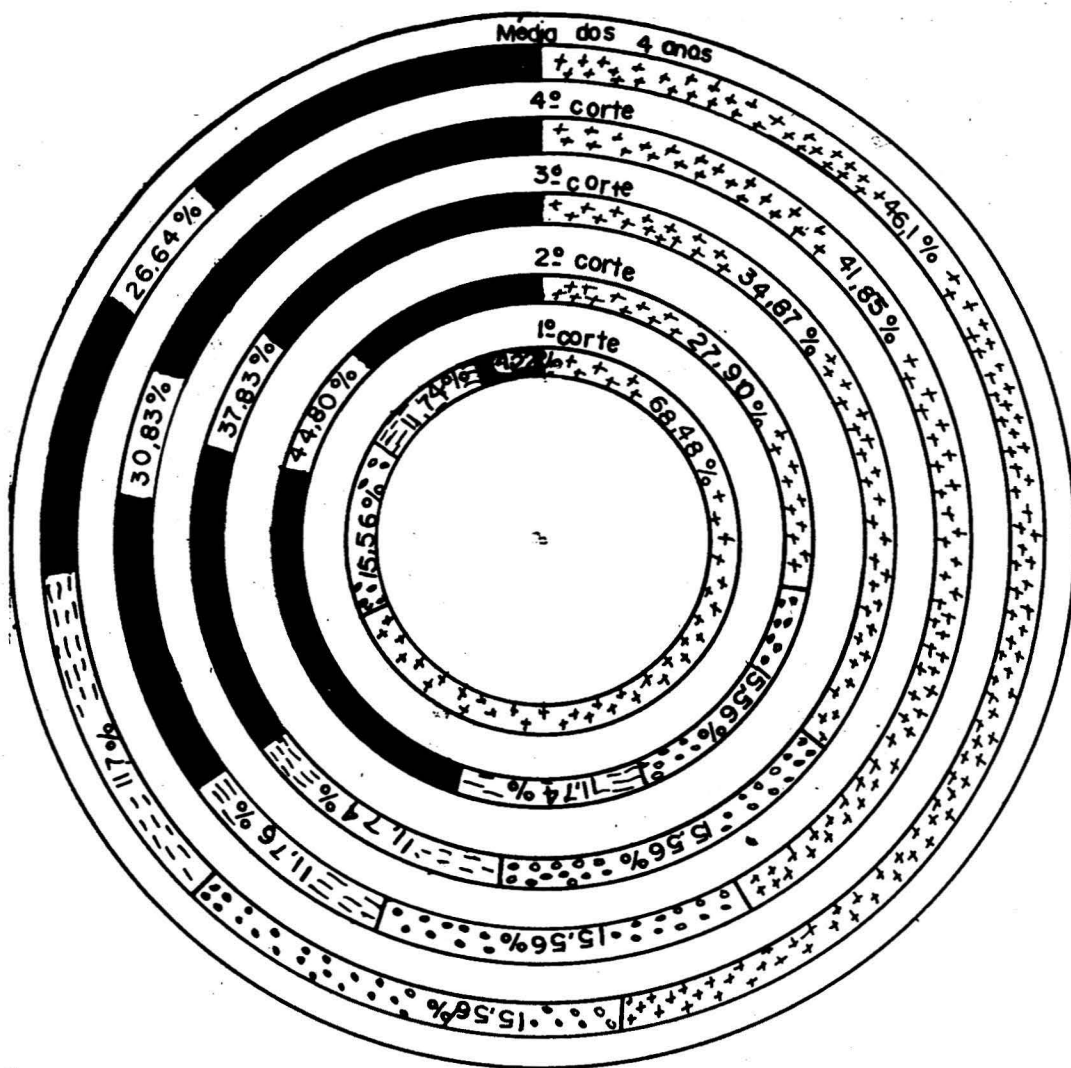






- ☐ CANA DE ACÚCAR
- ▨ CITRUS
- ▤ ABACATE
- ▧ ABACATE E LARANJA
- ▩ ÁRVORES FRUITIFERAS DIVERSAS

ESCALA APROXIMADA 1:50000

COMPOSIÇÃO DOS CUSTOS E LUCROS DA PRODUÇÃO DOS FORNECEDORES DE CANA-DE-ACÚCAR ( por hectare )

JANEIRO/78 - MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS



- custos**
-  preparo do solo, plantio, tratos culturais e insumos
  -  corte e carregamento
  -  transporte
  -  lucro líquido

Produtividade:-

- 1º corte (ano e 1/2) 100 T/Ha
- 2º corte 75 T/Ha
- 3º corte 60 T/Ha
- 4º corte 50 T/Ha

preço da tonelada de cana Cr\$ 183,17

fonte:- Usina São João e Fazenda do Bosque  
organizado por Magda A. Lombardo

adubos e máquinas são bem mais acentuados do que aqueles verificados com a força de trabalho assalariado e com animais. (figura 24 e tabelas 8 e 9)

A crescente mecanização e investimento em equipamentos e adubos pôde evidenciar o desenvolvimento das forças produtivas e das relações capitalistas, no município de Cordeirópolis. No entanto, existe uma variação de rendimentos dos canaviais, no espaço (de uma para outra categoria) e no tempo (da lavoura do 1º corte para o 3º). É impossível, através de dados, registrar toda a variação de rendimentos da produção de cana-de-açúcar do município. Entretanto, através de várias entrevistas, podemos notar que os rendimentos agrícolas variam de acordo com os recursos de que dispõe o proprietário, para a aplicação de técnicas adequadas e adubos suficientes. Neste caso, a maior média de produção por hectare cultivada é verificada nas terras da agro-indústria açucareira.

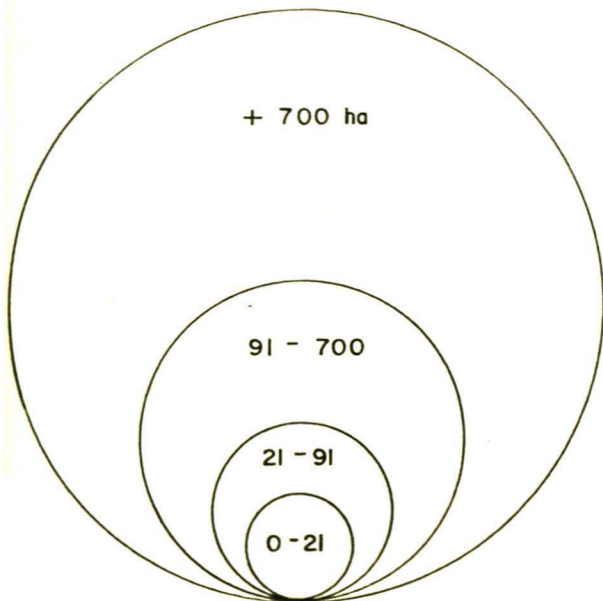
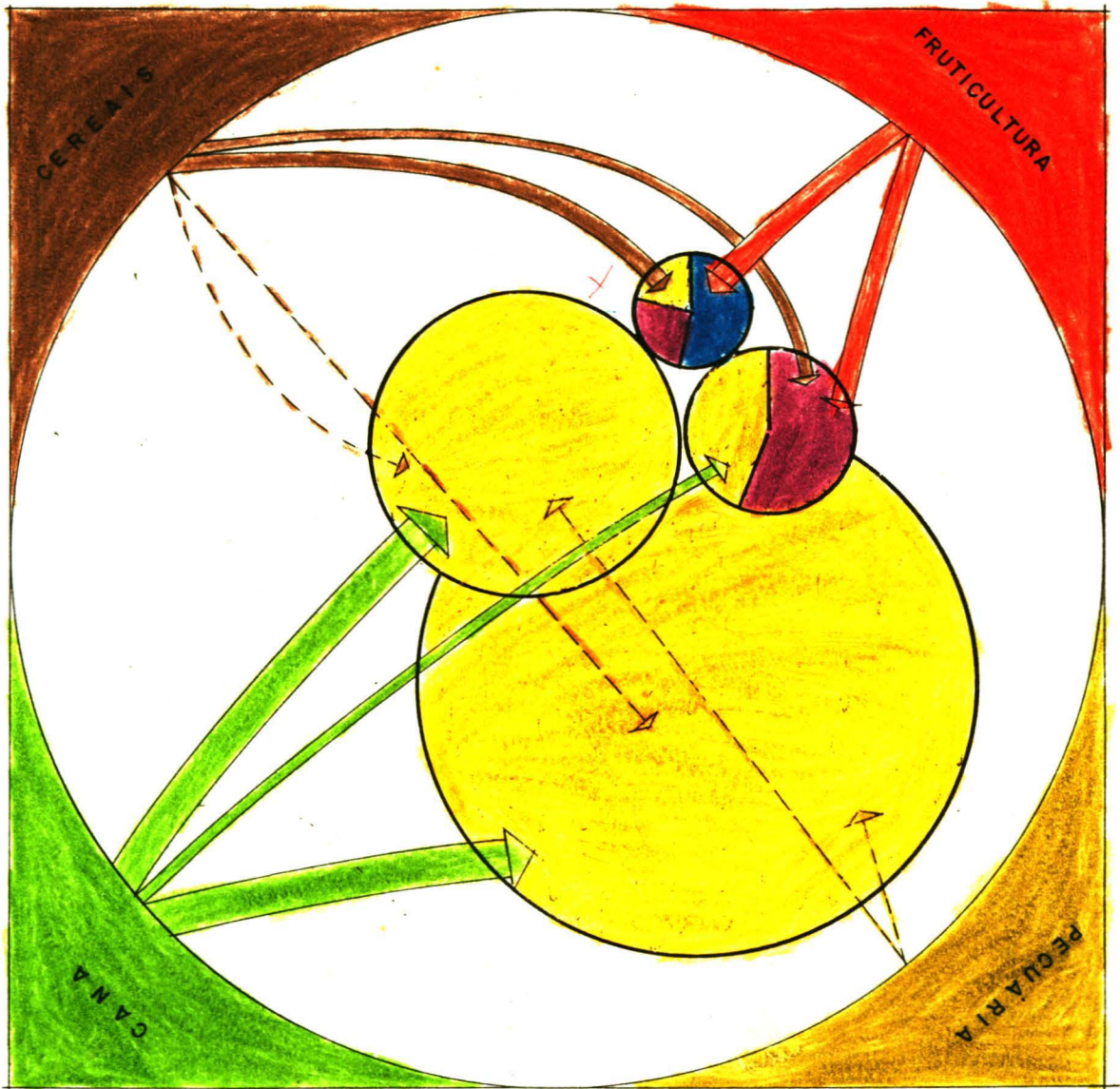
### 3.1.2 A policultura e a citricultura nas pequenas propriedades do bairro do Cascalho

Nas pequenas propriedades do bairro do Cascalho, a cultura comercial que mais se destaca é a da citricultura.

No ano de 1972, o município de Cordeirópolis possuía 12,62 % (1.301,3 hectares) de sua área cultivada com citrus. Esta cultura predomina nas pequenas e médias propriedades, exploradas com mão-de-obra familiar, localizadas no bairro do Cascalho.

Nestas propriedades, a laranja constitui-se o produto comercial básico. Entretanto, outras culturas comerciais, como o abacate e árvores frutíferas diversas, também se destacam na produção, todavia, num plano secundário. Associado aos laranjais novos, é frequente o cultivo de cereais (caso do arroz, do feijão e do amendoim) destinados ao abastecimento das famílias. O excedente da produção dos cereais é comercializado nas cidades próximas. Aliado à variedade de cultivos, o grande retalhamento fundiário do bairro do Cascalho dá, à área, aquele caráter de descontinuidade das formas de utilização das

# CATEGORIAS DE PROPIEDADES



## REGIME DE TRABALHO

- FAMILIAR
- FAMILIAR + ASSALARIADO
- ASSALARIADO

ORGANIZADO POR C. A. F. MONTEIRO

Composição dos custos de produção dos fornecedores de cana-de-açúcar (por hectare) - Município de Cordeirópolis - janeiro/78

<u>CANA-PLANTA</u>		
	Cr\$	%
Preparo do solo .....	1.550,00	8,83
Plantio .....	1.820,00	10,37
Tratos culturais - .....	1.470,00	8,38
Conservação dos solos .....	510,00	2,90
Insumos (adubos, herbicidas, etc)	6.055,00	34,52
Administração .....	<u>1.140,00</u>	<u>6,49</u>
Sub total .....	12.545,00	71,49
Corte .....	2.250,00	12,84
Carregamento .....	600,00	3,41
Transporte .....	<u>2.150,00</u>	<u>12,26</u>
TOTAL .....	17.545,00	100,00

<u>CANA-SOCA</u>		
	Cr\$	%
Tratos culturais .....	1.575,00	21,77
Insumos .....	<u>1.910,00</u>	<u>26,39</u>
Sub total .....	3.485,00	48,16
Corte .....	1.687,50	23,33
Carregamento .....	450,00	6,22
Transporte .....	<u>1.612,50</u>	<u>22,29</u>
TOTAL .....	8.485,00	100,00

Fonte: Usina São João e Fazenda do Bosque

tabela 8

Composição dos custos e lucros de produção dos fornecedores de cana-de-açúcar (por hectare) - Município de Cordeirópolis - janeiro/78.

<u>1º corte</u>	Cr\$	%
Custos (plantio, preparo do solo, tratamentos culturais, insumos) .....	12.545,00	68,48
Corte e carregamento .....	2.850,00	15,56
Transportes .....	2.150,00	11,74
Lucro líquido .....	<u>772,00</u>	<u>4,22</u>
Total .....	18.317,00	100,00
<u>2º corte</u>		
Custos (tratos culturais, insumos) ...	3.833,00	27,90
Corte e carregamento .....	2.137,50	15,56
Transporte .....	1.612,50	11,74
Lucro líquido .....	<u>6.154,75</u>	<u>44,80</u>
Total .....	13.737,75	100,00
<u>3º corte</u>		
Custos (tratos culturais, insumos) ...	3.833,00	34,87
Corte e carregamento .....	1.710,00	15,56
Transporte .....	1.290,00	11,74
Lucro líquido .....	<u>4.157,20</u>	<u>37,83</u>
Total .....	10.990,20	100,00
<u>4º corte</u>		
Custos (tratos culturais e insumos) ..	3.833,00	41,85
Corte e carregamento .....	1.425,00	15,56
Transporte .....	1.075,00	11,76
Lucro líquido .....	<u>2.825,50</u>	<u>30,83</u>
Total .....	9.158,50	100,00
 MÉDIA DOS QUATRO CORTES:		
Custos (plantio, tratamentos culturais, insumos) .....	24.044,00	46,10
Corte e carregamento .....	8.122,50	15,56
Transporte .....	6.127,50	11,70
Lucro líquido .....	<u>13.909,00</u>	<u>26,64</u>
TOTAL .....	52.203,00	100,00

Fonte: Usina São João e Fazenda do Bosque.

terras, com campos de cultivos bastante reduzidos e de formas as mais variadas possíveis.

À medida que se distancia do bairro do Cascalho, a citricultura torna-se menos frequente e mais descontínua, podendo penetrar no sistema canavieiro (em forma de pomar), para fins de abastecer a própria unidade de produção.

O município de Cordeirópolis faz parte da chamada "área citrícola velha da Depressão Periférica Paulista". Apesar da influência da Estação Experimental, no melhoramento técnico do plantio e combate às pragas e moléstias, grande parte da citricultura do bairro do Cascalho não é considerada excelente dentro dos padrões técnicos de tratamento dos pomares.

No bairro do Cascalho, os cuidados necessários, recomendáveis pela técnica moderna, não são empregados pela maioria dos pequenos citricultores, em virtude da falta de recursos financeiros.

Por outro lado, deve-se salientar também que a tradição citrícola destes descendentes de antigos colonos imigrantes italianos, constituiu-se, de certa forma, num entrave às modificações das técnicas de cultivo e modernização da produção.

Entretanto, apesar destes obstáculos, as técnicas agrícolas modernas têm sido propagadas pelos técnicos da Casa da Agricultura e da Estação Experimental, através de propagandas, e ensinamentos de métodos mais racionais de cultivo.

O grau de rendimento da cultura da laranja está diretamente condicionada à aplicação de capital no campo, com utilização de adubo em quantia adequada, inseticidas e máquinas.

No entanto, nas pequenas propriedades do bairro, as técnicas modernas não são seguidas em virtude do seu elevado custo. Em consequência, a produtividade (relação entre valor da produção e área cultivada) é baixa com média de Cr\$ 5.568,00 em 1975. Somente os estabelecimentos onde os proprietários possuem melhores condições (caso dos comerciantes de frutas) é que conseguem cultivar de molde mais racional. Nestes casos, a produtividade é mais elevada, cerca de Cr\$ 8.800,00

• nas médias propriedades do bairro.

Os médios proprietários do Cascalho estão totalmente integrados na economia de mercado e por conseguinte, aplicam seus investimentos na melhora de técnicas de cultivo. Por outro lado, os pequenos proprietários aplicam poucos investimentos na produção, acarretando uma baixa produtividade, além dos frutos apresentarem-se com inferioridade, diante dos padrões técnicos exigidos pelo mercado.

Nas pequenas propriedades do bairro, o espaçamento das árvores é reduzido (de 6 x 4 ou 6 x 3) se comparado com a média do Estado de São Paulo (8 x 6). O pequeno espaçamento acarreta uma diminuição da produção, por unidade. Enquanto no Cascalho a produção média por árvore é de 1,5 caixa, no Estado de São Paulo a média é de 2,2 caixas; e na Fazenda do Bosque (localizada no município de Cordeirópolis) a produção é de 3,5 caixas por árvore.

Além da baixa produtividade por unidade, as laranjas, cultivadas nas pequenas propriedades do bairro, são de baixa qualidade, sendo pouco aproveitadas para a comercialização no mercado interno. A maior parte da produção de laranja do Cascalho ( + de 60% ) é vendida para a indústria de sucos, onde a própria indústria seleciona os frutos. Neste caso, o preço alcançado pela comercialização é bem inferior àquele vendido por caixa "in natura" para o consumo interno.

#### A formação e plantio das mudas cítricas

Para a formação de mudas, a etapa inicial consiste no plantio de sementes de limão-cravo para a produção de porta enxertos. Esta operação é efetuada de abril a maio. Os canteiros são irrigados diariamente e pulverizados quinzenalmente. Após a planta atingir vinte centímetros de altura, é transportada para um canteiro, reservando um espaçamento de 1m x 0,40 cm por planta. O canteiro é anteriormente arado, gradeado e adubado.

Entre junho e julho é realizada a enxertia da variedade que se pretende cultivar. A enxertia é a operação que exige certa técnica e habilidade manual. Ao mesmo tempo, as "gemas" (denominadas borbulhas) devem ser retiradas das plantas matrizes, selecionadas e classificadas, isentas de do-

enças e virus.

No caso do bairro do Cascalho, as "gemas" são selecionadas na Estação Experimental de Citricultura assim como de alguns proprietários cujas plantas matrizes são controladas pelas repartições estaduais competentes.

As mudas podem ser acondicionadas em torrão, envolvido com capim ou em jacã.

A época do plantio das mudas coincide com os meses chuvosos (janeiro e fevereiro). (figura 25). O agricultor abre sulcos, usando o sulcador, ou as covas, com enxadão, como acontece com os proprietários de menores recursos. Na base das covas ou sulcos é colocado, de acordo com a exigência do solo, a quantidade do adubo necessário, que depende, por outro lado, da condição financeira do proprietário.

Após o plantio, a laranja é capinada, quando necessário, para que a planta cresça com vitalidade. A coroa é carpida com enxada.

Como se pode notar, a formação de mudas exige cuidados constantes do proprietário e da família.

No ano de 1976, o bairro do Cascalho produziu 201.000 mudas de citrus de diversas variedades. (tabela 10) Estas mudas são vendidas nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás.

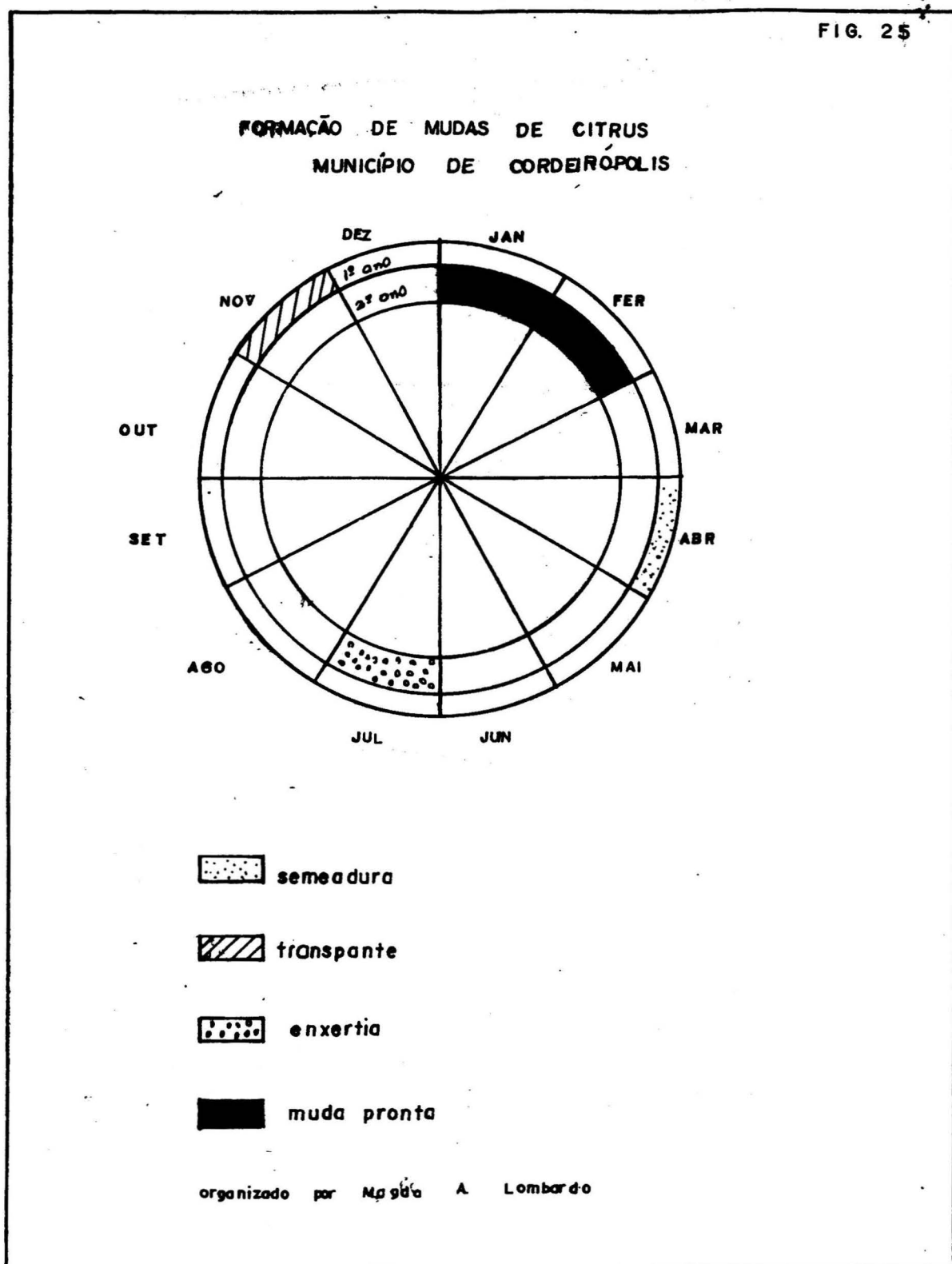
A época de maior venda de mudas ocorre durante os meses de janeiro e fevereiro, coincidindo com a época da formação das mudas.

O controle fitossanitário como o destino da produção são fiscalizados pela Casa da Agricultura do município. Este controle contribui para evitar o alastramento do cancro-cítrico e outros virus.

#### Despesas com o pomar

A cultura da laranja, por se tratar de uma cultura permanente, exige, durante quatro anos consecutivos, tratamentos constantes e grandes investimentos de capital. A amortização do capital aplicado na cultura ocorre a partir do 4º e 5º ano, quando a produção aumenta e os gastos com o pomar diminuem.

Variedades de mudas de citrus produzidas no bairro do Cascalho  
1977



O agrônomo Orlando Sampaio Passos (Especialista em Fruticultura do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuária do Leste) elaborou um orçamento por hectare, para a instalação e manutenção de um pomar cítrico.

<u>1º ano</u> - roçagem e destoca .....	Cr\$ 86,00
combate à saúva .....	Cr\$ 16,00
aração e gradeação .....	Cr\$ 60,00
marcação de covas e coveamento .....	Cr\$ 14,00
adubação .....	Cr\$ 118,00
aplicação de adubo .....	Cr\$ 4,00
aquisição de mudas .....	Cr\$ 142,00
plantio .....	Cr\$ 6,00
replantio .....	Cr\$ 7,00
tratos culturais (gradagens, coroamentos, podas e limpeza) .....	Cr\$ 79,00
combate às pragas e doenças .....	Cr\$ 36,40
juros sobre o capital - 18% a.a. ....	Cr\$ 102,70
TOTAL DAS DESPESAS .....	<u>Cr\$ 671,10</u>
<u>2º ano</u> - despesas com tratos culturais .....	Cr\$ 97,20
adubação .....	Cr\$ 45,98
combate às pragas e doenças .....	Cr\$ 23,00
juros sobre o capital .....	Cr\$ 132,60
TOTAL DAS DESPESAS .....	<u>Cr\$ 298,78</u>
<u>3º ano</u> - despesas com tratos culturais .....	Cr\$ 97,20
adubação .....	Cr\$ 62,22
combate às pragas e moléstias .....	Cr\$ 36,00
juros sobre o capital .....	Cr\$ 167,78
TOTAL DAS DESPESAS .....	<u>Cr\$ 363,20</u>
<u>4º ano</u> - despesas com tratos culturais .....	Cr\$ 106,00
adubação .....	Cr\$ 80,00
combate às pragas e doenças .....	Cr\$ 50,00
juros sobre o capital .....	Cr\$ 180,00
TOTAL DAS DESPESAS .....	<u>Cr\$ 416,00</u>

<u>5º ano</u>	despesas .....	Cr\$ 510,00
	lucro bruto .....	Cr\$ 1.040,00
	<u>lucro líquido</u> .....	<u>Cr\$ 530,00</u>
<u>6º ano</u>	- total das despesas .....	Cr\$ 344,00
	lucro bruto .....	Cr\$ 1.560,00
	<u>lucro líquido</u> .....	<u>Cr\$ 1.215,00</u>

Por este quadro apresentado, pode-se notar que já no 5º e 6º ano de cultivo, o capital, aplicado na instalação e manutenção do pomar, já é amortizado.

Entretanto, a intensidade de aplicação de capital na cultura da laranja é variável no município, de acordo com as condições econômicas dos proprietários.

#### Colheita das frutas cítricas

Há poucos anos atrás, o comércio de frutas era condicionada pelo ciclo biológico dos citrus. Neste caso, os meses de verão (época em que a fruta é mais procurada) o produto era escasso no mercado.

A produção iniciava-se em março e terminava em outubro. As variedades precoces (como a tangerina, baia, lima, baianinha e hamlin) eram colhidas em março, indo até junho /julho, continuando com as variedades de meia estação (ponkan, tangerina). De julho a outubro, eram colhidas as variedades tardias (como a laranja pera, natal e valência).

Atualmente, com a adubação certa, pulverização contra mosca e seleção de variedades é que o período de colheita prolongou-se por todos os meses do ano.

A alteração da época de colheita foi condicionada ao aumento do consumo interno e a industrialização do suco. Assim, as variedades de tangerina (morcott, cravo, ponkan e dancy) são colhidas de abril a setembro. Estas frutas não resistem à deteriorização, devendo ser colhidas e vendidas rapidamente. Por outro lado, as variedades pera, natal e valência são muito resistentes, podendo ser colhidas de setembro a abril, dependendo das condições de produção das indústrias de sucos e da intensidade da procura da laranja no mercado. Deste

ÉPOCAS DE COLHEITA DE FRUTOS CÍTRICOS NO ESTADO DE S. P.												
Variedade	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>LARANJAS</b>												
Lima, Piralima e Serrana		---	---	---	---	---	---	---				
Hamlin			---	---	---	---	---	---				
Bela, Baianinha				---	---	---	---	---				
Barão, Westin				---	---	---	---	---				
Pera	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Valência, Natal	---	---						---	---	---	---	---
Lima tardia							---	---	---	---	---	---
<b>TANGERINAS</b>												
Satsuma		---	---	---	---	---	---					
Cravo		---	---	---	---	---	---					
Mexirica			---	---	---	---	---	---				
Ponkan e Dancy				---	---	---	---	---				
Murcott							---	---	---	---	---	---
<b>LIMAS ÁCIDAS E LIMÃO</b>												
Galego	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Tahiti	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Siciliano (limão)	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Pomelo-Marsh Seedless				---	---	---	---	---	---	---	---	---

— colheita de importância principal  
 --- colheita de importância secundária

Fonte: Seção de Citicultura do INSTITUTO AGRÔNOMICO DE CAMPINAS

modo, a colheita do fruto é subordinada à capacidade de moagem das indústrias de molde a garantir uma continuidade de produção das fábricas. (figura 26)

A colheita da laranja passou a ser determinada pela demanda do mercado consumidor. As necessidades dos comerciantes e da indústria de sucos é que estabelecem a época de colheita.

A responsabilidade da colheita, transporte, mão-de-obra empregada, fica a cargo do comprador do pomar.

Na colheita da laranja participam crianças, jovens e adultos (geralmente mulheres) e velhos em forma de empreitada, recebendo por caixa colhida de 40,80 kg.

Esta força de trabalho, absorvido na colheita, provém ou da periferia das cidades próximas, ou do próprio bairro, daquelas pequenas propriedades agrícolas, cuja produção não é suficiente para garantir o sustento da família.

#### A Comercialização da Laranja

A comercialização da laranja é muito complexa abrangendo um espaço mais amplo do que aquele de Cordeirópolis, passando para um nível de preocupação estadual.

O processo de comercialização pode ocorrer desde os vários tipos de compras dos pomares até a colocação do produto no mercado.

Em Cordeirópolis, os citricultores vendem os pomares para os barracões de laranja (localizados, principalmente, no Bairro do Cascalho) ou para as indústrias de sucos.

Tanto os barracões de laranja como as indústrias de sucos possuem pessoas especializadas para a compra dos pomares. Estas pessoas avaliam o pomar através da qualidade e da variedade dos frutos, estabelecendo o valor da mercadoria e a forma de pagamento.

Como foi analisado por Ceron, em Limeira, a comercialização da laranja, em Cordeirópolis ocorre de maneira semelhante. As modalidades que se seguem são as verificadas no município de Cordeirópolis.

#### a) Compra na época da colheita

Este tipo de compra é a mais comum que ocorre no município, especialmente no bairro do Cascalho.

A compra do pomar, na época da colheita, é considerada a mais vantajosa para o citricultor, uma vez que conhecendo a sua produção pode ter uma base mais real do valor do pomar.

Quando o pomar é vendido para a indústria de sucos é elaborado um contrato particular entre a firma compradora e o proprietário. Terminada a colheita, é emitida a nota do produtor, recebida através da promissória rural (descontada de 90 a 120 dias nos estabelecimentos bancários). No caso da venda da produção para os barracões, a modalidade de pagamento é variável, sendo mais frequente a divisão em duas parcelas, a primeira efetuada na fase da colheita e a outra após 6 meses.

#### b) Compra do pomar antes da colheita

Esta modalidade de comercialização da laranja é pouco frequente entre os produtores do bairro, pois os rendimentos e os cálculos são realizados sempre abaixo da produção real.

Os barracões e as indústrias de sucos incentivam este tipo de compra quando a expectativa de consumo do produto é muito grande. Deste modo, os compradores preferem garantir certos pomares. Para os citricultores, entretanto, a única vantagem que os leva a aceitar este tipo de comercialização é a garantia de venda do pomar.

#### c) Compra da produção por caixa

Essa modalidade de comercialização refere-se ao pagamento por caixa colhida. Neste caso, os citricultores que possuem pomares mais cuidadosos são beneficiados, na medida em que maiores serão seus lucros, quanto maiores os rendimentos.

#### d) Venda direta ao consumidor

Este tipo de transação comercial é mais frequente entre pequenos proprietários rurais cuja produção do pomar é pequena e não atrai os interesses de compra dos barracões. Neste caso, os citricultores vendem o pomar por caixa aos "quitandeiros" das cidades próximas, sem beneficiamento.

O município de Cordeirópolis possui 6 barracões de laranja, sendo 4 localizados no bairro do Cascalho. A procedência da laranja beneficiada nestes barracões é a mais diversa possível. Estes barracões recebem frutas tanto do bairro do Cascalho como de toda a região da Média Depressão Periférica e do Planalto Ocidental. Este fato não se refere particularmente à comercialização dos frutos do município de Cordeirópolis, sendo comum ao processo de mercado de laranja do Estado de São Paulo.

Os barracões é que centralizam a compra de frutas do bairro do Cascalho. São eles que compram os pomares e estabelecem o preço da fruta. Os preços pagos ao citricultor diferem de acordo com a qualidade e variedade do fruto. Estes barracões possuem toda uma organização de produção; e se responsabilizam pela colheita, transporte, beneficiamento e a venda do produto. Nos barracões, a laranja passa por um processo de triagem, sendo selecionadas aquelas de melhor qualidade para serem vendidas nos grandes centros consumidores. As laranjas restantes, não aprovadas pelos padrões de exigências do mercado, são vendidas para as indústrias de sucos. Neste caso, os barracões funcionam como intermediários entre o produtor e as indústrias de sucos.

#### A cultura do Abacate

Esta cultura corresponde a 3,68% da área total do município, com 433 hectares (25.000 caixas colhidas em 1975) segundo o levantamento por municípios das safras do Estado de São Paulo. Apesar de ocupar uma área pouco expressiva, representa uma parcela significativa do bairro do Cascalho. Em 1966, a área ocupada com abacate correspondia apenas 58,6 hectares, isto é, 0,47% da área total do município. O aba

cate exige grande espaço. A cultura é permanente e ocupa o espaçamento de 10 x 10, cerca de 100 plantas por hectare. O abacate é cultivado nas pequenas e médias propriedades do bairro do Cascalho com o espaçamento menor que o recomendado pelos técnicos (8 x 7), o que acarreta, conseqüentemente, uma queda na produção por pé. É comum, no bairro, o cultivo do abacate associado com a laranja.

A cultura do abacate expandiu-se no bairro do Cascalho devido à produção de mudas, iniciada por um antigo funcionário da Estação Experimental de Citricultura. Por contágio, a experiência expandiu-se no Bairro.

A grande variedade de frutos de crescente aceitação do mercado consumidor contribuíam para o aumento da área cultivada com abacate, no bairro do Cascalho. (figura 27)

A cultura do abacate possibilitou um rendimento de Cr\$ 168.200,00 em 26,4 hectares (1975), com uma produtividade de Cr\$ 6.371,21 na primeira categoria, enquanto a produtividade foi de Cr\$ 8.217,39 na segunda categoria do bairro.

A superioridade do rendimento das médias propriedades é explicado pela maior preocupação técnica de cultivos e condições econômicas favoráveis daqueles proprietários, totalmente engajados na economia de mercado.

O rendimento médio do município equivale a 5 caixas por pé entre os abacateiros novos e velhos.

A comercialização do abacate é realizada através dos barracões de laranja que são responsáveis pela colheita, classificação e transporte. O trato da venda é estipulado por caixa colhida e varia de acordo com a cotação no mercado. O maior mercado consumidor do abacate produzido no bairro, é São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Brasília.

#### Formação de Mudanças

As mudas de abacate tiveram origem no bairro a partir da transferência das técnicas apreendidas numa propriedade particular do Dr. Otávio Gale (Campinas) para a propriedade do Sr. Guilherme Spagnol, antigo funcionário da Estação Experimental, por volta de 1948.

Os viveiros são registrados na Casa da Agri-

FIG. 27

ÉPOCAS DE COLHEITA DE ABACATE NO MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS												
VARIÉDADES	Jan	Fer	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Simmonds												
Fuchs												
Fortuna												
Quintal												
Collinson												
Wagner												
Linda												
Prince												

organizado por Magda A. Lombardo

cultura do município. Para que isto aconteça é necessário haver um projeto técnico para a produção de mudas, constando de dados quanto ao padrão das mudas, técnica de cultivo, tipos de solo, origem das sementes, etc. Este projeto deve ser assinado por um engenheiro agrônomo responsável. O engenheiro firma contrato com o viveirista para o pagamento dos serviços prestados na orientação técnica.

O contrato das mudas tanto de abacate como de citrus é válido por um ano e não existe cota fixa de produção, sendo que o proprietário regula o número de mudas de acordo com sua capacidade de produção.

A época da sementeira dos abacateiros ocorre em abril e maio, o transplante de junho a setembro e a enxertia de julho a dezembro. (figura 28)

A muda de abacate é confeccionada em lâminas de pinhos, revestidos com plástico, no tamanho de 10 cm de boca por 40 de altura. A altura da enxertia é variável de 5 a 10 cm, com uma única haste de 20 a 50 cm de altura.

Os canteiros das mudas são preparados com adubo. Logo após a sementeira, as mudas são protegidas com esteira de sapê até a sua germinação. Depois são transportadas para os laminados. Entre 30 a 40 dias são enxertadas. Quando o enxerto atingir de 10 a 20 cm, as mudas são colocadas diretamente à luz solar. Após três meses, de setembro, até fevereiro, as mudas podem ser replantadas.

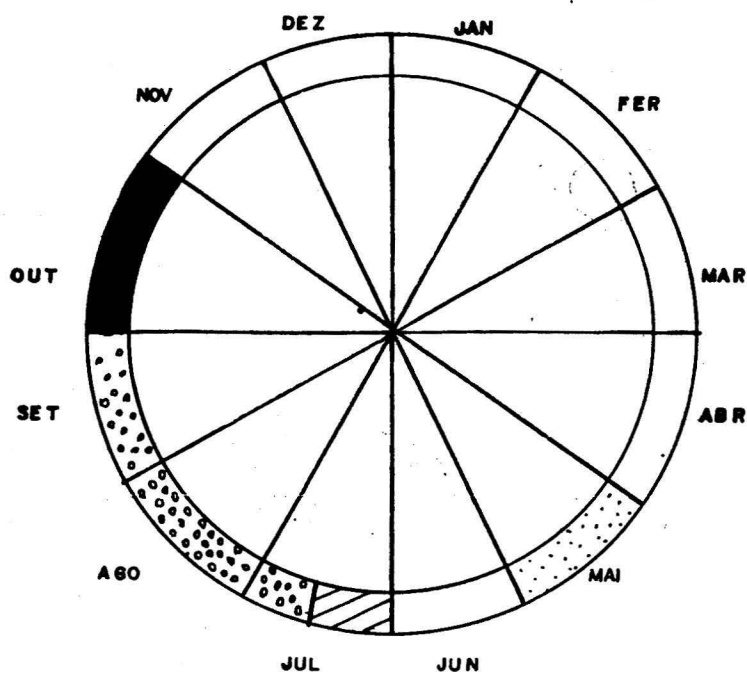
Os cuidados com as mudas exigem constantes tarefas e mão-de-obra especializada. As mudas são cultivadas numa média de 8 propriedades do bairro, sendo que toda a família é engajada no processo produtivo.

O município de Cordeirópolis produz 304.000 mudas de abacate por ano, destacando-se como o maior produtor do Estado de São Paulo. (tabela 11).

São cultivadas diversas variedades no Bairro, sendo antilhianos, guatemalenses e os híbridos. Muitos destes híbridos receberam o nome do proprietário que descobriu a variedade. Os maiores detalhes técnicos sobre o cultivo de mudas de abacate podem ser vistos nos trabalhos publicados pelo Sr. Guilherme Spagnol.

Devido à pouca durabilidade das mudas, o pro

FORMAÇÃO DE MUDAS DE ABACATE  
MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS



 semeadura

 transpante

 enxertia

 muda pronta

organizado por Magda A. Lombardo

Variedade de mudas de abacate produzidas no bairro do Cascalho.  
1977

ESPÉCIE: <u>ABACATE</u> VARIEDADES	
Fortuna	81.000
Quintal	79.000
Victória	11.000
Fuerte	8.000
Prince	25.000
Simmonds	16.500
Collinson	19.000
Wagner	13.500
Pollock	22.000
Booth F-1	6.000
Rincon	5.000
Bertanha	2.000
Linda	9.000
Imperador	3.000
Herculano	2.000
Mateigão	2.000
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>304.000</b>

Obs:- Dados retirados dos projetos técnico de produção de mudas.

tabela 11

dutor acha-se condicionado às exigências do mercado, sem previsão de venda. De modo geral, 20% do total das mudas do bairro são encomendadas antes da formação, enquanto que 80% restante ficam na dependência da venda após a formação. Neste último caso, ocorre uma disputa de venda entre os proprietários do bairro, que acarreta, conseqüentemente, uma pressão, no abaixamento dos preços das unidades produzidas.

De modo geral, em 1976, o preço das mudas por unidade foi de Cr\$ 5,00 a Cr\$ 6,00, dando um "lucro relativo" de 50%. No entanto, este preço é insignificante se considerar as despesas com a formação. Para cada muda o gasto equivalente é de Cr\$2,50. Porém, deve-se salientar que a força de trabalho não é computada como gasto.

Se comparar o cultivo de mudas de citrus com a de abacate, pode-se notar que a última é mais recomendada para pequenos espaços (100 mudas por m<sup>2</sup>). Além disso, o ciclo vegetativo do abacate é mais curto (6 a 8 meses) enquanto que a da laranja é mais longo (18 a 24 meses).

#### Cultivo de árvores frutíferas diversas

Correspondem apenas 36,3 hectares ou 0,35% do total da área do município e se encontram nas pequenas propriedades do bairro do Cascalho. São pomares com árvores frutíferas diversas, com espaçamento reduzido. Das frutas cultivadas além daquelas mencionadas (citrus e abacate) destacam-se a banana e a manga.

A bananeira é plantada em touceiras, entre os laranjais, ou nos limites das propriedades. Em 1975, 1.000 touceiras produziram uma média de 2.000 caixas de banana.

A manga também, é plantada em fileiras, no fundo das pequenas propriedades ou, nas proximidades da moradia.

O excedente da produção destas frutas é vendido para os quitandeiros da região. Apesar deste tipo de comércio não significar expressão econômica para o município, ele representa uma fonte de lucros para aqueles pequenos proprietários e assalariados temporários, colhedores de laranja.

### As culturas temporárias

As culturas temporárias, pouco destaque ocupam no município quanto ao valor da produção e área cultivada (7,59% do total do município). O objetivo da cultura de cereais é garantir o sustento da família do pequeno proprietário, assim como obter um pequeno excedente de lucro na comercialização da produção. (figura 29)

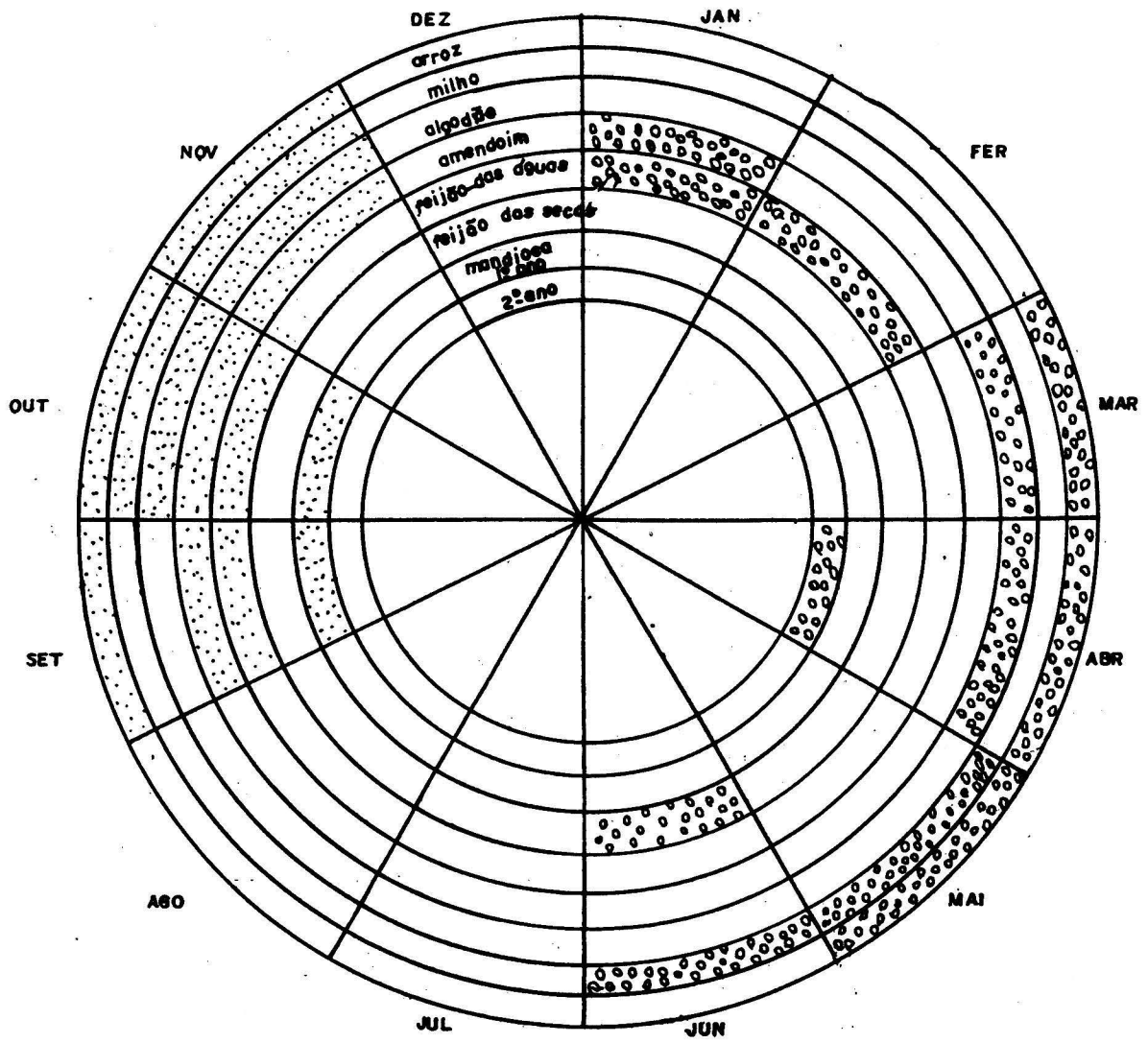
O único cultivo temporário exclusivamente comercializado é o algodão. Entretanto, a cultura do algodão é pouco difundida no município devido aos grandes riscos que entram em jogo na produção, além de utilizar grande quantidade de assalariados temporários na época da colheita.

Os pequenos proprietários do bairro do Cascalho tendem a diversificar as culturas, dedicando-se ao cultivo de citrus e abacate como produtos comercializados. No entanto, as culturas anuais também representam uma certa utilização do sobretabalho do proprietário e sua família em todos os processos de cultivo, a fim de garantir não só o consumo, como também um pequeno lucro na venda do excedente da produção. Estes proprietários, desprovidos de amplos recursos e tendo que se destinar boa parte deles a cultura da laranja, preferem entre os cereais, aqueles cujo custo da produção seja menor.

Mesmo no bairro do Cascalho, existe uma diversificação na comercialização das culturas anuais. Nas propriedades com menos de 5 hectares, os cereais são cultivados apenas para garantir o sustento do proprietário. Nestas propriedades, somente as frutas são comercializadas, sendo que o lucro da venda representa o excedente do salário do agricultor. Naquelas propriedades, engajadas totalmente na economia de mercado, onde a racionalização da produção é evidente, existe uma certa especialização da produção, destacando-se a citricultura e o abacate como principais culturas comerciais. Aí, estas culturas são "compradas" de outros proprietários do bairro.

Nas propriedades transicionais, entre aquelas menores de 5 hectares e as maiores, onde o proprietário depende somente da produção agrícola para garantir o sustento da família, ocorre uma maior diversificação das culturas comerciais, destacando-se a citricultura e o abacate como as principais

CALENDÁRIO AGRÍCOLA  
CULTURAS TEMPORÁRIAS



 **planta**

 **colheita**

organizado por **Megde A. Lombardi**

No entanto, nestas propriedades são comercializados os excedentes da produção dos cereais.



Foto 10 - Vertente do Morro Azul. Paisagem de cana-de-açúcar, em manchas de solo de terra roxa, em relevo de vastos espigões e vertentes fracamente inclinadas.



Foto 11 - Vista da cidade de Cordeirópolis. A cidade expandiu-se na encosta, ao longo da rodovia Washington Luiz. Nota-se, no conjunto, a convexidade das formas de relevo, com colinas suaves.



Foto 12 - Vista da Usina São João, localizada em Araras. A maior parte da cana cultivada no município de Cordeirópolis é industrializada nesta usina. Pode-se notar a cultura canavieira monopolizando a paisagem.



Foto 13 - Aspecto parcial da Usina São João, localizada em Araras. Na época da safra, caminhões aguardam o descarregamento da cana.

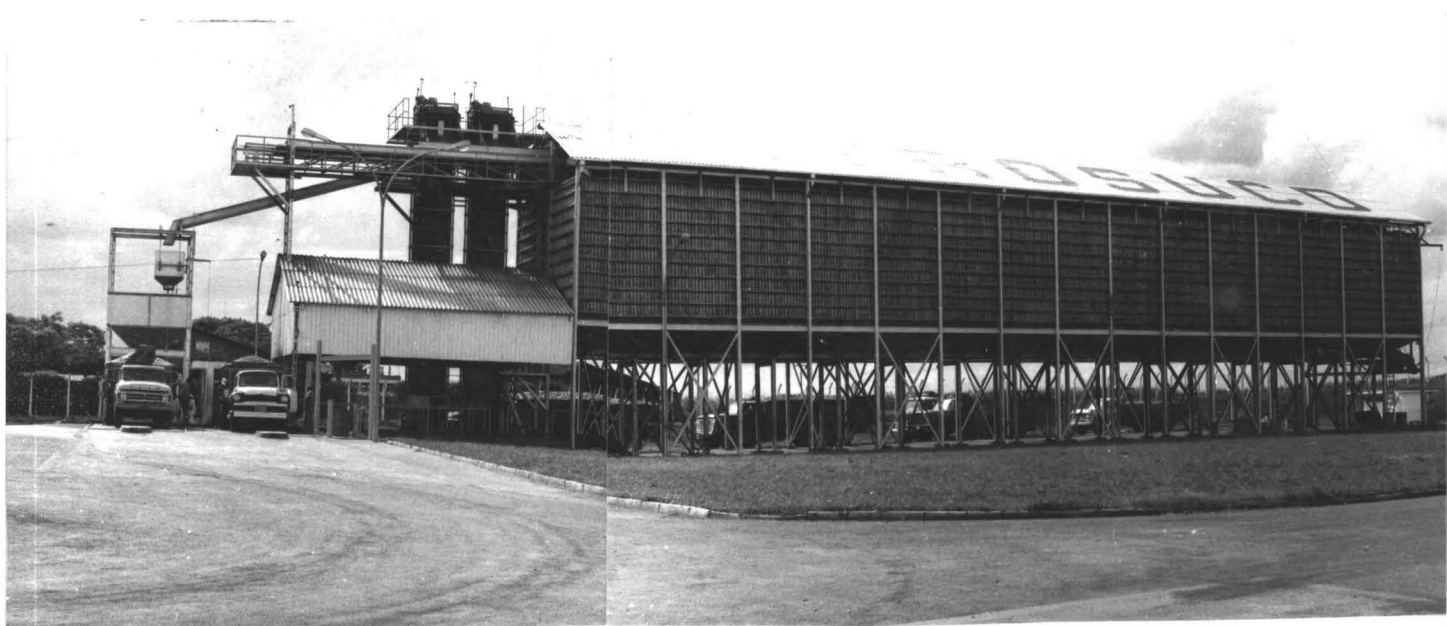


Foto 14 - Silos de laranja da indústria Citrosuco, instalado no município de Cordeirópolis, à margem da rodovia Washington Luiz.

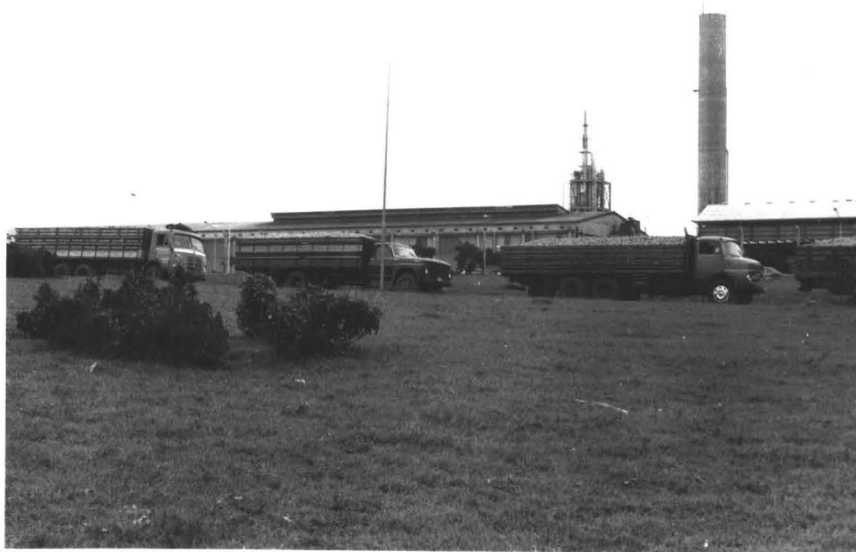


Foto 15 - Aspecto da indústria Sucorrigo, no município de Araras, à margem da rodovia Anhanguera.



Foto 16 - Cultivo de mudas de laranja numa pequena propriedade do bairro do Cascalho.



Foto 17 - Cultivo de mudas de abacate numa pequena propriedade do bairro do Cascalho. O rancho de sapé protege as mudas dos raios solares.



Fotos 18 e 19 - Cultura de feijão entre os laranjais novos, no bairro do Cascalho.

### 3.2 A malha fundiária e tipo de mão-de-obra empregada na exploração

O município de Cordeirópolis possui 431 propriedades rurais, de acordo com os dados do INCRA de 1976, caracterizando-se por ter uma grande heterogeneidade quanto ao tamanho das propriedades agrícolas. (tabela 12).

Para uma melhor visualização da distribuição das terras, no município, foram confeccionadas várias curvas de Lorenz, desde 1950 até 1975. (figura 30)

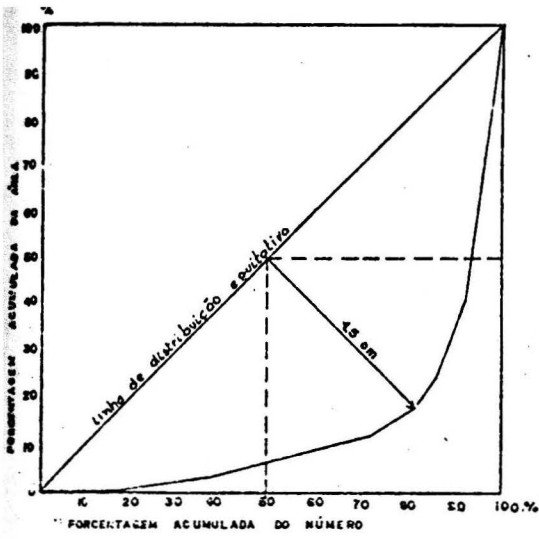
Na curva de Lorenz, a situação de equilíbrio ideal seria a linha de distribuição equitativa igual a zero. No município, nestes 25 anos, verificamos que ocorre uma distância entre a distribuição das terras, comparada à distribuição equitativa. No conjunto, a distribuição das terras na área estudada sofreu algumas modificações, apresentando-se com um número excessivo de pequenas propriedades, ocupando uma pequena área na parte central do município (bairro rural do Cascalho), enquanto grande parte das terras é ocupada por um número pequeno de grandes estabelecimentos agrícolas. Esta situação pode ser explicada através dos fatores de evolução histórica da organização do espaço, assunto que nos referimos nos capítulos anteriores.

Em 1950, de acordo com os dados do Censo Agrícola (I.B.G.E.), o município possuía 97 propriedades, sendo que, somente 17 destas, possuíam menos de 10 hectares, com 0,92% da área, 62 de 10 a 100 hectares, com 16,8% da área e 18 propriedades de 100 a 2.000 hectares ocupando 82,28% da área.

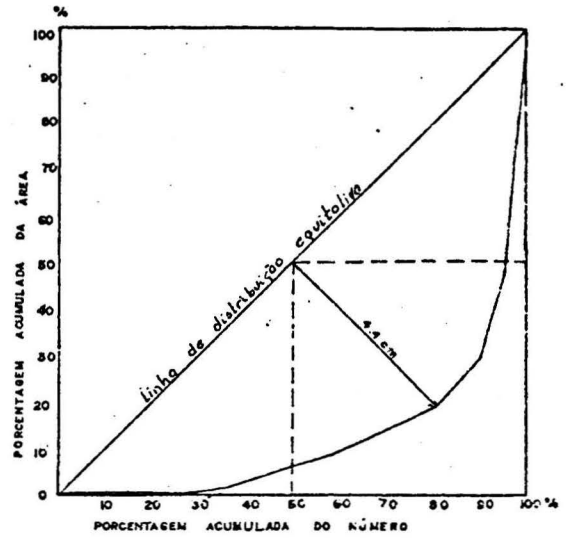
Após 10 anos (1960), houve uma fragmentação fundiária, aumentando, consideravelmente, o número de pequenas propriedades, o que pode ser explicado pela grande divisão de terras por motivo de herança. O número de pequenas propriedades de até 10 hectares, passou de 17 (1950) para 88; ocupando uma área de 2,97%. De 10 a 100 hectares, as propriedades também aumentaram em número, passando de 62 (1950) para 120, com uma área de 27,25%. As propriedades de 100 a 2.000 hectares permaneceram com o mesmo número (18) abrangendo uma área de 51,62%.

O processo de divisão de terra foi acentuado

MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS  
1950

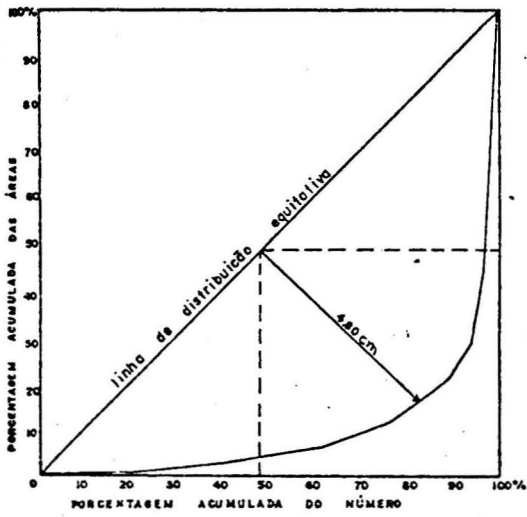


MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS  
1960

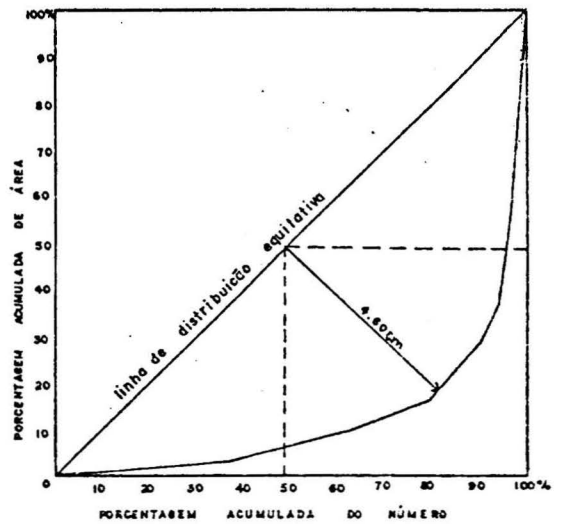


fonte: Censo Agropecuário São Paulo 1960  
1888

MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS  
1966

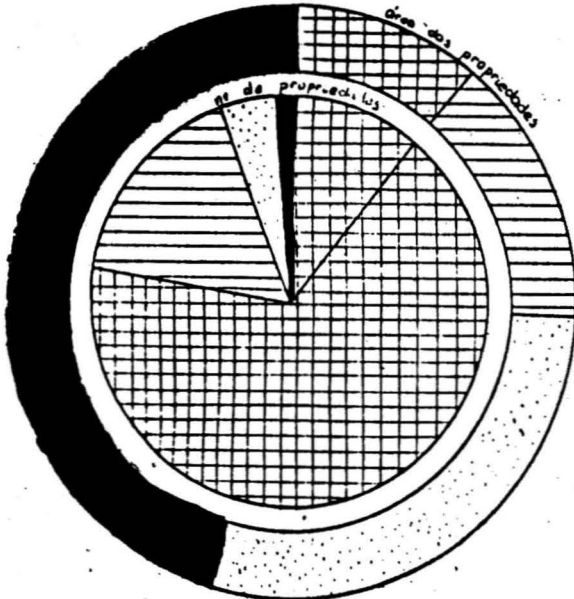


MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS  
1975

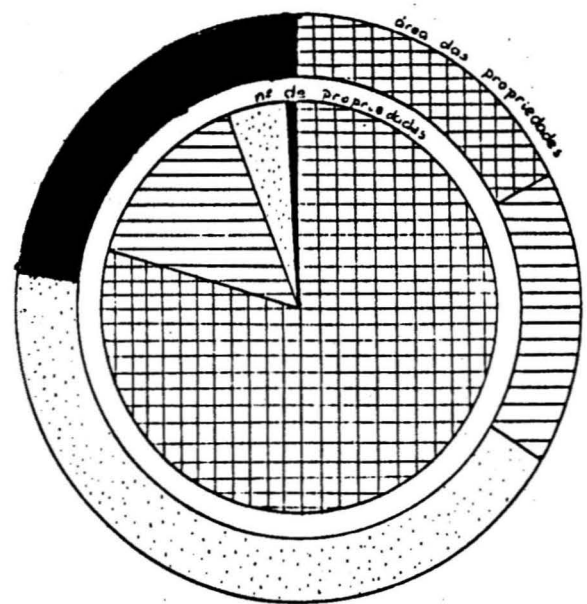


fonte - INCRA - Cadastro das propriedades agrícolas

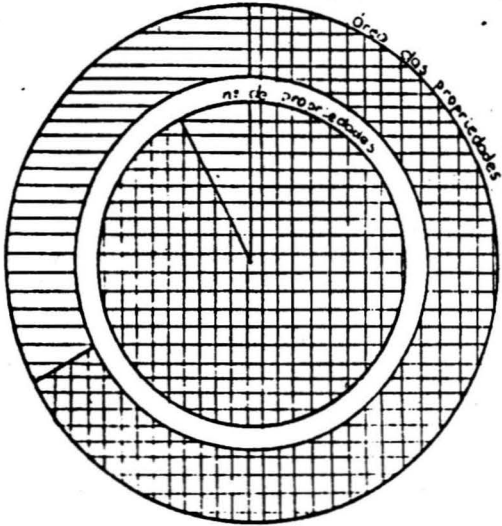
Número e área das propriedades do município de Cordeirópolis por categorias dimensionais das propriedades 1966



Número e área das propriedades do município de Cordeirópolis por categorias dimensionais das propriedades 1975



Número e área das propriedades do Barro de Cascalho por categorias dimensionais das propriedades - 1975



LEGENDA

	HA
	1- 0 - 21
	2- 21 - 91
	3- 91 - 700
	4- + 700

fonte : INCRA  
organizado por Magda A. Lombardo

Município de Cordeirópolis - 1975

Categoria Dimensional	Propriedades					Proprietários				
	Nº	%	área(ha)	%	área média	Nº	%	área(ha)	%	área média
0 a 21	300	79,37	2.131,6	17,25	6,74	137	68,16	2.131,6	17,25	15,56
21 a 91	56	14,81	2.044,7	16,54	37,86	47	23,38	2.044,7	16,54	43,50
91 a 700	19	5,03	5.256,1	42,53	276,64	14	6,97	5.256,1	42,53	375,43
+ 700	03	0,79	2.925,7	23,67	975,23	03	1,49	2.925,7	23,67	975,23
TOTAL	378	100,00	12.358,1	100,00	31,52	201	100,00	12.358,1	100,00	61,48

Fonte: INCRA

Bairro do Cascalho - 1975

Categoria Dimensional	Propriedades					Proprietários				
	Nº	%	área(ha)	%	área média	Nº	%	área(ha)	%	área média
0 a 21	146	92,40	883,70	68,95	6,05	86	87,76	883,70	68,95	10,27
21 a 91	12	7,60	398,10	31,05	33,17	12	12,24	398,10	31,05	33,17
91 a 700	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
+ 700	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	158	100,00	1.281,80	100,00	8,11	98	100,00	1.281,80	100,00	13,07

Fonte: INCRA

tabela 12

em Cordeirópolis, sendo que, em 1966, aumentou o número de propriedades (399), ficando com a curva de distribuição equitativa mais distante do ideal, comparada com os anos de 1950 e 1960

Em 1975, com um total de 399 propriedades, o município possuía 249 estabelecimentos agrícolas de até 10 hectares, ocupando 8,88% da área total; 129 de 10 a 100 hectares, com 27,2% da área; 21 propriedades entre 100 a 2.000 hectares concentrando 63,91% da área do município.

Os números comprovam as disparidades de distribuição das terras em Cordeirópolis. Enquanto, 249 propriedades ocupam uma área de 1.124,8 hectares (8,88%) da área do município, somente uma propriedade ocupa 1.508,7 hectares (11,92% da área total).

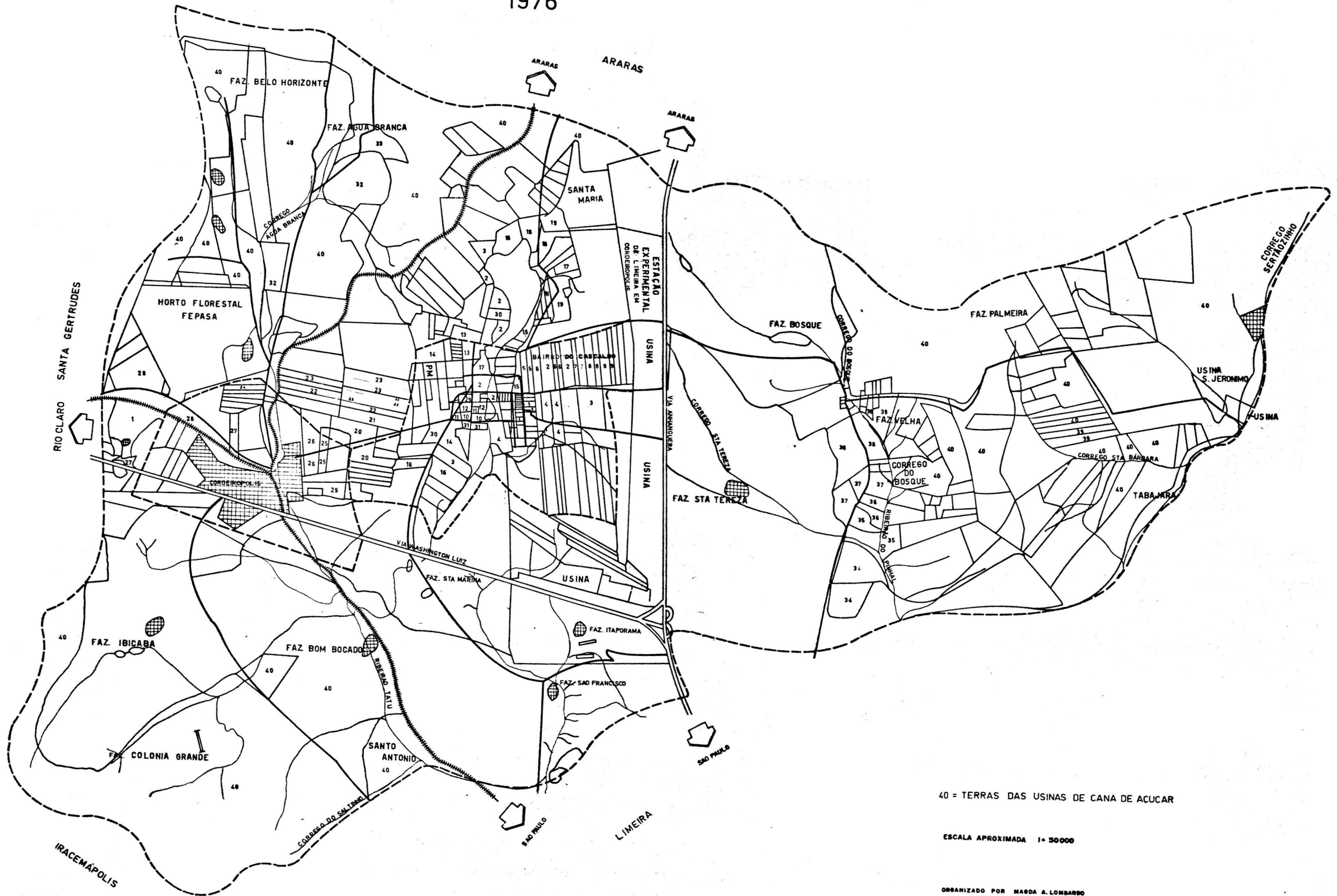
De modo geral, ocorreu a concentração de grande número de pequenas propriedades no bairro do Cascalho, enquanto pequeno número de grandes propriedades abrange uma área mais ampla. (figuras 31 e 32)

À medida que a agro-indústria açucareira expande seus domínios, modificam-se os dados relativos à evolução do número de estabelecimentos agrícolas de Cordeirópolis. Desde 1950 a 1975, houve uma tendência de concentração fundiária, relacionada ao aumento das áreas contíguas à agro-indústria açucareira.

Desde 1950 até 1975, o processo de fragmentação e o de reagrupamento atuaram simultaneamente na evolução da malha fundiária do município de Cordeirópolis. De acordo com os dados sobre número e área de propriedades, pode-se verificar o aumento considerável do número de estabelecimentos rurais do município. As alterações verificadas ocorreram em virtude de vendas totais ou parciais e desmembramento por herança.





No bairro do Cascalho, alguns proprietários conservaram inalterada as áreas de suas propriedades, desde a época da formação do núcleo colonial, e, em alguns casos, outros proprietários chegaram mesmo a adquirir outras glebas de terras, no próprio bairro, aumentando, assim, a sua área de exploração. No entanto, a fragmentação por herança foi o processo mais ativo, no bairro do Cascalho, representando uma alteração significativa na malha fundiária, se considerarmos que uma divisão pode dar origem a várias propriedades agrícolas. Para di

MALHA FUNDIARIA E CONCENTRAÇÃO DAS TERRAS  
MUNICÍPIO DE CORDEIROPOLIS  
1976



# PROPRIEDADES AGRICOLAS DIVISÃO POR CATEGORIA 1976



-  1ª CATEGORIA (0 a 2ha)
-  2ª CATEGORIA (2 a 91 -)
-  3ª CATEGORIA (91 a 700 -)
-  4ª CATEGORIA (+ 700 -)

ESCALA APROXIMADA 1:50 000

ORGANIZADO POR MAEDA A. LOMBARDO

minuir o problema de subdivisão das propriedades, é que muitas famílias organizaram-se em condomínios ou sociedades familiares, permitindo aos vários membros da mesma família viverem da exploração de uma única propriedade.

Outra modalidade de fragmentação que ocorre, no município, é a venda parcial das propriedades, que pode ocorrer entre as propriedades de área menor.

Nas propriedades menores os sitiantes vendem parte das terras a outros sitiantes vizinhos. Neste caso, enquanto diminui a área de uma propriedade, aumenta, simultaneamente, a dimensão da outra, favorecendo a concentração de terras, por parte de alguns proprietários do bairro.

No então, bairro da Fazenda Velha, localizado na parte leste do município, verificou-se um franco processo de desintegração sócio-econômica dos pequenos proprietários rurais que vendem suas glebas para a usina açucareira.

A venda total da propriedade ocorre com maior frequência nas pequenas propriedades do bairro da Fazenda Velha, localizado nas proximidades da usina São João. Neste caso, estas vendas favorecem a aglutinação de terras, por parte da agro-indústria açucareira.

O processo de reagrupamento registrou-se acentuadamente nas grandes empresas agrícolas. É a família Ometto que adquiriu a maior quantidade de terras, no município, principalmente aquelas pertencentes às antigas fazendas cafeeiras (ver mapa). Também, entre os sitiantes, no bairro do Cascalho, compras sucessivas de áreas contíguas são efetuadas por alguns proprietários que se dedicam à comercialização dos frutos. Neste caso, várias propriedades são registradas como propriedades distintas, embora pertencentes ao mesmo dono.

Os processos de fragmentação e reagrupamento atuam de maneiras diversas em Cordeirópolis.

A fragmentação por herança, vendas totais ou parceladas, foi responsável pelo aumento do número de pequenas propriedades nestes últimos 25 anos, de 1950 a 1975, enquanto o reagrupamento favoreceu a concentração fundiária por parte das usinas, aumentando consideravelmente a racionalização da agricultura.

Somente através da curva de Lorenz, não nos

foi possível dividir as propriedades do município por categorias dimensionais. Para uma classificação das propriedades, de acordo com o agrupamento por tamanho, foi necessário distinguir as unidades de exploração de acordo com as condições econômicas da grande e da pequena propriedade.

O caráter da exploração direta assim como o tipo de mão-de-obra empregadas é que nos auxiliaram na divisão das propriedades, por categorias dimensionais.

Do total de 378 propriedades consultadas (IN CRA) em 1975, somente 22 (5,82 % do total) não são exploradas pelos proprietários rurais. Como a forma de exploração indireta da terra constituiu-se uma minoria no município, ela não foi tomado como referencial na classificação.

A modalidade de exploração indireta constitui a minoria no município, sendo que a parceria ocorre em 4 pequenas propriedades, o arrendamento em 5 ; enquanto que a parceria com a usina de cana-de-açúcar ocorre em 13 propriedades.

As formas de exploração indireta são pouco frequentes no município do Cordeirópolis. A parceria ocorre em apenas 4 propriedades que são concentradas na 1ª categoria. No caso destas propriedades, três localizam-se no bairro do Cascalho. Os proprietários são absenteístas, antigos sitiantes que abandonaram as terras para exercer outra atividade nas cidades. O sistema de parceria comum na área é a meação sendo que o proprietário e o parceiro dividem os lucros da produção em partes iguais. Cabe ao proprietário ceder a terra e entrar com 50% das despesas com a exploração. O parceiro entra com a força de trabalho e a metade das despesas.

O arrendamento ocorre também nas pequenas propriedades, sendo 4 na 1ª categoria dimensional e uma na 2ª . Estes casos de arrendamentos ocorrem também com proprietários, antigos sitiantes que abandonam a lavoura e vão para as cidades exercerem outras funções urbanas.

No bairro do Cascalho notamos, através dos inquéritos agrícolas, que a maioria de parceiros são parentes próximos do proprietário. Nestes casos as relações entre proprietário e parceiros não são apenas comerciais, mas também de or-

dem afetiva. Os parceiros consideram a exploração como sendo também parte de sua propriedade.

No conjunto do município, pode-se concluir que as formas de exploração indireta aparecem em todas as categorias dimensionais variando somente quanto a forma.

Outra modalidade de exploração indireta é aquela em que o proprietário associa-se à usina para a exploração agrícola. É o tipo de exploração indireta mais comum no município, ocorrendo em todos os tipos de propriedades, num total de 13, ocupando uma superfície de 1.734,8 hectares. A usina é responsável pelos gastos da exploração e produção canavieira. O contrato é baseado em percentagem da cana entregue na balança da usina ou em toneladas de cana produzidas por alqueire. Em percentagem, 20 % do lucro da produção entregue na balança da usina é pago ao proprietário. No 2º caso, o lucro de 25% das toneladas por alqueire é pago ao proprietário.

Este tipo de parceria ocorre na área de influência das usinas. Os proprietários que fazem contratos de parceria com a usina são aqueles que querem garantir um pequeno lucro sem se preocuparem com a exploração de suas terras. Muitas vezes estes proprietários não possuem capital suficiente para aplicarem na produção.

À medida que aumenta a extensão da propriedade de maior é a predominância de produtos rentáveis, no caso a cana-de-açúcar, explorados em regime de parceria. Por outro lado, para a usina é interessante esta forma de parceria, pois possui condições econômicas para a exploração da terra. A usina possui capital disponível para a exploração, assim como, todo equipamento técnico. As vantagens da usina com este tipo de contrato é justificada pela necessidade de expandir espacialmente seu domínio a fim de garantir maior produção de matéria prima sem empatar capital na compra de terras.

Em qualquer tipo de categoria, ocorrem várias formas de emprego da força de trabalho, no entanto, o predomínio de certo tipo de mão-de-obra, relacionado com o tamanho da propriedade, é que serviu de base para a classificação. Há uma certa correlação entre tipo de mão-de-obra empregada e tamanho da propriedade.

O trabalho familiar é numeroso, nas propriedades menores e decresce à medida que aumenta a área de exploração das unidades produtivas.

A força de trabalho familiar é relacionada com a pequena propriedade, enquanto que os assalariados (fixos e temporários) ocorrem com predomínio nas grandes propriedades rurais.

Em qualquer das categorias dimensionais, pode-se encontrar todas as formas de exploração agrícola (direta ou indireta), exclusivamente familiar, familiar e assalariado ou somente assalariado. No entanto, para a classificação por categorias dimensionais, levamos em consideração a forma de exploração e o uso da força de trabalho predominante. Deste modo, foram estabelecidas as seguintes categorias dimensionais.

1) até 21 hectares

Predomínio de força de trabalho familiar.

2) de 21 a 91 hectares

Predomínio de mão-de-obra familiar auxiliado com assalariado.

3) de 91 a 700 hectares

Predomínio de força de trabalho assalariado.

4) de 700 a 1.600 hectares

Grande quantidade de assalariados (permanentes e temporários)

De acordo com a tabela, vê-se que das 378 propriedades analisadas, em 1975, 300 são pequenas propriedades abrangendo uma área de 17,25% do total do município, enquanto somente 3 propriedades da 4.<sup>a</sup> categoria ocupam 23,67% da área total.

É no bairro do Cascalho que predominam as pequenas propriedades com mão-de-obra familiar. Das 158 propriedades do bairro, 146 são menores que 21 hectares, abrangendo uma área de 883,70 hectares (68,95% da área total do bairro).

No bairro do Cascalho, ocorre uma grande fragmentação fundiária, contrastando-se nitidamente com outras áreas do município. A área média das propriedades de até 21 hectares é de 6,05 hectares enquanto que, no município, é de

6,75 hectares. À medida que se distanciam do bairro, as pequenas propriedades com exploração direta e mão-de-obra familiar, diminuem, dando lugar às grandes propriedades, com predomínio de assalariados fixos e volantes. (figura 33).

Pela tabela pode-se verificar que o trabalho familiar concentra-se nas pequenas propriedades do bairro do Cascalho. À proporção que a extensão da terra de cultivo aumenta, a mão-de-obra passa a ser mixta (familiar e assalariados) para depois (+ de 90 hectares) concentrar exclusivamente assalariados.

De acordo com as categorias dimensionais, a concentração de trabalho familiar ocorre na primeira categoria, enquanto a exploração mixta aparece com mais frequência, na 2.<sup>a</sup> categoria e, exclusivamente assalariados predominam na 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> categorias dimensionais.

Analisaremos cada categoria dimensional e, na medida do possível, tentaremos abordar as características econômicas delas, destacando-se o tipo de mão-de-obra empregada.

#### 1.<sup>a</sup> categoria

Pequenas propriedades (até 21 hectares)

No município de Cordeirópolis, ocorre um grande número de propriedades de pequena extensão que tem como característica a força de trabalho familiar. No entanto, podemos reconhecer dentro desta categoria dimensional, os residentes na propriedade daqueles que moram na zona urbana. Com relação aos residentes na propriedade, destacam-se pequenos proprietários e assalariados e os pequenos proprietários familiares que vivem da renda de sua unidade de exploração.

Os pequenos proprietários e assalariados são aqueles pequenos proprietários que trabalham como assalariados fora da propriedade, executando serviços agrícolas.




No bairro do Cascalho, a repartição das propriedades por herança resultou num grande retalhamento das propriedades, principalmente no "núcleo", onde, desde o loteamento inicial, os lotes eram menores, os chamados "urbanos".

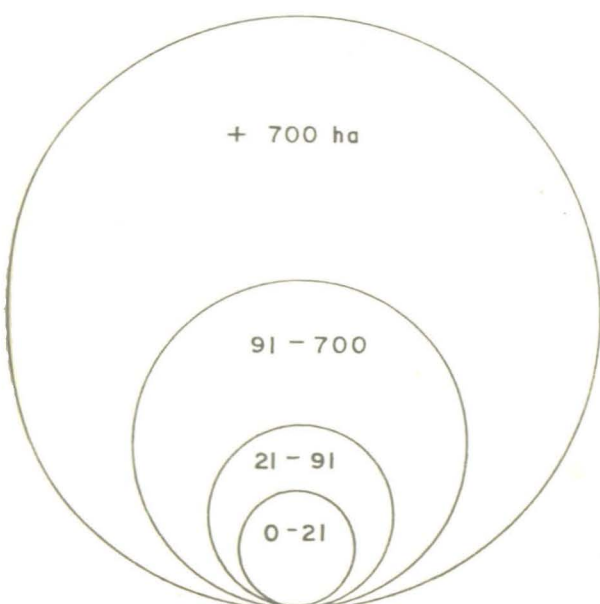
Através dos inquéritos agrícolas, aplicados nas propriedades, pode-se verificar que não existe um limite

CATEGORIAS DE PROPRIEDADES



TIPOS DE CULTURAS

-  CEREAIS
-  CITROS E ABACATES
-  CANA DE AÇÚCAR



fixo de tamanho da propriedade, a partir do qual a exploração garante o sustento de uma família. A variação ocorre de acordo com as técnicas agrícolas, do tipo de exploração da terra, do número de membros da família, do sistema de cultivo, da comercialização da produção, enfim, das condições econômicas do proprietário.

Existe uma diferença de condição sócio-econômica dos proprietários do Cascalho, com relação àqueles do bairro da Fazenda Velha, situados em plena área de influência geo-econômica da usina São João.

Na Fazenda Velha, até 7 hectares, a exploração da propriedade não é suficiente para o sustento da família. Aí predomina o cultivo da laranja, de baixo rendimento, ou em outros casos, a cana já invadiu as propriedades. De modo geral, os proprietários e suas famílias utilizam a propriedade como local de residência e trabalham, principalmente como assalariados temporários, no corte de cana ou na capina. Somente nas horas de folga, é que o agricultor se dedica aos cuidados de sua propriedade. É patente a destruição das propriedades, muitas casas já foram abandonadas devido a venda das propriedades para usineiros. Em decorrência, foi acentuado o êxodo rural para as cidades próximas, como Cordeirópolis, Limeira e Araras.

De acordo com os inquéritos agrícolas, 43% das propriedades ocupam somente 5,5% do total da área.

Por outro lado, 43% das propriedades restantes ocupam 70% da área do bairro.

À medida em que aumenta a produção da usina, expande-se, em áreas, o cultivo canavieiro, alcançando as propriedades do bairro da Fazenda Velha. As pequenas propriedades são invadidas com cana-de-açúcar. Estas pequenas glebas são aglutinadas às terras da agro-indústria. Os antigos proprietários passam a ser assalariados temporários, trabalhando nos cuidados e na colheita dos canaviais. Estes, desprovidos de terra, fixam residência na periferia das cidades próximas. Outros, ainda, continuam morando nas casas do bairro. Neste caso a propriedade passa a ser apenas local de residência dos assalariados temporários. Desprovidos dos meios de produção, estes antigos proprietários vendem a força de trabalho para os usi -

neiros.

O restante das propriedades (cerca de 14%) ocupa uma área de 24,5%, são aqueles pequenos proprietários com mão-de-obra familiar, voltados à produção citrícola. Estão integrados à economia de mercado e representam a transição entre a subdivisão de terras e a aglutinação por parte da usina.

No bairro do Cascalho, as propriedades com menos de 5 hectares são, em geral, exploradas por pequenos proprietários e assalariados. A grande maioria (60% dos entrevistados) são funcionários da Estação Experimental de Limeira em Cordeirópolis. É, na Estação, que esses proprietários aprendem a parte técnica sobre mudas de citrus e abacate, aplicando os conhecimentos adquiridos na propriedade. Quase todos os proprietários que trabalham na Estação, desenvolvem o plantio de mudas de abacate e citrus nas suas propriedades.

O cultivo das mudas exige uma grande quantidade de mão-de-obra para os cuidados constantes com os viveiros, principalmente, na fase de enxertia. Além do trabalho da mulher e da criança o proprietário cuida das mudas nas horas de "folga" do trabalho, ou seja, à noite e aos sábados e domingos. Na realidade, o pequeno proprietário utiliza o seu sobretabalho e de sua família nos cultivos das mudas.

O restante dos proprietários do bairro cuja propriedade é inferior a 5 hectares, trabalha na Prefeitura Municipal ou na Cerâmica localizada no bairro do Cascalho.

Até o limite de 5 hectares (conforme os inquéritos agrícolas), os agricultores não utilizam máquinas próprias. Na maioria das vezes, recorrem à tração animal e/ou trator, este último, alugado ou "emprestado" do vizinho.

A pequena propriedade não comporta o uso intensivo de máquinas. É o caso do capital utilizado na compra do trator, uma vez que ele é ocupado uma ou duas vezes por ano.

De modo geral, estes pequenos proprietários assalariados têm, no plantio das mudas, grande preocupação comercial, apesar deste comércio ser muito oscilante e dependente da cotação do tipo de muda no mercado. Além desta atividade, estes proprietários possuem alguns pés de abacate e laranja e cultivam pequena quantidade de cereais para subsistência da família.

A Estação Experimental absorve parte da mão-de-obra excedente e influencia no aperfeiçoamento técnico, com respeito às mudas cultivadas nas propriedades do bairro. É nesse sentido que o pequeno proprietário assalariado associa o trabalho na Estação à sua atividade na própria exploração da terra, transpondo os conhecimentos adquiridos na Estação, para a sua propriedade.

Por um lado, é interessante absorver a mão-de-obra do bairro. Além de não ser responsável pela moradia destes operários permanentes, dispõem de mais terreno para o cultivo. Por outro lado, a Estação é importante para o bairro, na medida em que oferece emprego a uma quantidade de pequenos proprietários cuja terra não é suficiente para o sustento da família. Deste modo, a Estação garante a permanência desta população, no bairro, além de transferir o melhoramento técnico de culturas das mudas, para o proprietário, contribuindo para que ele obtenha um pequeno capital excedente.

Neste aspecto, um segmento dos proprietários do bairro ainda preserva o caráter de mão-de-obra reserva. Como foi visto anteriormente, desde a sua formação, o bairro do Cascalho atendia a exigência das grandes propriedades cafeeiras, conforme os pequenos proprietários e suas famílias eram utilizados para a colheita do café como diaristas, ao mesmo tempo em que contribuíam para a diversificação das culturas, na medida em que produziam gêneros de primeira necessidade.

Atualmente, com o intenso engajamento do bairro na economia de mercado, alguns pequenos proprietários ficaram marginalizados, continuando, assim, a representar um excedente de mão-de-obra. Os pequenos proprietários passaram a ser assalariados temporários ou permanentes. A subdivisão da terra manteve o caráter de propriedades cuja produção destina-se ao consumo, sendo que o excedente é comercializado.

Grande parte das mulheres destes proprietários trabalham nos quatro barracões de laranja, selecionando as frutas, de acordo com os padrões de consumo, separando as laranjas destinadas ao consumo interno daquelas utilizadas nas indústrias de sucos.

Alguns pequenos proprietários do Cascalho trabalham como assalariados temporários junto aos barracões de

laranja. Estes proprietários são aqueles que possuem a menor quantidade de terras (apenas um lote urbano) e com menores condições econômicas.

Os pequenos proprietários e assalariados correspondem, em número, a 18,5% do total do bairro, ocupando apenas 6,58% da área total, justificando, assim, o caráter de subdivisão das terras.

Os pequenos proprietários com mão-de-obra familiar, compreendem aquelas propriedades onde trabalham todos ou quase todos os membros da família (o proprietário, mulher e filhos) e dependem, exclusivamente, da atividade agrícola.

O tamanho da propriedade é variável, desde 5 hectares até 21 hectares. Das 145 pequenas propriedades do Cascalho (até 21 hectares) 44 proprietários residem na propriedade e vivem exclusivamente da agricultura e 56, são sociedades familiares, demonstrando o alto grau de subdivisão por herança. Em muitos casos, os irmãos exploram a terra em conjunto, com a finalidade de acumular mão-de-obra para o trabalho agrícola e evitar a fragmentação da terra. Nesta situação, qualquer desentendimento entre os irmãos pode acarretar a venda da propriedade. Este é um dos mais sérios problemas da pequena propriedade familiar, onde o ponto de saturação é alcançado, isto é, naquele limite máximo no qual a exploração da terra não é mais suficiente para o sustento da família.

Este tipo de pequenos proprietários agrícolas é predominante no bairro do Cascalho, onde o agricultor depende economicamente, da produção agrícola, no contexto de uma economia voltada para o mercado.

Os principais produtos cultivados são a laranja e o abacate, como também podem cultivar mudas e cereais.

Estas propriedades possuem uma certa auto-suficiência no que diz respeito aos cultivos de subsistência e concentram a comercialização nas frutas. A venda do produto é considerada um excedente da produção, devido às disponibilidades de mão-de-obra e capital fundiário.

A partir de 5 hectares, 70% destes pequenos proprietários (segundo o inquérito agrícola) possuem trator próprio, significando alto grau de mecanização da lavoura, apesar de possuírem pequena extensão de terras. De acordo com as

entrevistas constatou-se que os proprietários preferem a mecanização à utilização de mão-de-obra assalariada. A maioria dos proprietários demonstraram extrema preocupação com problemas relacionados com o assalariado fixo, devido à legislação trabalhista aplicada no campo. Além disso, expressaram os proprietários que a mão-de-obra assalariada é de má qualidade. "Ninguém mais cuida da terra com amor, se não são os proprietários e sua família, ninguém planta, ninguém colhe." (José Minatel). Pode-se notar, por aqui, o valor que a terra assim como os cuidados com as culturas têm para os proprietários. Os objetivos do capital e os objetivos pessoais confundem-se por via dos valores.

Os proprietários e suas famílias encarregam-se, assim, do plantio e tratos culturais dos laranjais.

O pequeno proprietário, com pequeno capital fundiário (herança dos antigos colonos italianos), e com insignificante capital de giro, possui excedente de mão-de-obra, extremamente utilizada para transformar-se em capital.

Os pequenos proprietários absenteístas correspondem a 46,03% do total. Das 189 propriedades da 1.<sup>a</sup> categoria dimensional, 87 moram na cidade, sendo que destes, 38 residem em Cordeirópolis e 28 em Limeira. São em grande parte agricultores que preferem usufruir do conforto da cidade e cuidar da propriedade rural diariamente, devido às facilidades de acesso e a proximidade da cidade de Cordeirópolis e Limeira. Neste caso, ocorreu um êxodo rural dos pequenos proprietários, atraídos pelo conforto das cidades e pelas facilidades de trabalho que ela oferece aos membros da família.

O processo inverso, isto é, o desenvolvimento de chácaras de fim de semana, não é frequente, por se tratar de uma região com grande atividade agrícola. No entanto, apesar de ser ainda raro, este processo está se intensificando, havendo mesmo em Cascalho, sete chácaras (1977), pertencentes à proprietários residentes em São Paulo, Limeira e Rio Claro. Em geral, são proprietários que exercem funções liberais nas cidades próximas (Limeira e Rio Claro) que são atraídos pelo conforto que o campo oferece. Não possuem tradição agrícola, sendo que a terra fica aos cuidados do caseiro. Estas chácaras não visam objetivos lucrativos. Plantam árvores

frutíferas e cereais para garantir as necessidades da família. São proprietários sem ligação de tradição agrícola, diferenciando-se muito dos proprietários agrícolas predominantes no bairro, descendentes de antigos colonos italianos.

Estes tipos de pequenos proprietários ausentistas representam sintomas de modificações das relações de interdependência cidade-campo.

No primeiro caso exposto, aqueles pequenos sítiantes, com tradição agrícola são atraídos para a cidade, mas continuam a ter atividade agrícola (principalmente o pai de família) e consomem na cidade.

No segundo caso, a origem do capital é urbano e a aplicação é efetuada no campo. Este processo justifica-se pela atração que o lazer no campo oferece aos cidadãos. É uma maneira de investimento de capital com objetivo de valorização do capital fundiário.

Com um total de 158 propriedades no bairro do Cascalho, 146 pertencem à 1.<sup>a</sup> categoria (até 21 hectares). Nesta categoria, é comum o proprietário possuir mais de uma propriedade. O mais freqüente é encontrar duas propriedades dirigidas por um só proprietário, mas há também casos de aglutinação de terras (três ou mais glebas) sendo dirigidas por um só dono. Das 146 propriedades com uma área de 883,70 hectares, existem 86 proprietários. A área média das propriedades é menor (6,05 ha) do que a área média dos proprietários (10,27 ha). Estas aglutinações de terras são feitas, de preferência, em áreas contíguas para controlar com maior facilidade a exploração. Quando a terra é dada por herança, um irmão interessado em ampliar suas atividades agrícolas pode comprar uma gleba de um outro que, geralmente, vai à cidade exercer outras atividades urbanas; em outros casos, compra-se glebas dos vizinhos. Quando não há possibilidade de comprar terras contíguas, o proprietário adquire outras porções em áreas diversas, porém de preferência no bairro do Cascalho.

Em outros casos, o número de mais de uma propriedade por proprietário pode ocorrer através do casamento, onde os dois cônjuges possuem propriedades ou parcelas dentro do bairro do Cascalho.

É interessante notar que a área média dos

proprietários é de 10,27 hectares, o suficiente para o sustento da família. Muitas vezes, a grande subdivisão de pequenas propriedades não expressa a sua condição econômica, uma vez que o referencial mais importante é a análise da concentração de terras por proprietário.

A área média por proprietário é maior no município do que no bairro do Cascalho. No município, das 300 propriedades da primeira categoria dimensional ( com área média de 6,74 ha) existem 137 proprietários (com uma área média de 15,56 ha), havendo uma diferença de 5,29 ha na média de proprietários agrícolas do município, se comparado com os do bairro. Este fato vem comprovar que o maior retalhamento da terra ocorre no bairro do Cascalho, concorrendo para aumentar o problema de unidades produtivas ineficientes por falta de terra disponível.

A sociedade familiar constituiu-se numa das maneiras de conter a demasiada fragmentação de terras nas pequenas propriedades, devido a divisão por herança. A união da família garante a divisão do trabalho e melhor comercialização dos produtos. Do total das pequenas propriedades do bairro do Cascalho, 52% são sociedades familiares ocupando 44% da área total.

Quanto à localização das pequenas propriedades, na área de estudo, pode-se observar uma grande concentração no bairro do Cascalho, onde organizam-se nas pequenas propriedades de exploração familiar desde a formação do "núcleo colonial" em 1889. A partir daí definé-se uma organização do espaço agrário correspondente às pequenas explorações familiares de descendentes de colonos imigrantes italianos.

Comparando a planta do "núcleo" com a atual, pode transparecer que no conjunto, a estrutura fundiária não foi alterada. No entanto, à medida que se intensificou a produção vinculada à economia de mercado, o bairro começou a sofrer um processo de diversificação de tipos de propriedade, assim como, aumentou os vínculos orgânicos com a cidade, em detrimento da diminuição com o rural.

Com o crescente convívio do bairro com a economia de mercado, desenvolve-se, por um lado, uma aglutinação de terras por parte daquelas famílias que mais se destacaram no

comércio dos produtos cultivados enquanto, por outro lado, desenvolve-se o processo de fragmentação de terras, por motivo de herança, mostrando sintomas de uma unidade de exploração anti-econômica. Este último processo forçou alguns proprietários a vender sua gleba, transformando-o em assalariado urbano.

## 2.<sup>a</sup> categoria

Médias Propriedades (de 21 a 91 hectares)

A segunda categoria dimensional das propriedades agrícolas do município corresponde, na realidade, a uma categoria transicional, das pequenas propriedades para as grandes propriedades.

Das 378 propriedades do município (1975), 56 delas (14,81%) correspondem à 2.<sup>a</sup> categoria, com uma área média de 33,17 hectares.

A concentração de terras não é frequente nesta categoria, ocorrendo um predomínio de sociedades familiares, sendo que das 25 que ocorrem no município, 7 localizam-se no bairro do Cascalho.

Algumas destas médias propriedades ocorreram devido à divisão de uma fazenda, por vários herdeiros, entre tanto, em outros casos, houve a compra de algumas pequenas propriedades.

As médias propriedades localizadas no bairro do Cascalho são exploradas por sociedades familiares, onde tanto o pai como os filhos casados exploram a mesma propriedade. Nestas propriedades, transparece uma certa divisão do trabalho, ficando cada filho responsável por um setor da exploração. O proprietário e os filhos residem na propriedade.

A mão-de-obra utilizada na exploração é familiar, sendo que, somente na época de colheita, são arregimentados os trabalhadores temporários.

Quanto às culturas, predomina a laranja e o abacate.

Das sete propriedades da 2.<sup>a</sup> categoria localizadas no bairro, quatro pertencem aos comerciantes da produção possuidores de barracões de laranja. Nestes casos, ocorre uma divisão social do trabalho, havendo uma certa especializa-

ção da mão-de-obra utilizada, desde aquela responsável pela comercialização da produção em São Paulo, no CEAGESP, até o colhedor da laranja. É comum cada filho comandar os lugares chaves da produção, sendo responsável pela colheita, compra dos pomares, administração do barracão, cuidados com os cultivos até a venda em São Paulo.

Estas médias propriedades correspondem a 29,5% do total do número de propriedades do bairro, ocupando 49,5% da área total. Estas propriedades representam o segmento do bairro que mais penetrou na economia de mercado, caracterizando-se por uma organização mais racional, com uso intensivo da mecanização. Os proprietários possuem mais decisão quanto aos negócios e, conseqüentemente, maior visão quanto à necessidade de aplicação de capital na unidade produtiva.

Em outros casos, aquelas propriedades ligadas ao sistema canavieiro, têm origens diversas. Em geral, são resultados de antigas fazendas que foram subdivididas por herança. Estas médias propriedades possuem características de grandes propriedades. Os proprietários moram nas cidades próximas, vivendo desvinculados das fainas agrícolas.

Nestas propriedades predomina o cultivo de cana-de-açúcar, sendo que algumas delas são arrendadas para as usinas. Neste caso, o proprietário prefere "alugar a terra" e receber uma renda anual, a dispor de capital na exploração. A mão - de - obra utilizada nestas propriedades, dentro do contexto canavieiro, é essencialmente temporária; em algumas propriedades, porém, pode existir uma família de assalariados residente na propriedade.

### 3.<sup>a</sup> categoria

Grandes propriedades agrícolas (91 a 700 hectares)

São aquelas classificadas entre 91 e 700 hectares. Foram catalogadas 19 propriedades no município, com uma área média de 276,64 hectares. Nesta categoria, ocorre uma certa concentração de terras (14 proprietários possuem uma área média de 375,43 hectares), explicada pela compra de terras por parte das usinas. É o pleno domínio das grandes propriedades

canavieiras. Nesta categoria, não se verifica nenhuma propriedade citrícola e, nem mesmo, localizada no bairro do Cascalho.

Esta área corresponde à demarcação das sesmarias. Algumas propriedades, como no caso de Ibicaba, foi subdividida por herança, como também, foi vendida para a usina. Dos 2.400 hectares que possuía a fazenda, na sua formação, restam apenas 530 hectares.

Outras propriedades foram aglutinadas às terras da usina, como demonstra o mapa da malha fundiária.

Apesar de algumas transformações (subdivisão ou concentração de terras) este espaço correspondente à esta categoria dimensional sempre correspondeu ao predomínio absoluto das grandes propriedades. No início da implantação da agricultura comercial, expandiu-se os grandes latifúndios canavieiros, com mão-de-obra escravocrata, depois, o café substituiu a cultura canavieira, associado à mão-de-obra imigrante italiana. Atualmente, predominam os grandes campos canavieiros e a racionalização da agricultura, com assalariados temporários.

Com a expansão da agro-indústria açucareira, estas propriedades passaram a fornecer matéria-prima para a usina, ficando subordinadas, diretamente, à agro-indústria açucareira. Deste modo, a cana expande seus domínios nas terras das fazendas. Por outro lado, a área cultivada com produtos de subsistência assim como a área de pastagem, diminuíram de extensão, em todas as propriedades pesquisadas.

As fazendas mantêm poucos antigos colonos residentes, enquanto que a maior parte da mão-de-obra é arregimentada nas periferias das cidades próximas.

#### 4.<sup>a</sup> categoria (de 700 a 1.600 hectares)

Nesta categoria estão concentradas três propriedades agrícolas, com mais de 700 hectares. Localizam-se em pleno domínio da cultura canavieira.

Estas propriedades são verdadeiras empresas agrícolas, com grande investimento de capital e racionalização da cultura canavieira. O objetivo das propriedades está concentrado no aumento da produtividade, por hectare, de cana planta

da. Nestas propriedades existe uma intensa divisão social do trabalho, aparecendo desde o administrador até o assalariado temporário. O controle da produção é rígido. Toda a contabilidade de custos é baseada na escrituração. Houve um maior investimento em máquinas enquanto que, simultaneamente, ocorreu uma redução do capital investido na força de trabalho.

O número de pessoas residentes nas propriedades tem se reduzido, enquanto aumenta a área plantada com cana-de-açúcar e diminui o plantio de cereais.

A maioria dos assalariados são temporários e chegam a atingir a cifra de 350 homens/dia na época da safra de cana-de-açúcar.



Foto 20 - Aspecto de uma pequena propriedade do bairro do Cascalho. Pode-se notar a variedade de árvores frutíferas. O pequeno proprietário é descendente de italianos.



Foto 21 - Fazenda Ibicaba. Na média encosta, localiza-se a sede, uma reminiscência do período áureo do café. Hoje a propriedade é fornecedora de cana-de-açúcar para a agro-indústria açucareira.



Foto 22 - Aspecto bairro Fazenda Velha, cercado pelos campos de cana, de propriedade da Usina São João.



Fotos 23 e 24 - Bairro do Cascalho. Igreja e salão de reuniões.  
Ao lado, o coreto.



Foto 25 - Aspecto do bairro do Cascalho. Casas localizadas nos lotes chamados "urbanos" do "núcleo colonial". As habitações estão dispostas linearmente, ao longo da estrada principal.



Foto 26 - Pequena propriedade do bairro do Cascalho, onde destaca-se o cultivo da laranja associada à banana e abacate.



Foto 27 - Sede da Fazenda do Bosque, localizada na média encosta. O adpecto da casa evidencia um elevado nível sócio-econômico do proprietário.



Foto 28 - Aspecto de abandono de uma casa localizada no bairro Fazenda Velha. O pequeno proprietário reside, atualmente, na cidade de Cordeirópolis.



Foto 29 - Bairro do Cascalho. Pequena propriedade com a casa à beira da estrada.



Foto 30 - Pequena chácara de fins de semana, localizado no bairro do Cascalho. O proprietário reside na cidade de Limeira.

### 3.3 Condições Sócio-Econômicas dos Proprietários Rurais

As condições sócio-econômicas dos proprietários podem refletir as possibilidades de aplicação de capital, na exploração agrária. A propriedade da terra representa um certo capital acumulado e a concentração de terras demonstra uma condição de prestígio social. Neste caso, o usineiro representa o senhor das terras, aquele que possui o poder de decisão. O fazendeiro goza, também, de uma certa condição de destaque social, mesmo quando a exploração de sua propriedade não lhe assegura grande capitalização. Em geral, estes antigos descendentes de proprietários de fazendas cafeeiras já tinham destaque na sociedade da região, na época do café.

O sitiante que, através da compra de várias glebas, consegue assegurar uma certa concentração de terras possui um nível sócio-econômico de destaque no bairro do Cascalho.

A primeira dificuldade, para o estudo das condições sócio-econômicas dos proprietários rurais do município de Cordeirópolis, foi a falta de dados disponíveis; especialmente no que diz respeito ao valor da terra, valor do imóvel rural e da exploração.

No inquérito agrícola de 1975 (janeiro), o preço da terra mostrava-se muito oscilante de propriedade para propriedade.

Os dados são subjetivos, sendo que o preço de um alqueire limpo variava de Cr\$ 50.000,00 a Cr\$ 70.000,00.

O valor das benfeitorias é também de caráter subjetivo, especialmente no bairro de Cascalho, onde existe uma ligação afetiva entre o proprietário e sua propriedade. Os sacrifícios impostos para a aquisição da casa advêm desde a implantação do "núcleo colonial". Desta maneira, o proprietário enfrenta dificuldades de avaliar sua terra e as demais benfeitorias com objetividade. Os valores reais dos imóveis são associados àqueles afetivos.

No que se refere ao capital aplicado na exploração, a ausência de contabilidade nas pequenas propriedades, faz com que o dono da produção não tenha controle dos lucros e perdas. Na maioria das vezes, estes proprietários ignoram os gastos e lucros na exploração de ano para ano, dificultando

tando o controle dos mesmos.

A ausência de contabilidade é um fato frequente no meio rural do município, apesar deste ser completamente voltado à produção comercial.

Somente no momento da comercialização que grande parte dos pequenos proprietários do bairro confronta as despesas efetuadas com o preço que o produto alcança no mercado. Neste processo, a previsão está ausente, simbolizando a falta de uma atitude empresarial.

Por outro lado, as usinas possuem uma contabilidade eficiente. Nas fazendas, a preocupação de controlar a produção reflete num controle da contabilidade. Entretanto, é muito difícil o acesso ao rendimento agrícola e ao capital empregado no campo.

Outro problema que se coloca é o das agro-indústrias açucareiras que reúnem tanto empresas industriais como propriedades agrícolas, sendo impossível separar o capital de origem agrícola daquele que provém das agro-indústrias.

Apesar das dificuldades de análise de dados concretos para caracterizar as condições sócio-econômicas dos proprietários rurais no município, tentamos correlacionar a área pertencente a apenas um proprietário, tipo de exploração e cultura, nível econômico e cultural dos proprietários para dividi-los por categorias sócio-econômicas.

A dimensão da propriedade pertencente ao proprietário representa um fato considerável, em vista da grande valorização das terras do município. No ano de 1976 um alqueire de terra limpa valia Cr\$ 150.000,00. Em Cordeirópolis, a terra representa um capital apreciável devido às características de solos, a proximidade dos grandes centros urbanos, além de ser bem servido pelas vias de circulação.

O tipo de exploração (trabalho familiar ou assaraliado) parece-nos importante para a identificação das categorias sócio-econômicas. O fato do proprietário não trabalhar na terra e manter assalariados, pode significar condições econômicas e sociais de certo destaque.

As diferenças da utilização da terra também podem ser consideradas como fator de diferenciação de classes sócio-econômicas. Os donos da terra que cultivam a cana-de-açú

car nas grandes propriedades agrícolas, pertencem à categoria sócio-econômica mais elevada, se comparados àqueles pequenos sítiantes fruticultores do bairro do Cascalho. Da mesma forma, os pequenos e médios proprietários que se dedicam também à comercialização da produção, colocam-se economicamente acima daqueles pequenos proprietários e assalariados.

O nível de conforto do proprietário também nos serviu para distinguir as condições sócio-econômicas dos pequenos e médios proprietários do bairro do Cascalho.

Apesar das dificuldades de análise de dados concretos, tentamos dividir os proprietários do município por categorias sócio-econômicas, tais como:

- 1 - Proprietários cuja renda da exploração não é suficiente para o sustento da família.
- 2 - Proprietários que vivem exclusivamente da renda agrícola de sua propriedade.
- 3 - Agricultor e comerciante.
- 4 - Proprietários com outras profissões urbanas.
- 5 - Usineiro. (figura 34)

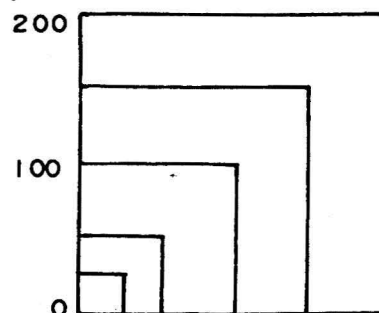
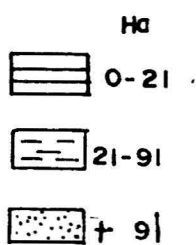
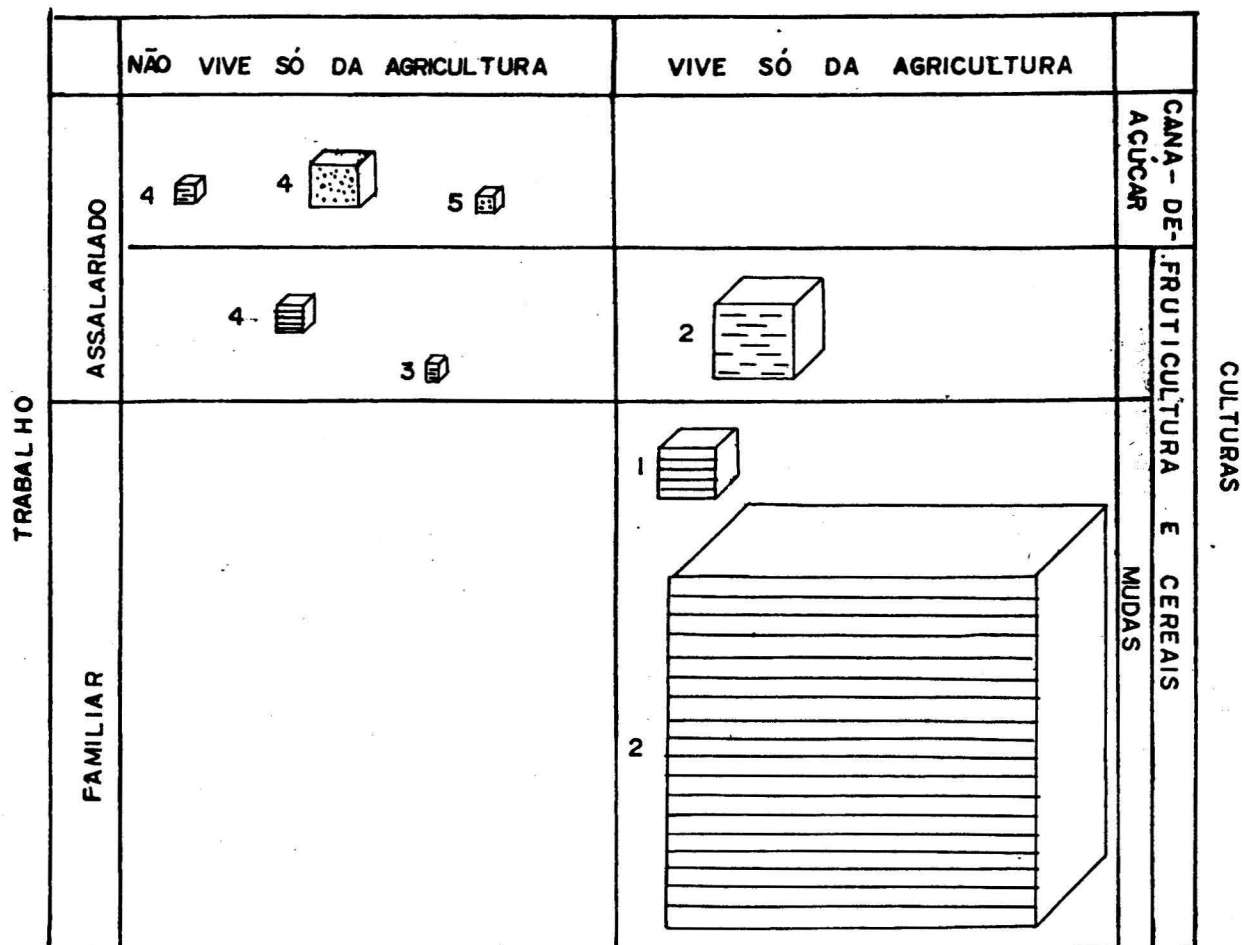
1) Proprietários cuja renda da exploração não é suficiente para o sustento da família.

Correspondem aqueles proprietários, cuja propriedade não é suficiente para garantir o sustento da família. As propriedades localizam-se na parte central do antigo "núcleo" do Cascalho, cujos lotes eram considerados urbanos.

Alguns dos proprietários descendentes dos colonos italianos, trabalham na Estação Experimental. As terras e benfeitorias foram conseguidas por herança. As casas são relativamente confortáveis e a presença de aparelhos eletrodomésticos é frequente, sendo que todas as propriedades possuem eletrificação. A propriedade rural passa a ser local de moradia, onde o trabalhador usufrui das benfeitorias da propriedade e retém, ao mesmo tempo, um pequeno capital fundiário.

Quase todos os proprietários possuem grau primário de escolaridade e trabalham como assalariados permanentes ou temporários nas faixas agrícolas. A maioria dos proprietários explora o cultivo de mudas para a comercialização,

CONDIÇÕES SÓCIO-ECONÔMICAS DOS PROPRIETÁRIOS  
1975



1- proprietários cuja renda da exploração não é suficiente para o sustento da família.

2- proprietários que vivem exclusivamente da renda agrícola de sua propriedade.

3- agricultor e comerciante.

4- proprietários com outras funções urbanas.

5- usineiros.

absorvendo a mão-de-obra familiar. Além das mudas, plantam cereais para seu próprio consumo.

2) Proprietários que vivem exclusivamente da renda agrícola de sua propriedade.

Nesta categoria incluem-se os pequenos e médios proprietários do bairro do Cascalho.

O aspecto das habitações denota um certo conforto e higiene. As casas possuem piso de cerâmica, têm vários compartimentos, com uma média de três a quatro quartos por casa, sendo que, a presença de aparelhos eletro-domésticos é frequente. Todas as propriedades possuem energia elétrica. Além disso, a maior parte dos proprietários entrevistados possuem carro próprio (65%).

Estes elementos demonstram um padrão de conforto elevado, se forem considerados os padrões econômicos da área. Neste caso, os proprietários não raciocinam em termos de capital investido na produção. Deste modo, a presença do carro representa as aspirações urbanas de conforto e de consumo.

Quanto ao nível intelectual, todos os proprietários possuem instrução primária (completa ou incompleta). O estudo não era considerado importante na medida em que a força de trabalho era totalmente utilizada nas fainas agrícolas.

Entretanto, os filhos, já possuem, na grande maioria, grau médio de escolaridade e, em alguns casos, até frequentam escolas superiores. No conjunto dos proprietários visitados desta categoria, nota-se a preocupação para os filhos receberem instrução adequada, de modo a garantir, para o futuro, uma vida "confortável" na cidade. Esta preocupação se justifica pela crescente subdivisão fundiária do bairro, pois a terra e as benfeitorias são doadas por herança, de geração a geração, desde a formação do núcleo colonial. A divisão das terras pode chegar a um ponto de saturação, obrigando os filhos a integrarem-se na vida urbana. Os pequenos agricultores relacionam a vida da cidade com conforto e lazer. Neste sentido é que há um grande esforço para que seus filhos obtenham certo nível de instrução para usufruírem de maior conforto na cidade.

Este fato é importante na medida em que de-

monstra um certo êxodo rural de mão-de-obra excedente que não é mais absorvida na unidade de produção e, portanto, significa que este excedente não pode ser mantido no próprio bairro. Neste momento, a população excedente, geralmente jovem, dirige-se para as cidades. Ao mesmo tempo, as áreas urbanas exercem atração para esta população, pelo motivo de representar maiores possibilidades de conforto, benefícios sociais e salários compensadores.

Predomina, entre os proprietários, o regime de trabalho familiar. São pequenos proprietários, cuja renda é suficiente para o sustento da família. Dispendem pouco capital para o consumo e são auto-suficientes naqueles produtos alimentícios de primeira necessidade. O excedente da produção de cereais é comercializado, garantindo um razoável capital. Estes proprietários comercializam mudas (cujo cultivo absorve a mão-de-obra familiar), como também a laranja e o abacate. Estes dois últimos produtos são comercializados nos barracões do bairro do Cascalho.

### 3) Agricultor e comerciante.

Correspondem aos proprietários do bairro do Cascalho, também responsáveis pela comercialização da produção. Possuem um nível econômico destacado no bairro, devido a condição de comerciante.

O capital adquirido é revestido em novas aquisições de terra e, principalmente, no melhoramento da técnica dos barracões de beneficiamento de laranja.

A exploração da propriedade agrícola é feita pela família, com auxílio de assalariados. Em relação aos cultivos, destacam-se o de citrus e de abacate. Para o trabalho nos barracões de laranja são contratados os assalariados.

O tipo de agricultor comerciante representa uma certa liderança na comercialização dos produtos no bairro, destacando por possuir maiores condições financeiras, se comparado a outros proprietários. Vivem com conforto e cada família possui mais de um carro.

Estes agricultores comerciantes são verdadeiros empresários inseridos na economia de mercado. A produção agrícola é totalmente comercializada, transparecendo uma orga-

zação da produção voltada exclusivamente para o mercado. Esta crescente comercialização da produção influenciou numa crescente racionalização e organização social do trabalho. O agricultor comerciante possui determinado prestígio sócio econômico na comunidade.

4) Proprietários com outras funções urbanas.

Dentro deste tipo de categoria podemos dividir em dois tipos de proprietários:

1. o proprietário de origem urbana que adquire chácaras para lazer.
2. o proprietário descendente de fazendeiros de café.

No primeiro caso, são pequenos proprietários que diferem daqueles descendentes de imigrantes italianos do bairro. São proprietários que possuem certo capital adquirido na cidade e investem no campo. O caseiro e sua família que cuidam da exploração. A produção não visa o mercado, nestas propriedades cultivam-se pequenos pomares, com árvores frutíferas diversas.

Estes proprietários são pouco expressivos no município, ocorrendo apenas 7 casos. Quanto às condições sócio-econômicas, diferem dos demais elementos do bairro. Em geral, exercem profissões liberais na cidade e possuem um grau de escolaridade médio ou superior. São oscitadinos no mundo rural. Estes proprietários não se fixam no campo e adquirem a gleba, na maior parte das vezes, dentro de um sentido especulativo.

No segundo caso, ou seja, aqueles proprietários descendentes de fazendeiros de café apresentam-se com uma certa tradição no meio rural. A maioria deles mora na capital, sendo que o administrador fica com a responsabilidade pela exploração agrícola. (tabela 13)

Os fazendeiros possuem uma condição privilegiada, no que diz respeito ao capital fundiário. No entanto, nenhum deles, expandiu o espaço de suas propriedades. Ao contrário, alguns já venderam grandes parcelas das terras para a agro-indústria açucareira. Estes proprietários também exercem profissões liberais na cidade de São Paulo.

Residência dos proprietários do município de Cordeirópolis-1976

Ha	Residentes na Zona Rural						Residentes na Zona Urbana						Total	
	Nº	(%) categ.	(%) total	área	(%) categ.	(%) total	Nº	(%) categ.	(%) total	área	(%) categ.	(%) total	nº	Área
0 a 21	102	53,97	40,32	1135,3	57,64	9,48	87	46,03	34,39	834,3	42,36	6,97	189	1969,6
21 a 91	26	55,32	10,28	1191,2	55,94	9,95	21	44,68	58,3	938,3	44,06	7,84	47	2129,5
91 a 700	03	21,43	1,18	1038,4	20,99	8,67	11	78,57	4,35	3909,4	79,01	32,65	14	4947,8
+ 700	-	-	-	-	-	-	03	100	1,18	2927,7	100	24,44	03	2925,7
TOTAL							122						253	11972,6

tabela 13

### 5) Usineiros.

O usineiro é a figura máxima, dentro do contexto social, concentrando o poder de decisão. É assim que Otávio Ianni descreve o usineiro. "Ele é o proprietário, dono e prefeito de tudo. As pessoas empregadas na usina e nos canaviais, nos escritórios e nos serviços sociais, vêem nele o núcleo do poder das decisões, das possibilidades, das proibições. Nas plantações e na usina, nas colônias e escritórios, nos caminhos e porteiras, o usineiro aparece como autoridade máxima, predominante, ou quase único." (CEBRAP: 1977, 41)

Os usineiros residem na própria sede das usinas, localizadas nos municípios de Araras e Itacemópolis. São descendentes de antigos colonos italianos e, desse modo, possuem tradição agrícola. Os usineiros têm o controle de toda a atividade industrial, assim como do fornecimento da matéria-prima. Eles significam a concentração e acumulação do capital que se espalha no domínio dos espaços agrícolas.

Como vimos, existe muita variação das condições sócio-econômicas dos proprietários rurais no município de Cordeirópolis, desde o pequeno proprietário, cuja renda da terra não é suficiente para o sustento da família, até o usineiro

Na época do café, as diferenças sócio-econômicas dos proprietários rurais eram bem distintas - aqueles proprietários da "fazenda de café" e aqueles pequenos agricultores produtores de cereais do bairro. É com a expansão da agro-indústria açucareira no campo que se acentua o antagonismo sócio-econômico dos proprietários. O usineiro passa a ser o detentor do capital, símbolo da expansão e concentração do poder tanto nos canaviais como na agroindústria. As terras, pouco a pouco, são concentradas em espaços contíguos. O capital fundiário passa a ser controlado pelo capital industrial. A figura do usineiro representa a mentalidade empresarial no campo.

Com a expansão da agroindústria e do plantio de cana-de-açúcar, nenhuma das antigas fazendas de café aumentaram de extensão; o processo, aliás, foi de retalhamento devido à venda de parcelas da propriedade para a usina. Ao mesmo tempo, aumentou o número de fazendeiros absenteístas exercendo funções liberais nas grandes cidades. A cidade tornou-se

o centro de atração dos antigos fazendeiros de café, devido às facilidades que ela oferece ao lazer, educação, consumo e exercício de profissões liberais.

Os proprietários de Cascalho, por outro lado, reorganizam-se. Alguns deles detêm a comercialização da produção do bairro, outros vivem exclusivamente da renda agrícola e moram no próprio bairro ou nas cidades de Cordeirópolis e Limeira; outros são proprietários assalariados, que vendem a força de trabalho.

Com o crescente aumento da participação do bairro, na economia de mercado, modificou-se, simultaneamente, a organização sócio-econômica dos proprietários. Por um lado, houve aglutinação da terra por parte dos detentores da comercialização da produção, e por outro lado, a subdivisão das propriedades, provocou um aumento do excedente de mão-de-obra na unidade de exploração, obrigando os proprietários a venderem a força de trabalho para a Estação Experimental, como para os barracões de laranja.

### 3.4 Relações de Trabalho

Desde a primeira ocupação econômica da área (com a associação sesmeiro-escravo) até a instalação da agro-indústria moderna, no meio rural (com a associação do usineiro e bôia-fria) as relações de trabalho sofreram profundas modificações, nas unidades produtivas.

A partir do início do século XIX, as terras pertencentes ao atual município de Cordeirópolis passaram a integrar-se na economia exportadora do tipo colonial, através do cultivo da cana-de-açúcar. A expansão da cultura, canavieira organizava-se à base das relações de trabalho do tipo escravocrata. A produção escravocrata adaptou-se à organização econômica mercantil. O escravo era encarado como mercadoria, um instrumento de trabalho, assim como um homem mercadoria. Por um lado, o escravo era coisificado, sujeito à propriedade e ao poder do senhor e por outro lado, era considerado uma peça cuja necessidade social era regulada pelo mecanismo econômico de produção.

Ao lado do senhor e escravo, somavam-se os

posseiros, que foram expulsos, pelos sesmeiros, das áreas férteis pertencentes ao atual município, mas estabeleceram-se nos arredores, em terrenos mais pobres, mantendo-se em contato com a economia de mercado. Este contato era feito ou através do fornecimento de cultura de subsistência ou da própria cana para a propriedade escravocrata. Além desse tipo de relacionamento, existiam os jornaleiros, que já constituíam os trabalhadores volantes, diaristas dos modos de produção escravocrata. Estas famílias pobres, os posseiros, escapavam às posições extremas do sistema escravocrata, constituindo-se numa espécie de contingente de reserva, excedente de mão-de-obra pronta para servir aos interesses econômicos dos senhores. Neste sentido, os posseiros inseriam-se regularmente no sistema social, à medida em que eram atingidos pela economia colonial da qual, indiretamente, faziam parte. Os posseiros constituíam-se "peças" importantes do sistema à medida que o trabalho excedente deles e de suas famílias era absorvido pelo sesmeiro, tanto como produtores de cultura de subsistência e fornecedores de cana-de-açúcar como mão-de-obra temporária utilizada na unidade produtiva do tipo escravocrata.

Com a maior intensidade do engajamento da área na economia de mercado, em meados do século XIX, o regime escravista tornava-se obsoleto, constituindo-se uma barreira para o aproveitamento adequado das condições de mercado devido a dificuldade de ajustar-se dinamicamente às oscilações da produção. Qualquer incentivo da produção agrícola obrigava o senhor a dispor, de início, de capital fixo para a compra de novos escravos.

A economia escravocrata apresentava-se como um obstáculo para a expansão da produção cafeeira vinculada aos modos de produção capitalista. A economia escravocrata, devido à própria forma de organização social do trabalho, impunha limite ao processo de inovação na técnica de produção e a racionalização da lavoura. Ao mesmo tempo, com a cessação do tráfico, a partir de 1850, o equilíbrio do sistema sócio-econômico foi atingido. A crise de mão-de-obra impôs-se à preocupação dos sesmeiros. Pretendia-se resolver o problema com a entrada de imigrantes europeus no país. A substituição do escravo pelo imigrante representava uma renovação das relações de

trabalho, passando do escravo para o assalariado. Esta situação possibilitou a transferência de capital para aplicação em outros setores da produção.

A parceria constituiu-se na transição entre o trabalho escravo e o trabalho livre como mão-de-obra utilizada na agricultura de exportação. No entanto, foi o colonato o regime de relações de trabalho mais adequado à expansão da cultura cafeeira na área pertencente às terras de Cordeirópolis.

O povoamento da área era escasso, na época do início da produção cafeeira, decorrendo uma dificuldade de mercado de trabalho local disponível. Deste modo, a solução para a área foi vincular a fixação dos trabalhadores como residentes nas próprias unidades produtivas, conciliando a produção de grandes plantações comerciais com a produção de alimentos. Os colonos utilizavam-se das leiras dos cafezais, (caso do feijão e milho), ou as várzeas para o arroz, cujas terras não eram propícias para o plantio de café.

O tempo de trabalho utilizado nas culturas de alimentos constituía-se a sobra do processo produtivo ligado à plantação, cuidados e colheita do café, produto exclusivamente comercial.

Por outro lado, os fazendeiros limitavam a área permitida para o plantio de alimentos, restringindo, assim, às culturas de cereais, de acordo com os interesses de expansão da produção do café. Deste modo, o fazendeiro reduzia o custo monetário da força de trabalho, mantendo os salários abaixo do custo de reprodução do capital, ao mesmo tempo em que fixava o trabalhador no campo.

No regime de colonato, o contrato era familiar. É a família que se engaja no processo produtivo. "Cada família recebe o número de pés de café que pode tratar: varia com o número de pessoas de que se componha. As famílias numerosas tem desde oito a dez mil pés: quando não tem mais do que um trabalhador confiam-lhe pouco mais de dois mil pés. Como a vinha, o café exige uma mão-de-obra numerosa relativamente à superfície das culturas; sustenta uma população ativa densa." (Pierre Denis, S/d - 80, 181)

De acordo com o contrato de trabalho, a remuneração era dividida. Havia um salário por produção bem como

outro para a colheita do cafezal. Vinícius Caldeira Brant (Estudos CEBRAP, 19, 1977, 73) quando analisa as relações de trabalho na Alta Sorocabana de Assis define bem a situação do colono. "O salário nos contratos dos colonos é fixado anualmente, quando a margem de previsão da produção e dos preços é razoável, e, na safra, é pago por quantidade colhida, enquanto no curso do ano é determinado pela quantidade de cafeeiros conservados. Graças, por outro lado, à parceria dos gêneros alimentícios ou à permissão dos cultivos de subsistência, o salário pode deslocar-se das necessidades de reprodução da força de trabalho segundo as conveniências da reprodução do capital. Assim, a baixa composição técnica do capital atua na cafeicultura de forma não só a aumentar a massa de mais valia absoluta como a transferir para a força de trabalho a maior parte dos riscos arrostados pelo capital."

As tarefas dos cafezais exigia um elevado contingente de mão-de-obra, tanto no plantio, na manutenção como na colheita. Diante desta necessidade de utilização de mão-de-obra, nas fazendas prosperavam as colônias.

Por volta de 1880, conforme pesquisa realizada, Ibicaba possuía 13 colônias com uma média de 150 casas. Calculando que a família do colono italiano tinha 8 membros, pode-se dizer que era cerca de 1.200 a população que morava nas colônias da fazenda.

À medida em que a lavoura comercial exigia maior expansão horizontal para aumentar a produção, a área ocupada com produtos de subsistência diminuía para dar lugar a ocupação do cafezal. Os cereais começam a escassear. Simultaneamente, os custos de produção de alimentos eleva-se enquanto que nas fazendas, ocorre uma ociosidade de mão-de-obra, causadas pela descontinuidade do ritmo de trabalho nos cafezais. Neste contexto que foi criado o núcleo colonial do Cascalho em 1889, no seio de uma área voltada à produção cafeeira. Define-se, na área do atual município, a utilização de assalariados temporários nas grandes fazendas cafeeiras. Com a formação do núcleo, por iniciativa estatal, tornou-se desnecessária a fixação de toda a força de trabalho no interior da unidade produtiva.

As taxas de lucros da cafeicultura eram limi

tadas pela duração do período de fertilidade do solo. À medida que a produtividade do café começa a declinar na área, diferenciam-se as relações de produção, com o desenvolvimento do trabalho assalariado temporário dos pequenos agricultores.

Ao mesmo tempo em que os pequenos agricultores garantiam o cultivo de subsistência, o "núcleo" representava um celeiro de mão-de-obra disponível para trabalhar no período da colheita do café. Através de entrevista com a Sr.<sup>a</sup> Josefina Dadatti Rosolen, de 92 anos de idade, pudemos confirmar que o objetivo da criação do bairro do Cascalho ligava-se ao abastecimento de gêneros alimentícios como também ao fornecimento de força de trabalho para as grandes fazendas cafeeiras. Diz a senhora que "no início, época da criação do bairro, os proprietários cultivavam cereais, que eram vendidos nas cidades próximas e mesmo nas fazendas vizinhas. Associado ao plantio comercial de cereais, os colonos possuíam um pequeno pomar destinado ao consumo da família. Na época da colheita do café, a maioria das famílias (homens, mulheres e crianças) trabalhavam nas fazendas próximas e ganhavam segundo o número de saco de café colhido. As famílias eram numerosas (geralmente 8 a 9 filhos) para garantir os tratos culturais tanto na propriedade como também para auxiliar na colheita do café, nas grandes fazendas. A maioria da população do "núcleo" veio da Itália, da região do Vêneto, enquanto que algumas famílias que saíam das colônias das fazendas, com sacrifícios, conseguiram comprar um lote de terra que, naquele tempo (1900) custava 5 mil réis (1.800 m<sup>2</sup>)".

As famílias dos pequenos proprietários do "núcleo" eram numerosas devido a ideologia religiosa e ao mesmo tempo o número de filhos significava a disposição de braços para a lavoura.

Simultaneamente à formação do "núcleo colonial", o regime de colonato começa a deteriorar-se nas grandes fazendas cafeeiras, expelindo a mão-de-obra excedente do interior da unidade produtiva.

O desaparecimento do colonato das fazendas localizadas na área pertencente ao atual município de Cordeirópolis, foi um processo complexo que associou a diversificação da estrutura produtiva à concentração do capital.

A separação entre a estrutura produtiva empresarial da grande fazenda e a pequena produção mercantil nos estabelecimentos familiares do núcleo do Cascalho, fixou-se neste último parte da mão-de-obra liberada pelas fazendas.

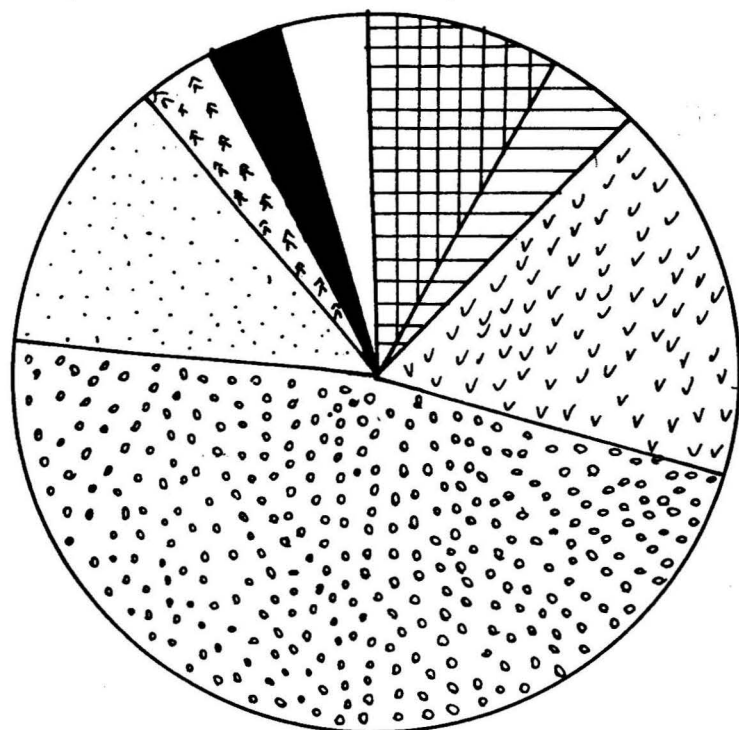
Com a expansão da agroindústria açucareira, a partir de 1950, houve concentração da produção e modificações nas relações de trabalho. O número de mão-de-obra permanente decresce ao mesmo tempo em que aumenta a mão-de-obra temporária. Neste momento, a área encontra-se bem povoada, de acordo com as necessidades da aplicação da força de trabalho na agricultura. Deste modo, torna-se possível diminuir o número de trabalhadores subempregados no interior das unidades produtivas, remanejando-os para as periferias urbanas, onde, desempregados, converter-se-ão em exército de reserva.









Em Cordeirópolis, desenvolveu-se o trabalho assalariado, por hora ou jornada de trabalho, ao mesmo tempo em que a pequena propriedade familiar do bairro diversifica as culturas de molde a aumentar o sobretrabalho do proprietário e da família.

A tendência é aumentar a composição orgânica do capital da agro-indústria açucareira, isto é, aumentar o capital constante, aplicado em máquinas e implementos agrícolas, enquanto diminui, em termos relativos, o capital variável, aplicado na compra de mão-de-obra. Os pequenos produtores do Cascalho, por outro lado, apesar de se especializarem em culturas que utilizam intensamente a mão-de-obra familiar (caso das mudas, citrus e abacate) enfrentam problemas relativos à falta de racionalização dos fatores de produção devido à utilizarem pequenas áreas para a exploração agrícola voltada para o mercado. (figura 35)

Com o crescente engajamento do bairro do Cascalho na economia de mercado, verificou-se uma tendência de articulação direta do bairro com o mercado urbano, transformando-se em centro produtor de mercadorias para o abastecimento das cidades. Simultaneamente, verificou-se uma mudança tanto no processo produtivo como na composição do bairro, ocorrendo uma certa diversificação sócio-econômica dos proprietários rurais. Grande parte dos agricultores e suas famílias ainda continuam sendo mão-de-obra reserva, exercendo ou trabalhos permanentes

MÃO DE OBRA EMPREGADA NA AGRICULTURA NO  
MUNICÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS - 1976



-  assalariados fixos
-  volantes
-  assalariados fixos e volantes
-  trabalho familiar
-  trabalho familiar e volantes
-  trabalho familiar e assalariados fixos
-  trabalho familiar, assalariados fixos e volantes
-  terra abandonada

fonte inquérito agrícola  
organizado por Magda A. Lombardo

(caso dos operários da Estação Experimental) ou trabalhos temporários (caso daqueles que são utilizados como colhedores de laranja para os barracões). Por outro lado, alguns proprietários conseguiram através de um convívio mais profundo com o mercado, engajarem-se no sistema como verdadeiros empresários do bairro. São os proprietários dos barracões que, além de absorver toda a família no processo produtivo, utilizam-se da mão-de-obra excedente do bairro quer na colheita da laranja quer nos barracões como selecionadores das frutas. Nestes barracões pode-se perceber uma organização social do trabalho com pessoas encarregadas desde a colheita até a comercialização dos frutos no CEAGESP de São Paulo.

Nos grandes estabelecimentos, a mudança de cultivo, do café pela cana-de-açúcar, tornou possível a substituição da mão-de-obra por outros insumos. O café é o tipo de cultura que merece cuidado constante e devido às condições técnicas de cultivo exige certas necessidades de trabalho direto, ao passo que a cana-de-açúcar presta-se à utilização de máquinas em todas as fases do processo evolutivo, até mesmo na colheita. No entanto, no município, o corte da cana ainda é manual devido ocorrer, uma mão-de-obra excedente, de baixo custo arregimentada somente na época da colheita.

Por outro lado, nos pequenos estabelecimentos do bairro do Cascalho, não se verifica, de maneira geral, grande investimento nas propriedades. A relativa mecanização da lavoura ocorre aí quando há uma certa acumulação de capital possibilitando ao pequeno proprietário ampliar a produção agrícola.

As diferentes formas de relações de trabalho no meio rural representam um contínuo da expansão do capitalismo no campo, com um aumento constante da distância entre o dono dos meios de produção e a pessoa do trabalhador. Concomitante ao crescimento do capital no campo, estabeleceu-se a divisão social do trabalho, "cresceu continuamente o capital investido em máquinas e equipamentos e reduziu-se relativamente o montante de capital aplicado na compra da força de trabalho. (Otávio Ianni - CEBRAP, 1977, 30).

Este processo produtivo contribuiu para a expulsão de trabalhadores do campo e uma redefinição das rela -

ções de trabalho no meio rural. Ao mesmo tempo, o coeficiente de capital aplicado na mecanização do processo produtivo tem aumentado consideravelmente. A remuneração da força de trabalho é encarada como custo, quando colocada como fator de produção e com as conjunturas de preços dos produtos agrícolas.

Os gastos com remuneração da força de trabalho ocorrem frequentemente nos momentos do processo produtivo em que se faz necessário, principalmente, na época do "pico".

O processo de substituição da mão-de-obra permanente pela temporária verificou-se com maior intensidade em Cordeirópolis, a partir do momento em que houve a expansão da agro-indústria açucareira, isto é, em 1950. A partir desta data, foi contínuo o processo de expulsão da mão-de-obra residente no âmbito da empresa agrícola.

As modificações nas relações de trabalho implicaram numa concentração de antigos colonos nos bairros periféricos das cidades. Os trabalhadores agrícolas tiveram que arcar com os custos de subsistência e moradia.

A extensão da legislação trabalhista no campo tem acentuado a tendência da expulsão da mão-de-obra para os centros urbanos. A aprovação do Estatuto do Trabalhador Rural (1963), do Estatuto da Terra (1964) e do Funrural (1971) representam a formalização do processo de expulsão do trabalhador do interior na unidade produtiva assim como acentuou a tendência de substituir a força de trabalho do homem pela mecanização. (tabelas 14 e 15)

Os volantes residentes nas periferias das cidades próximas são recrutados de acordo com a necessidade de demanda da força de trabalho: "É preciso que esta força produtiva, da mesma forma que as outras, se ajuste às exigências da reprodução do capital." (Otávio Ianni, 1977, 48).

No município de Cordeirópolis, a maior necessidade de recrutamento de volantes verifica-se no período de colheita dos produtos agrícolas. Através do contrato de trabalho pode-se evidenciar a instabilidade que os trabalhadores temporários enfrentam face a oscilação de oferta de emprego. Com base em alguns artigos do contrato do SEMPRE - Serviços de Empreitadas Rurais S/C, com sede na cidade de Araras, pode-se notar as características de recrutamento do assalariado tempo-

Tipo de mão-de-obra empregada na agricultura do município de Cordeirópolis - 1975

CANA-DE-AÇÚCAR  
mão-de-obra (%)

Ha	Área Ha	Familiar	Familiar e Assalariado	Assalariado
0 a 21	400	20	70	10
21 a 91	900	9,53	47,62	42,85
91 a 700	3.700	-	-	100
+ 700	1.800	-	-	100
TOTAL	6.800			

CITRUS  
mão-de-obra (%)

Ha	Área Ha	Familiar	Familiar e Assalariado	Assalariado
0 a 21	1.200	45	50	55
21 a 91	1.050	9,53	53,84	38,47
91 a 700	350	-	-	100
+ 700	103	-	-	100
TOTAL	2.703			

ABACATE  
mão-de-obra (%)

Ha	Área Ha	Familiar	Familiar e Assalariado	Assalariado
0 a 21	260	45	48	7
21 a 91	138	10	60	30
91 a 700	15	-	-	100
+ 700	17	-	-	100
TOTAL	430			

Fonte: Inquérito agrícola

Intensidade do trabalho na agricultura do município de Cordeirópolis - 1975

Categ. dimens.	Nº de tratores	Nº de homens	Nº de arados	Área total	Nº de propr.	I
0 a 21	19	99	25	318,93	40	3,32
21 a 91	12	55	11	423,50	09	1,47
90 a 700	24	88	06	1330,3	03	0,82
+ 700	20	180	04	1508,7	01	0,67
TOTAL	75	422	46	3581,43	53	1,058

Intensidade do trabalho na agricultura do bairro do Cascalho - 1975

Categ. dimens.	Nº de tratores	Nº de homens	Nº de arados	Área total	Nº de propr.	I
0 a 21	10	51	16	105,02	21	5,51
21 a 91	02	07	03	82,24	02	1,34
TOTAL	12	58	19	187,26	23	3,68

Amostragem: 14%

Fonte: inquérito agrícola

Nota: a intensidade foi obtida, utilizando-se do índice  $I = \frac{40 \cdot T + 8 \cdot A + P}{S}$  (Dinis e Ceron, 1969)

rário, evidenciando a ocorrência do distanciamento das relações patrão-empregado.

O artigo 2 do contrato de serviços de entre-safra diz que "O empregado se obriga a cumprir totalmente o Regulamento da Empregadora, quer quanto ao horário, quer quanto a atos de normal administração, respeitando sempre seus superiores hierárquicos e seus companheiros de trabalho, obrigando-se ainda, a trabalhar nos municípios vizinhos, sem qualquer adicional, porém, com transporte fornecido pela Empregadora;

Ainda mais, pelo artigo 4, "Fica facultado à Empregadora, dentro das conveniências dos serviços, remunerar o Empregado por tarefa ou empreitadas, mediante o pagamento com base em tabelas que deverão ser elaboradas segundo o salário - hora constante da cláusula precedente. O artigo 6 diz que "O prazo de duração do presente contrato é desta data, até que sejam concluídos os serviços gerais de lavoura da entre-safra de 1976/77, de sorte que sendo de duração determinada dependente de acontecimento suscetível de previsão aproximada, vencido o prazo, estará automaticamente rescindido de pleno direito, independente de aviso-prévio. //

Por estas cláusulas pode-se perceber que o conteúdo do contrato reflete a instabilidade do trabalhador volante que se sujeita às oscilações do mercado de trabalho. Devido às condições sazonais em que se desenvolve o processo produtivo na agro-indústria açucareira, a força de trabalho é empregada de forma temporária nas grandes explorações agrícolas de Cordeirópolis.

O tipo de contrato temporário realizado pela SEMPRE demonstra uma flexibilidade da oferta e demanda do trabalho que é variável de acordo com o ciclo produtivo.

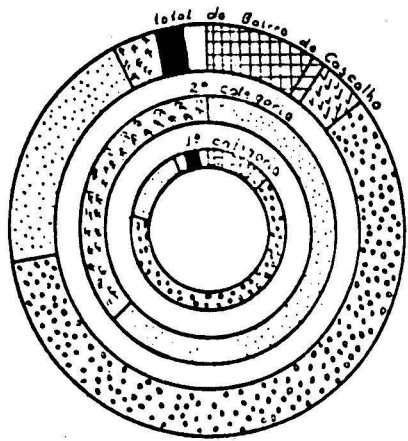
O período de maior intensidade da utilização da força de trabalho ocorre na colheita de cana ( junho até outubro ) coincidindo com a época de maior colheita de laranja.

Na safra, a demanda da força de trabalho nos canaviais de Cordeirópolis aumenta. Todos são chamados para o corte da cana.

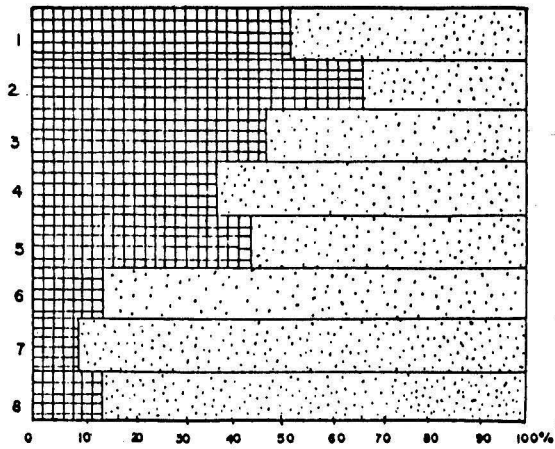
Na entre-safra, os trabalhadores são reduzidos e selecionados para trabalharem como diaristas no preparo do solo, plantio, adubação e capina. Um caminhão chega a levar

MÃO-DE-OBRA AGRÍCOLA DO BAIRRO DE CASCALHO

FIG. 36



- 1 [grid pattern]
- 2 [dots pattern]
- 3 [horizontal lines pattern]
- 4 [solid black]
- 5 [vertical lines pattern]
- 6 [diagonal lines pattern]
- 7 [cross-hatch pattern]
- 8 [white]



- 1- trabalho familiar
- 2- trabalho familiar e volante
- 3- trabalho familiar e assalariado fixo
- 4- trabalho familiar, assalariado fixo e volante
- 5- assalariado fixo
- 6- volante
- 7- assalariado fixo e volante
- 8- terra abandonada, sem mão de obra

fonte : Inquérito Agrícola  
organizado por Magde A. Lombardo

[grid pattern] Bairro de Cascalho  
[dots pattern] restante do município

80 pessoas na época da colheita e na entre-safra reduz para 20. O trabalhador excedente na entre-safra, procura se engajar nos serviços urbanos, exercendo atividades de servente de pedreiro para os homens e de empregadas domésticas, para as mulheres. Com a localização do excedente da força de trabalho agrícola, nas periferias das cidades próximas, unificou-se o exército de reserva urbano e agrícola.

Através de entrevistas realizadas com os turmeiros da cidade de Cordeirópolis, constatamos que são poucos numerosos os trabalhadores agrícolas residentes na cidade. Esses turmeiros, que são apenas quatro, afirmaram que em Cordeirópolis não é muito fácil recrutar trabalhadores volantes, sendo necessário transportar pessoas das cidades vizinhas para trabalhar no município. Os volantes que trabalham em Cordeirópolis provêm de Limeira, Santa Gertrudes, Rio Claro, Leme e Araras. A explicação dos turmeiros face a dificuldade de recrutar mão-de-obra volante em Cordeirópolis baseia-se, por um lado, na existência de muitas fábricas (em proporção, ao tamanho da cidade) que absorvem os trabalhadores, e por outro lado, os pequenos proprietários do bairro do Cascalho são arraigados às suas terras e não são utilizados nas fainas dos canaviais. (figura 36).

O corte da cana é dado por empreitada. O turmeiro, também conhecido como gato, caminhoneiro, é responsável pela seleção, transporte e fiscalização. O ganho do turmeiro consiste na diferença paga por tonelada de cana cortada entre o preço previamente combinado com o produtor e aquele pago ao volante. Constatamos que um dos turmeiros ganha 20% sobre o total da produção da turma. O turmeiro exerce um papel de intermediário entre o proprietário e os volantes. Ele é responsável pela produtividade dos trabalhadores de sua turma. Deste modo o turmeiro representa o elo de ligação entre o vendedor da força de trabalho e o usineiro ou fazendeiro.

O "gato" fica vistoriando o corte da cana, assim como contrata outros fiscais para controlar os volantes. Além disso, existe o fiscal da usina, exigindo a melhor técnica de colheita. A cana é cortada no último gomo e rente ao solo. Se acaso o volante não seguir estas normas, no dia seguinte ele perde uma grande parte do tempo rebaixando os tocos, sem

remuneração. A cana colhida é acumulada para facilitar o emprego da carregadeira mecânica, que deposita os grandes feixes no caminhão. Depois desta operação, a cana é transportada para a usina.

O rendimento no corte da cana é variável de pessoa a pessoa, sendo que a média ocorre em torno de 5 toneladas/dia por pessoa ou 250 metros/dia por pessoa. Devido ao tipo de serviço, muitos trabalhadores vestem-se com camisas de manga comprida, chapéu e ainda uma proteção nas mãos. Segundo o depoimento de um antigo turmeiro da cidade de Cordeirópolis, "quem trabalha no corte da cana fica com raiva o dia inteiro. Todos falam em sair, mas não se enquadram em outro trabalho, estão acostumados a não ter hora nem dia de serviço. O turmeiro lida com os volantes na base da brincadeira da roça, na cidade já é diferente. A maioria do pessoal foi criado na roça, não se acostuma com a cidade. Domingo, todos vão para os sítios, à noite vão caçar." (Leonardo Degasperri).

A colheita da cana-de-açúcar coincide com a época de maior produção de laranja na região. A colheita de laranja fica a cargo do comerciante de frutas ou das indústrias de sucos. A colheita da laranja é realizada principalmente por mulheres, crianças e velhos. Em 1976, pagava-se Cr\$ 1,00 por caixa de laranja colhida. Uma família, com quatro pessoas trabalhando, colhiam de 90 a 100 caixas por dia, de acordo com a produtividade do pomar.

Nos barracões do bairro, alguns proprietários trabalham como assalariados temporários. Na época de maior intensidade da colheita da laranja, estes pequenos proprietários e sua família trabalham para os barracões, na colheita ou seleção dos frutos.

Nas pequenas propriedades do bairro do Cascalho, todos os membros da família são engajados no processo produtivo. Aí, o agricultor não contabiliza como custo a mão-de-obra familiar, utilizada nas fainas agrícolas e nem o custo da subsistência familiar. Assim, os pequenos proprietários conseguem sobreviver num novo contexto do ciclo de reprodução do capital baseando-se na mão-de-obra familiar durante a maior parte do ciclo produtivo.



Foto 31 - Chegada de colonos na Fazenda Ibicaba (1898).



Foto 32 - Pequeno proprietário do bairro do Cascalho, descendente de imigrantes italianos, trabalhando numa cultura de milho.



Foto 33 - Aspecto da Estação Experimental, onde parte dos pequenos proprietários do bairro trabalham como assalariados.

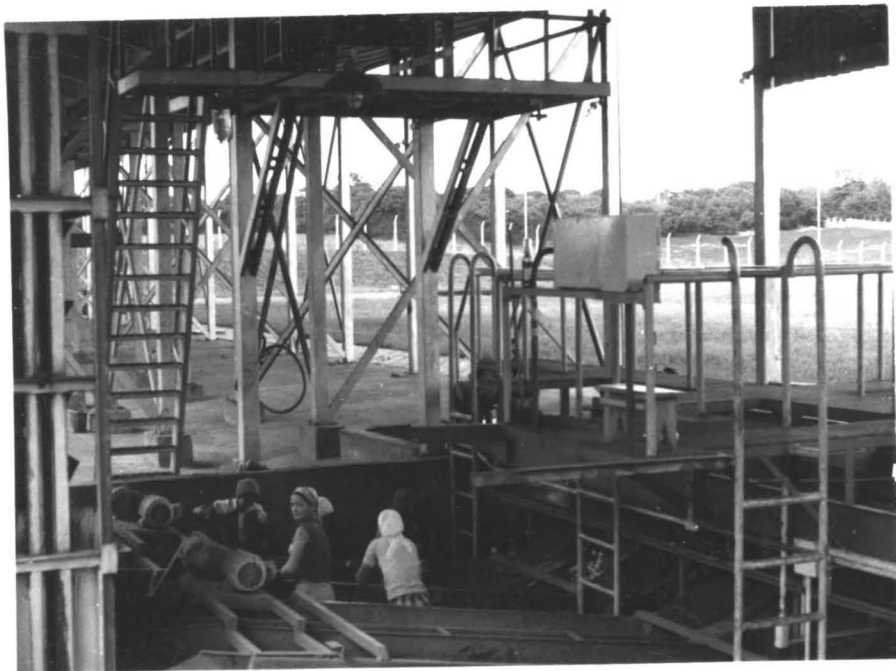


Foto 34 - Mulheres, residentes no bairro do Cascalho, trabalham como diaristas, selecionando as laranjas nos barracões.

## - CONCLUSÃO

Analisando a organização do espaço agrário, em face da economia de mercado, podemos concluir que, no município de Cordeirópolis, a partir do início do século XIX até os dias atuais, o processo foi intenso, desde a agricultura colonial até a instalação da agro-indústria açucareira.

Na época da expansão da cultura cafeeira, profundas mudanças ocorreram na organização agrária do município. A correlação entre propriedade privada da terra, trabalho livre e campesinato concorreram para a expansão do capitalismo no campo. Como pequenos proprietários, os italianos e descendentes do "núcleo colonial do Cascalho" vendiam a força de trabalho para as grandes fazendas, e, ao mesmo tempo, garantiam o cultivo de gêneros de primeira necessidade. Deste modo, o "núcleo colonial" se mostrou como exército de reserva, contribuindo para aumentar o mercado de trabalho para a grande lavoura. Na fase da produção cafeeira, a composição orgânica do capital é baixa, implicando no intenso uso da força de trabalho.

Com o desenvolvimento da agro-indústria açucareira, a partir de 1950, ocorre um processo de reorganização do espaço agrário de Cordeirópolis. A reprodução do capital agro-industrial, no setor açucareiro, influenciou na elevação da composição orgânica do capital aplicado na agricultura, verificando-se profundas transformações em toda a estrutura agrária do município.

Quanto às modalidades de uso da terra, observam-se mudanças significativas. Por um lado, a expansão da cultura canavieira nas grandes propriedades, com a crescente racionalização da produção, visando a maior produtividade. Por outro lado, as pequenas propriedades do bairro do Cascalho, deixaram de ter vínculos orgânicos com o rural e passaram a se especializar em fruticultura, em função dos mercados urbanos.

A partir de 1950, o processo, tanto da fragmentação como da concentração de terras, foi contínuo, contribuindo para acentuar os contrastes da malha fundiária. No bairro do Cascalho, verificou-se um retalhamento fundiário devido à crescente subdivisão das terras por herança. Ao mesmo tempo,

ocorre uma expansão das terras pertencentes às agro-indústrias açucareiras, no município. A tendência é de as usinas aglutinarem maiores porções de terra, enquanto a subdivisão das propriedades do bairro torna-as improdutivas, em termos de mercado.

No quadro dos proprietários do bairro do Cascalho, acentuam-se as diferenças de condições sócio-econômicas. É significativo que certo excedente populacional não pode ser mantido no bairro e são movidos para as áreas urbanas, implicando na crise da unidade produtiva doméstica. O excedente de mão-de-obra familiar significa crise institucional da família numerosa. Por falta de unidade econômica, rompem-se as ligações permanentes. Simultaneamente, valorizam-se as condições urbanas de vida. Os pequenos proprietários, cuja renda não é suficiente para o sustento da família, vendem sua força de trabalho para a Estação Experimental ou para os comerciantes, donos dos barrações de laranja. Estes representam a mentalidade empresarial no bairro, e são totalmente engajados na economia de mercado, com crescente racionalização da produção e da organização do trabalho, concentrando terras no bairro. Verifica-se uma tendência para aumentar as desigualdades sócio-econômicas entre os proprietários rurais do bairro.

Finalmente, mudanças significativas ocorreram nas relações de trabalho, com crescente aumento do número de trabalhadores temporários nas fainas agrícolas. Reduz-se a população residente na zona rural e, simultaneamente, urbaniza-se o campo. O uso da força de trabalho é reduzida enquanto aumenta o capital investido em máquinas e implementos agrícolas. Aumenta a demanda de mão-de-obra na safra de cana e laranja, que são na mesma época do ano, a ponto dos turmeiros recrutarem trabalhadores em outras cidades. Neste contexto, tende haver, conforme o tipo de cultura, diferenças das categorias dos trabalhadores e, uma certa especialização do trabalho, de acordo com o sexo, idade e níveis salariais. No corte da cana, predomina os homens, enquanto na colheita da laranja, que necessita maior agilidade manual, são recrutadas as mulheres e as crianças.

A crescente racionalização da agricultura, com aplicação de modernas técnicas de cultivo, a diversificação, assim como a especialização em determinados cultivos, a

divisão social do trabalho, evidenciam o elevado grau de integração da produção agrícola de Cordeirópolis, na economia de mercado.

BIBLIOGRAFIA

- AB'SABER, A.N. (1964), O relevo brasileiro e seus problemas :  
in Brasil, a Terra e o Homem, por um grupo  
de geógrafos sob a direção de Aroldo de Aze-  
vedo, Vol. I - As Bases Físicas. São Paulo,  
Editora Nacional, p 135-217.
- AB'SABER, A.N. (1954), A Geomorfologia do Estado de São Paulo:  
in Aspectos Geográficos da Terra Bandeira-  
nte. Rio de Janeiro, I.B.G.E.. CNG, p 1- - 97
- ALMEIDA, F. F. M. (1964) Fundamentos Geológicos do Relevo Pau-  
lista: in Geologia do Estado de São Paulo,  
Boletim nº 41. São Paulo, IGG, p 169 - 268
- AMARO, A. A. (1970), Evolução da Economia Citrícula Paulista.  
São Paulo, Instituto de Economia Agrícola -  
Secretaria da Agricultura
- ARAUJO FILHO, J. R. DE (1956), O café, riqueza paulista: in Bo-  
letim Paulista de Geografia. São Paulo, nº  
23, julho de 1956
- BALAN, JORGE (1973), Migrações e Desenvolvimento Capitalista no  
Brasil. São Paulo, Estudos CEBRAP 5, p 5 - 89
- BRANT, VINICIUS CALDEIRA (1975), Desenvolvimento Agrícola e Ex-  
cedentes Populacionais na América Latina (no-  
tas teóricas). São Paulo, Estudos CEBRAP 14,  
p 101 - 118
- BRANT, VINICIUS CALDEIRA (1977), Do Colono ao Bóia Fria: Trans-  
formações na Agricultura e Constituição do  
Mercado de Trabalho na Alta Sorocabana de As-  
sis. São Paulo, Estudos CEBRAP 19, p 37 - 92
- BRAY, SILVIO CARLOS (1974), A Utilização da Terra em Bebedouro  
e o papel Atual da Cultura da Laranja. São  
Paulo, Dissertação de Mestrado, F.F.L.C.H. ,  
USP
- BONNAMOUR, J. (1973), Géographie Rurale - Methodes et Perspec-  
tives. Paris, Masson Et Cie, Éditeurs

- CANO, WILSON (1977), Raízes da Concentração Industrial em São Paulo. São Paulo, Difel
- CÂNDIDO, ANTONIO (1964), Os Parceiros do Rio Bonito. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio
- CASTELLS, M. (1972), La Question Urlaine. Paris, François Maspero
- CARDOSO, FERNANDO HENRIQUE (1962), Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional. São Paulo, Corpo e Alma do Brasil.
- CLAVAL, P. (1974), Evolucion de la Geografia Humana. Barcelona, Oikos-tau Ediciones
- CERON, A. O. (1969), Aspectos Geográficos da Cultura da Laranja no Município de Limeira. Rio Claro - Tese de Doutorado
- CERON, A. O. (1969), Orientação da Agricultura no Estado de São Paulo, in Geografia Econômica nº 7 IG - USP
- CERON, A. O. (1972), Alguns padrões de utilização da terra agrícola no Planalto Ocidental de São Paulo; in Boletim Paulista de Geografia nº 47
- CERON, A. O. (1973), Revolução Industrial e Sistema Espacial Agricultura, in Geografia Teorética nº 5 - vol. 3, Rio Claro
- CERON, A. O. e SANCHEZ, M. C. (1973), Alguns problemas de análise das distribuições espaciais: exemplos de variáveis agrícolas no espaço paulista, in Boletim Paulista de Geografia nº 48
- CERON, A. O. e DINIZ, A. F. (1966), O uso das fotografias aéreas na identificação das formas de utilização agrícola da terra, in Revista Brasileira de Geografia, Ano XXVIII, abril/junho de 1966, nº 2, Rio de Janeiro, p 161 - 173
- CERON, A. O. (1969), Mapeamento da Utilização da Terra na escala de 1:20.000. Uma experiência no Planalto Ocidental de São Paulo, Aerofotogeogra -

fia 4, I.G. - USP, São Paulo

- CHOLLEY, A. (1946), Problèmes de structure agraire et d'économie rurale, in Annales de Géographie, nº 298, Paris, ano IV, p 81 - 101
- COMISSÃO DE SOLOS (1960), Levantamento de reconhecimento de solos do Estado de São Paulo (Contribuição à Carta de Solos do Brasil). Boletim do Serviço Nacional de Pesquisas Agrônomicas, Rio de Janeiro, nº 12
- CORREIA DE ANDRADE, M. (1970), Espaço, Polarização e Desenvolvimento. São Paulo, Ed. Brasiliense, 2.<sup>a</sup> Edição
- CORREIA DE ANDRADE, M. (1974), Cidade e Campo no Brasil. São Paulo, Ed. Brasiliense
- COSTA, EMÍLIA VIOTTI DA (1966), Da Senzala à Colônia. São Paulo, Difusão Européia do Livro
- COSTA, EMÍLIA VIOTTI DA (1967), O Escravo na Grande Lavoura, in S. Buarque de Holanda, História Geral da Civilização Brasileira, T. II, 3º vol. São Paulo, Difusão Européia do Livro
- DAVATZ, T. (1972), Memórias de um colono no Brasil. São Paulo, EDUSP.
- DERRUAU, M. (1961), Précis de Geographie Humaine. Paris, Armand Colin
- DINIZ, DIANA M. DE F. L. (1973), Rio Claro e o Café. Desenvolvimento, Apogeu e Crise (1850 - 1900). Tese de Doutorado, F. F. C. L. de Rio Claro
- DINIZ, J. A. F. (1968), Organização Agrária do Município de Araras. Tese de Doutorado, F. F. C. L. de Rio Claro
- DINIZ, J. A. F. (1970), Aplicação da Análise Fatorial na Elaboração de uma Tipologia Agrícola na Depressão Periférica Paulista. Tese de Livre-Docência, F. F. C. L. de Rio Claro

- DINIZ, J. A. F. (1969), Cálculo de Eficiência da Agricultura na Depressão Periférica Paulista. Cadernos Rioclarenses de Geografia nº 1
- DINIZ, J. A. F. (1971), Evolução das Propriedades Agrícolas no Município de Araras, 1850 - 1965, in Anais do V Simpósio da Associação dos Professores Universitários de História. Campinas
- DOBB, MAURICE (1977), A Evolução do Capitalismo. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 6.<sup>a</sup> edição
- DUMONT, RENÉ (1957), Types of Rural Economy. Londres, Methuen And Co Ltd.
- FAUCHER, D. (1949), Géographie Agraire, types de cultures. Paris, Librairie de Médicis
- FAUCHER, D. (1953), Princípios Generales de Geographie Agraire. Barcelona, Omega
- FERNANDES, LILIANA LAGANÁ (1972), O Bairro Rural dos Pires. Tese de Mestrado. I.G. - USP
- FERNANDES, LILIANA LAGANÁ (1972), Bairros Rurais do Município de Limeira - Estudo Geográfico. Tese de Doutorado, F. F. L. C. H. - USP - São Paulo
- FERNANDES, FLORESTAN (1973), Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina. Rio de Janeiro, Zahar Editora
- FERNANDES, FLORESTAN (1975), A Revolução Burguesa no Brasil - Ensaio de Interpretação Sociológica. Rio de Janeiro, Zahar Editora
- FONSECA DE LIMA, J. M. (1961), A situação da Citricultura, in Agricultura em São Paulo, Boletim da Divisão de Economia Rural da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, Ano VIII, nº 4, abril de 1961, p 65 - 71
- FORJAZ, DJALMA (1924), O Senador Vergueiro, sua vida e sua época (1778 - 1859), São Paulo, Officina do Diário Oficial

- FRANÇA, ARY (1960), A marcha do café e as frentes pioneiras  
Guia de Excursão nº 3. Edição do Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro
- FRANK. A. G. (1954), A Agricultura Brasileira: Capitalismo e o Mito do Feudalismo, in Revista Brasiliense, jan./fev. nº 51, São Paulo, p 45 - 70
- FROMONT, PIERRE (1957), Economie Rurale, Paris, Editioris M. Th. Genin
- FURTADO, C. (1970), Formação Econômica da América Latina. São Paulo, Cia. Editora Nacional
- FURTADO, C. (1974), Formação Econômica do Brasil. São Paulo. Cia. Editora Nacional, 12.<sup>a</sup> edição
- GEORGE, PIERRE (1956), La Campagne. Paris, P.U.F.
- GEORGE, PIERRE (1964), Précis de Géographie Rurale. Paris. P.U.F., 2.<sup>a</sup> edição
- GEORGE, PIERRE (1969), Geografia Social do Mundo. São Paulo. Coleção Saber Atual, Difusão Européia do Livro
- GEORGE, PIERRE (1972), Geografia Agrícola do Mundo. São Paulo, Coleção Saber Atual, Difusão Européia do Livro
- GEORGE, PIERRE (1972), Os métodos da Geografia. São Paulo, Coleção Saber Atual, Difusão Européia do Livro
- GEORGE, PIERRE (1970), Geografia Econômica. Rio de Janeiro, Fundo Universal de Cultura, 5.<sup>a</sup> edição
- GERARDI, LUCIA H. DE OLIVEIRA (1973), Contribuição ao Estudo Sistêmico da Atividade Agrícola - O caso da Alta Paulista. Tese de Doutorado. F.F.C.L. de Rio Claro
- HARVEY, DAVID (1975), Social Justice and the City. Baltimore, The Johns Hopkins University Press
- HOLANDA, SÉRGIO BUARQUE DE (1967), As Colônias de Parceria, in História Geral da Civilização Brasileira, dirigida por Sergio Buarque de Holanda. São Paulo, Difel, Tomo II vol. 3, 245 - 260

- HUGON, P. (1973), *História das doutrinas econômicas*. Rio de Janeiro, Editora Atlas, 13.<sup>a</sup> edição
- HUTTER, L. M. (1971) *Imigração Italiana em São Paulo 1880-1889 : os primeiros contactos do imigrante com o Brasil*. Tese de Doutorado. São Paulo, F.F.L.C.H. da USP
- IANNI, OCTÁVIO (1977), *A Classe Operária vai ao Campo*. São Paulo, Caderno 24, CEBRAP, Editora Brasiliense, 2.<sup>a</sup> edição
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA (1968), *Divisão do Brasil em micro-regiões homogêneas*. Vol. III, Rio de Janeiro
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (1968), *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro
- JUNGMANN, FERNANDO (1971), *O direito da Agro-Indústria Açucareira*. São Paulo, Editora Revista dos Tribunais Ltda.
- KAUTSKY, KARL (1968), *A Questão Agrária*. Rio de Janeiro, Gráfica Editora Laemmert S.A.
- KAYSER, BERNARD (1969), *L'Agriculture et la Societé Rurale des Régions Tropicales*, Paris
- KELLER, ELZA C.S. (1954), *Notas sobre a evolução da população do Estado de São Paulo, de 1920 a 1950, in Aspectos Geográficos da Terra Bandeirante*, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, p 209 - 236
- KELLER, ELZA C. S. (1965), *Organização Agrária da Média Depressão Periférica Paulista*, in *Resumo de Comunicações II*, Congresso Brasileiro de Geografia, A.G.B., Rio de Janeiro, p 29 - 38
- KELLER, ELZA C.S. (1969), *Contribuição à Metodologia da Pesquisa em Utilização da Terra*, in *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*. Vol. XV. São Paulo

- KOSTROWICKI, J. (1964), Geographical Typology of Agriculture, Principles and Methods, in Revista Geográfica do I.P.G.H. nº 61 Tomo XXXIII - Rio de Janeiro, julho/dezembro, p 15 - 24
- LANGE, OSKAR (1967), Moderna Economia Política. São Paulo, Fundo de Cultura, 2.<sup>a</sup> edição
- LAUSCHNER, ROQUE (1975), Agro-Indústria y Desarrollo Economico. Santiago do Chile, Universidade do Chile
- LIVRO MESTREV(1862 - 1867), Manuscrito da Fazenda Ibicaba - en contra-se na Fazenda, em Cordeirópolis, Estado de São Paulo
- MARQUES, M. E. DE AZEVEDO (1879), Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Notícias da Província de São Paulo, 2 vols, Rio de Janeiro, Livraria Laemmert
- MARTINS, J. S. (1973), A Imigração e a Crise no Brasil Agrário. São Paulo, Livraria Pioneira Editora
- MARTINS, J. S. (1975), Capitalismo e Tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo, editora Pioneira.
- MARX, KARL (1971), O Capital, livro 1, volume 1 e 2 - Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2.<sup>a</sup> edição
- MARX, KARL (1970), O Capital, livro 2. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira
- MARX, KARL (1974), O Capital, livro 3. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 3 volumes
- MARX, KARL(1973), Contribuição para a crítica da economia política - Lisboa, Coleção Teoria nº 8, editora Estampa, 3.<sup>a</sup> edição
- MARX, KARL(1973), Formações econômicas pré-capitalistas. Porto Portugal, Publicações Escorpião
- MATTOS, O. N. (1944), A evolução ferroviária de São Paulo, in Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia - fia, vol. IV, 1944, Rio de Janeiro, p 556

- MATTOS, D. L. DE (1954), Contribuição ao Estudo da Geografia do Algodão no Estado de São Paulo, in Aspectos Geográficos da Terra Bandeirante, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, p 253 - 288
- MEYNIER, A. (1967), Les paysages agraires. Paris, Armand Colin
- MELLO, M. C. L'INCAO (1976), O Bóia Fria: acumulação e miséria. Petrópolis, Editora Vozes, 3.<sup>a</sup> edição
- MILLIET, S. (1946), Roteiro do Café e outros ensaios: contribuição para o estudo da história econômica e social do Brasil. São Paulo. Bipa
- MONBEIG, P. (1949), A divisão regional do Estado de São Paulo, Relatório Apresentado à Assembléia Geral da A.G.B., vol. I São Paulo
- MONBEIG, P. (1952), Pionniers et Planteurs de São Paulo. Paris, Armand Colin
- MONBEIG, P. (1957), Estruturas Agrárias da Faixa pioneira paulista, in Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira. São Paulo, Difusão Européia do Livro, p 105 124
- MONBEIG, P. (1957), As tendências atuais da Agricultura em São Paulo, in Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira. São Paulo, Difusão Européia do Livro, p 182 - 191
- MONTEIRO NETO, ABÍLIO (1975), Comparação entre modalidades de enxertia por garfagem na produção do abacateiro. Dissertação de Mestrado - USP
- MONTEIRO, C. A. F. (1964), A dinâmica climática e as chuvas do Estado de São Paulo, Estudo Geográfico em forma de Atlas.
- MULLER, N. L. (1951), Sítios e Sitiantes do Estado de São Paulo, in Boletim nº 132. São Paulo, F.F.C.L. da USP
- MULLER, N. L. (1966), Bairros Rurais do Município de Piracicaba, im Boletim Paulista de Geografia nº 43, julho de 1966, p 83 - 100

- MONTENEGRO, H. W. S. (1958), Semeadura de Citrus, in Curso Avançado de Citricultura. ESALQ, p 54 - 61
- MONTENEGRO, H. W. S. (1958), Fatores que afetam a qualidade da fruta, in Curso Avançado de Citricultura - ESALQ, Piracicaba, p 195 - 201
- NADAI, J. (1958), Industrialização de Citrus, en Curso Avançado de Citricultura. ESALQ, p 218 - 223
- NAVARRA, WANDA SILVEIRA (1972), O Uso da Terra em Itatiba e Morungaba - Permanência e mudança na organização do espaço agrário (1956 - 1966) - Tese de doutoramento . F.F.L.C.H. - USP - São Paulo
- OTREMBA, E. (1955), Geografia General Agrária e Industrial. Barcelona, Ediciones Omega S.A.
- PETRONE, M. T. S. (1968), A lavoura canavieira em São Paulo. São Paulo, Difusão Européia do Livro
- PETRONE, P. (1959), A região de São Luís do Paraitinga, estudo de Geografia Humana, in Revista Brasileira de Geografia, ano XXI, nº 3, p 239 - 336
- PETRONE, P. (1966), A baixada do Ribeiro, estudo de geografia humana. São Paulo, boletim 283, F.F.L.C.H. da USP
- PEREIRA, J. B. B. (1974), Italianos no município rural paulista, São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros - USP
- POLTRONIÉRI, L. C. (1975), Difuão Espacial da Citricultura no Estado de São Paulo, Dissertação de Mestrado F. F. L. C. H. da USP
- PRADO JUNIOR, CAIO (1954), Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia). São Paulo, Martins Editora
- PRADO JUNIOR, CAIO (1963), História Econômica do Brasil. São Paulo. Ed. Brasiliense, 8.<sup>a</sup> edição
- PRADO JUNIOR, CAIO (1972), Evolução Política do Brasil. São Paulo. Ed. Brasiliense, 8.<sup>a</sup> edição

- PROGNÓSTICO AGRÍCOLA 74/75. Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Agricultura, Instituto de Economia Agrícola - julho de 1974
- PROGNÓSTICO AGRÍCOLA 75/76. Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Agricultura, Instituto de Economia Agrícola - agosto de 1975
- QUEIROZ, M. T. P. DE (1967), Bairros Rurais Paulistas, in Revista do Museu Paulista, vol. XVII, nova série. São Paulo
- SAINT-HILAIRE, AUGUSTE DE (1972), Viagem à Província de São Paulo e Resumo das viagens ao Brasil, província Cisplatina e notas de Rubens Borba de Morais. São Paulo, Martins, Ed. da USP
- SEABRA, MANOEL (1972), As Cooperativas Agrícolas Mistas do Estado de São Paulo. Tese de Doutorado - F.F.L.C.H. da USP
- SETZER, J. (1946), Contribuição para o estudo do clima do Estado de São Paulo. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas
- SETZER, J. (1966), Atlas Climático e Ecológico do Estado de São Paulo. São Paulo, Officina do Estado
- SIMONSEN, ROBERTO (1940), Aspectos da História Econômica do cafê, separata da Revista do Arquivo nº 1 XV-São Paulo, p 15 - 16
- SIMONSEN, R. (1973), Evolução Industrial do Brasil e Outros Estudos. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- SINGER, P. (1968), Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana. São Paulo, Ed. da USP
- SORRE, M. (1950), Les fondements de la géographie humaine, l'habitat. Tomo III. Paris, Armand Colin
- SPANHOL, GUILHERME (1967), Muda bem formada vira bom abacateiro, in Revista Dirigente Rural nº 9, p 20
- SPANHOL, GUILHERME (1967), Cordeirópolis: terra do abacate, in A Gazeta Esportiva, 11 de junho

- STEIN, STANLEY J. (1961), Grandeza e Decadência do Café no Vale do Paraíba. Tradução de E. Magalhães. São Paulo, Editora Brasiliense
- SZMRECSÁNY, TAMÁS (1976), Contribuição à Análise do Planejamento da Agro-Indústria Canavieira no Brasil. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas
- TAUNEY, A d'ESCRAGNOLLE (1939), História do Café no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. do Departamento Nacional do Café, 15 volumes
- ISCHUDI, J. J.VON (1954), Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo, Livraria Martins.
- VALVERDE, O. (1964), Geografia Agrária do Brasil. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura
- WAIBEL, L. (1958), Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil. Rio de Janeiro, C.N.G.
- WITTER, J. S. (1974), Um Estabelecimento Agrícola na Província de São Paulo nos meados do século XIX. São Paulo - Coleção da Revista de História.

APÊNDICEANEXO Nº 1

"Contracto de parceria celebrado entre Vergueiro & Cia. e os abaixo assignados, por intermédio do Snr. Dr. F. Schmidt, em Hamburgo, em nome da referida sociedade".

## Art. 1º

O colono \_\_\_\_\_ e sua mulher \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_ filhos, de \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ assumem, por sua livre e espontanea vontade, o compromisso de embarcar a bordo do navio \_\_\_\_\_ commandante \_\_\_\_\_ a \_\_\_\_\_ no porto de Hamburgo e dirigir-se a Santos, Província de São Paulo, Bra sil.

## Art. 2º

O Snr. M. Valentim, de Hamburgo, se encarregará dos sobreditos colonos de Hamburgo a Santos, subsistência inclusive, mediante os preços seguintes:

- a) Para cada pessoa adulta, do sexo masculino ou fe minino, com mais de dez annos de idade \_\_\_\_\_ piastras, ou sejam \_\_\_\_\_ francos.
- b) Para crianças de um ou de outro sexo, com menos de dez annos de idade \_\_\_\_\_ piastras, ou sejam \_\_\_\_\_ francos.
- c) Terão transporte e subsistência gratis as crianças de menos de um anno.

## Art. 3º

Logo que tenha chegado ao porto de Santos o sobredi to colono deverá por-se à disposição de Vergueiro & Cia., que cuidará de acolhel-o, agazalhal-o e conduzil-o ao seu lugar de destino.

## Art. 4º

Vergueiro & Cia. obrigam-se:

- 1 - Adeantar ao sobredito colono a somma necessaria para o transporte de Hamburgo a Santos, na provincia de São Paulo.

2 - A fornecer a cada um dos referidos colonos, logo à sua chegada, o importe das despesas feitas com sua subsistência e transporte a uma das colonias de Vergueiro & Cia., além daquillo de que precise para manter-se até o momento em que possa sustentar-se pelo trabalho que lhe fôr facultado.

3 - A attribuir a cada pae de familia a porção de cafeeiros que elle possa cultivar, colher e beneficiar.

4 - Facultar ao colono o plantio em terras adequadas e em lugar designado dos mantimentos necessarios para o seu sustento.

#### Art. 5º

0 sobredito colono obriga-se ao seguinte:

1 - A conduzir-se pacificamente sem perturbar ou prejudicar a seus vizinhos nem a colonia.

2 - A cultivar e colher como convem os cafeeiros recebidos, depositando o café colhido no lugar marcado no cafésal onde o entregará por medida ao recebedor da fazenda.

3 - A concorrer em commum com o serviço correspondente à quantidade do café entregue para o trabalho que o mesmo exige até entrar no mercado.

4 - A pagar quatrocentos reis por arroba de café correspondente a três alqueires rasos de café em cereja - até que o trabalho referido no artigo precedente, trabalho em commum, tenha tido seu curso normal.

5 - A replantar as faltas que ocorrerem na parte do cafésal a seu cargo.

6 - A pagar a Vergueiro & Cia. o montante da passagem, sustento e auxilios recebidos, que vencerão os juros legais de seis por cento contados da data em que for feita a despesa - pelo que ficarão cos colonos solidariamente responsáveis - applicando na amortização de tal divida pelo menos metade dos seus lucros annuaes.

7 - Os colonos terão de respeitar os regulamentos estabelecidos na colonia.

#### Art. 6º

Vendido o café por Vergueiro & Cia. pertencerá a estes a metade do seu produto liquido, e a outra metade ao di

municipalidade \_\_\_\_\_ para preparativos para o embarque, viagem a Hamburgo e transporte a Santos \_\_\_\_\_ frs. \_\_\_\_\_ cts. (por extenso \_\_\_\_\_ francos) ou sejam \_\_\_\_\_ piastras.

2º - A familia abaixo-assignada obriga-se solidariamente a amortizar a divida contrahida com a municipalidade de \_\_\_\_\_, devendo a amortização effectuar-se no curso de cinco annos, a partir do segundo, mediante quotas annuaes equivalentes à quarta parte da somma para o que vigorará o presente contracto entre as partes interessadas por um prazo de cinco annos.

3º - Para os pagamentos annuaes à municipalidade de \_\_\_\_\_, conforme as estipulações acima, obrigam-se Vergueiro & Cia. a entregar metade do producto da venda do café e outros generos, da parte pertencente aos colonos (V. arts. 6º e 7º), logo após a sua venda, ao Snr. \_\_\_\_\_, que se incumbirá de encaminhar as referidas sommas à municipalidade de \_\_\_\_\_ recebendo o mesmo Snr. \_\_\_\_\_, pelas vias officiais, os poderes necessarios da sobredita municipalidade.

4º - Os imigrantes abaixo-assignados declaramse de accordo com as condições expressas nos artigos precedentes, confessando-se devedores da somma de \_\_\_\_\_ frs. e \_\_\_\_\_ cts. (por extenso \_\_\_\_\_ francos) para \_\_\_\_\_ pessoas.

(Seguem-se as assinaturas dos colonos dos conselheiros municipais, do delegado da companhia em Hamburgo, dos cônsules do Brasil e da Suiça. A assinatura do delegado da companhia é precedida da seguinte declaração: "Em nome de Vergueiro & Cia. de Santos subscrevo o presente contrato, responsabilizando-me provisoriamente pela sua execução.

Hamburgo,

Dr. Schmidt.

Contracto para o anno agricola da safra de \_\_\_\_\_, feito entre a \_\_\_\_\_; e o Colono \_\_\_\_\_; os quaes, na sua qualidade de contractante e contractado, firmam este, compromettendo-se ao fiel cumprimento das suas disposições.

### Condições Geraes

#### Art. 1º

Será fornecido gratuitamente ao colono, pelo proprietário da fazenda, meios de transporte para si, sua familia e bagagens da estação proxima à fazenda, casa de moradia, pastos para um ou mais animaes, segundo o numero de pé de café que o mesmo tratar, e terreno para plantação de mantimentos, em quantidade relativa com o mesmo numero de caféeiros.

#### Art. 2º

O colono se obriga a tratar dos caféeiros a seu cargo de modo a conserva los sempre no limpo, a replantar as fallas que por ventura houver, tratar muito bem das replantas, tirar todos os brótos, cipós ou trepadeiras que forem sahindo nos caféeiros, fazer a verredura, colheita, espalhamento, de cisco e montes de terra, de modo e na occasião que forem indicadas pelo proprietário ou pelo administrador.

#### Art. 3º

O proprietário não fará adiantamento algum, salvo o que for estrictamente necessario para a alimentação dos recém-chegados ou no caso de molestia.

#### Art. 4º

O colono fará sem remuneração, o roçamento do pasto da colonia, concerto da cerca do mesmo, a factura, uma vez por anno, do caminho para a proxima estação da estrada de ferro, e a extincção de incendios nas mattas, cercas ou casas da fazenda, devendo os referidos serviços ser feitos quando e como o determinar o proprietário ou o administrador.

## Art. 5º

Si o colono deixar de fazer qualquer dos serviços enumerados no Art. 2º, o proprietario poderá mandal-os fazer por quem lhes convier, cobrando do colono a importancia assim despendida.

## Art. 6º

O colono só poderá ter porcos ou cabras em pastos apropriados, por elle feitos e conservados, em logar que para isso lhe for indicados pelo proprietario, ficando responsavel pelos danos que possam por ventura esses animaes causar.

## Art. 7º

Si o proprietário faltar ao cumprimento das disposições do presente contracto, ou si, antes de findar-se o serviço do anno agrario, que termina pelo espalhamento das varreduras, despedir o colono sem causa justificada, pagará a este o dobro do que tinha elle de ganhar nesse anno pelo serviço de tratamento do cafesal a seu cargo. São consideradas causas para despedida:

- 1) Doença prolongada;
- 2) Malandrice ou continuada negligencia no serviço;
- 3) Embriaguez habitual;
- 4) Insubordinação;
- 5) Falta de cumprimento das clausulas do presente contracto.

## Art. 8º

O colono que, sem causa justificada, se retirar da fazenda antes de terminar o serviço do anno, perderá metade do que houver ganho nesse anno.

São consideradas causas justificadas para retirada:

- 1) Enfermidade que o prive do trabalho;
- 2) Maus tratos da parte do proprietário ou administrador;
- 3) Falta de cumprimento, por parte do proprietário, das clausulas do presente contracto.

## Art. 9º

O proprietário que quizer dispensar os serviços do colono a terminar o anno agrario, deverá avisal-o com trinta dias de antecedencia; caso não avise, serão esses mesmos serviços considerados contractados para o anno seguinte e o colono ficará com o direito à indemnisação estipulada no Art. 7º do presente contracto, si for dispensado sem o aviso acima referido.

## Art. 10º

O Colono que quizer retirar-se ao findar o anno agrário fica obrigado a participal-o ao proprietario ou ao administrador, com trinta dias de antecedencia, por falta do que será considerado como sujeito a prorrogação do mesmo contracto durante o anno seguinte, e, caso se retire, incorrerá no disposto do Art. 8, do presente contracto.

## Art. 11º

Os animaes, mantimentos e roças do colono são garantias do seu débito para com o proprietario, tendo este o direito de havel-os ainda mesmo quando em mãos de terceiros.

## Art. 12º

O Proprietario mandará lançar, mensalmente na presente caderneta, que é propriedade do colono, com toda a exactidão e clareza, todos os fornecimentos a este feitos, com a sua importancia, assim como a importancia dos serviços por elle prestados na fazenda.

## Art. 13º

O colono poderá comprar os generos de que precisar onde lhe convier.

## Art. 14º

Todas as questões que suscitarem na interpretação ou execução deste contracto serão resolvidas pelo juizo arbitral, que será formado do modo seguinte: Cada uma das partes nomeará um arbitro e se estes não forem nomeados ou não concordarem, será a questão resolvida pelo Presidente da Comissão Municipal de Agricultura do Município a que pertencer a fazenda.

Condições Particulares

Art. 15º

O proprietário se obriga a creditar ao colono na presente caderneta:

- 1) Pelo tratamento de cada 1.000 pés de caféeiros ,  
por anno Rs. \_\_\_\_\_
- 2) Por cada 50 litros de café colhido Rs. \_\_\_\_\_
- 3) Por dia de serviço prestado pelo colono Rs. \_\_\_\_\_

Art. 16º

Os fornecimentos de dinheiro por conta dos serviços prestados serão feitos pelo Proprietário no \_\_\_\_\_ na Razão de Rs. \_\_\_\_\_ por cada mil pés de caféeiros tratados.

Art. 17º

O Pagamento final \_\_\_\_\_ será feito pelo Proprietário em \_\_\_\_\_.

Art. 18º

Será permitido ao colono plantar nos cafesaes\_\_\_\_\_.

Art. 19º

Por faltas do colono contra a disciplina e boa ordem da Fazenda e seus serviços, ser-lhe-á imposta uma multa de 5\$000 no maximo e cujo valor será levado ao Fundo de Instrução e Beneficencia do pessoal da Fazenda.

Art. 20º

O colono pagará ao Proprietário justa indemnisação, todas as vezes que, por si ou por pessoa que de si dependa, for causado na Fazenda prejuizo ou damno, de qualquer natureza. Nesse caso proceder-se-á a avaliação do mal causado e ser-lhe-á debitado, com sua sciencia o quantum da avaliação.

-----

CONTRATO DE SAFRA DE CANA

Pelo presente instrumento particular de Contrato de Safra de Cana, de um lado como Empregadora a firma - SEMPRE - Serviços e Empreitadas Rurais S/C Ltda., com sede na cidade de Araras, Estado de São Paulo, à Rua Barão de Arary, 609 - 1º andar - salas 16 a 19, na forma abaixo representada, e, do outro como Empregado o sr. \_\_\_\_\_, brasileiro \_\_\_\_\_, residente à rua \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_\_ portador da Carteira de Trabalho e Previdência Social nº \_\_\_\_\_, Série \_\_\_\_\_, tem justo e contratado por esta e na melhor forma de direito o seguinte:

1 - A Empregadora contrata o Empregado como "Safrista" nos termos do § Único do Art. 14 da Lei nº 5.889, de 8/6/73, para a execução de Serviços de Corte de Cana da safra de 1976, nos locais que forem indicados e de conformidade com as instruções que forem expedidas, não constituindo estas qualquer limitação ou restrição, considerando-se falta grave a recusa por parte do Empregado em executar qualquer um dos serviços que forem determinados, desde que se entendam atinentes à função para o qual é contratado;

2 - O Empregado se obriga a cumprir totalmente o Regulamento da Empregadora, quer quanto a horário, quer quanto a atos de normal administração, respeitando sempre seus superiores hierárquicos e seus companheiros de trabalho, obrigando-se ainda, a trabalhar nos municípios vizinhos, sem qualquer adicional, porém, com o transporte fornecido pela empregadora;

3 - O Empregado perceberá os seus salários na base de Cr\$ \_\_\_\_\_ ( \_\_\_\_\_), por tonelada de cana solta em palha e Cr\$ \_\_\_\_\_ ( \_\_\_\_\_), por tonelada de cana solta queimada, além do repouso semanal remunerado que será calculado à razão de 17% (dezesete por cento) sobre o preço básico;

§ 1º - Para facilidade no recebimento da cana que for cortada, fica facultado a Empregadora fazê-lo por metro ou feixe, promovendo as necessárias conversões, ou, ainda, exigir que a cana solta seja amontoada ou amarrada, mediante o pagamento das diferenças constantes de tabela própria.

§ 2º - Durante a vigência do contrato e de acordo com as necessidades do serviço, a Empregadora poderá de terminar a prestação de serviços gerais de lavoura, mediante o pagamento a base de Cr\$ \_\_\_\_\_ por hora, sem prejuízo das demais cláusulas deste instrumento;

4 - O pagamento será feito semanalmente, mediante recibo circunstanciado, sendo facultado à Empregadora proceder todos os descontos legais e obrigatórios, inclusive por danos causados pelo empregado, que por dolo quer por culpa;

5 - O prazo de duração do presente contrato é desde \_\_\_\_\_, até que estejam concluídos os serviços de corte de cana da safra de 1976, de sorte que sendo de duração determinada dependente de acontecimento suscetível de previsão aproximada, vencido o prazo, estará automaticamente rescindido de pleno direito, independente de aviso prévio;

6 - O presente contrato poderá ser rescindido antes da condição resolutiva final (término dos serviços de corte de cana da safra de 1976), mediante o competente aviso prévio se for por parte do Empregado e sendo pela Empregadora, sem justa causa, com o aviso prévio e indenização calculada nos termos do artigo 14 da Lei nº 5.889, de 8 de junho de 1973, sem prejuízo do constante na cláusula anterior.

E assim por se acharem ajustados e contratados, assinam o presente em duas vias, de igual teor, na presença das testemunhas.

Araras, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1976

SEMPRE - Serviços e Empreitadas  
Rurais S/C Ltda.

Testemunhas:

-----  
-----

Empregado

CONTRATO DE SERVIÇOS DE ENTRE-SAFRA

Pelo presente instrumento de Contrato de Prestação de Serviços de Entre-Safra, de um lado como Empregadora a firma - SEMPRE - Serviços de Empreitadas Rurais S/C Ltda., com sede na cidade de Araras, Estado de São Paulo, à Rua Barão de Arary, 609 - 1º andar - salas 16 a 19, na forma abaixo representada, e, do outro como Empregado o sr. \_\_\_\_\_, brasileiro, \_\_\_\_\_, residente à rua \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_\_, portador da Carteira de Trabalho e Previdência Social nº \_\_\_\_\_, Série \_\_\_\_\_, tem justo e contratado por esta e na melhor forma de direito o seguinte:

1 - A Empregadora contrata o Empregado como "Safrista" nos termos do § Único do Art. 14 da Lei nº 5.889, de 8/6/73, para a prestação de serviços gerais de lavoura, na entre-safra de 1976/77, notadamente os de capina de cana, pastos, etc., corte de cana muda, plantio de cana e cereais, adubação e manuseio de implementos agrícolas, a serem executados nos locais que forem indicados e de conformidade com as instruções expedidas, não constituindo estas qualquer limitação ou restrição, considerando-se falta grave a recusa por parte do Empregado em executar os serviços determinados, desde que atinentes à função para a qual é contratado;

2 - O Empregado se obriga a cumprir totalmente o Regulamento da Empregadora, quer quanto a horário, quer quanto a atos de normal administração, respeitando sempre seus superiores hierárquicos e seus companheiros de trabalho, obrigando-se ainda, a trabalhar nos municípios vizinhos, sem qualquer adicional, porém, com o transporte fornecido pela empregadora;

3 - O Empregado perceberá os seus salários na base de Cr\$ \_\_\_\_\_ ( \_\_\_\_\_ ), por hora, mais o repouso semanal remunerado que está calculado à razão de 17% (dezessete por cento) do salário básico;

4 - Fica facultado à Empregadora, dentro das conveniências dos serviços, remunerar o Empregado por tarefa ou empreitadas, mediante o pagamento com base em tabelas que deverão ser elaboradas segundo o salário-hora constante da cláusula precedente;

5 - O pagamento será feito semanalmente, mediante recibo circunstanciado, sendo facultado à Empregadora proceder todos os descontos legais e obrigatórios, inclusive por danos causados pelo empregado, quer por dolo quer por culpa.

6 - O prazo de duração do presente contrato é desta data, até que estejam concluídos dos serviços gerais de lavoura da entre-safra de 1976/77, de sorte que sendo de duração determinada dependente de acontecimento suscetível de previsão aproximada, vencido o prazo, estará automaticamente rescindido de pleno direito, independente de aviso prévio;

7 - O presente contrato poderá ser rescindido antes da condição resolutiva final (término dos serviços gerais de lavoura da entre-safra de 1976/77), mediante o competente aviso prévio se for por parte do Empregado e sendo pela Empregadora, sem justa causa, com o aviso prévio e indenização calculada nos termos do artigo 14 da Lei nº 5.889, de 8 de junho de 1973, sem prejuízo do constante na cláusula anterior.

E assim por se acharem ajustados e contratados, assinam o presente em duas vias, de igual teor, na presença das testemunhas.

Araras, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 197\_

SEMPRE - Serviços e Empreitadas  
Rurais S/C Ltda.

Testemunhas:

-----  
-----

-----  
-----

Empregado

## ÍNDICE

1 - INTRODUÇÃO .....	1
2 - O MERCADO E AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO	8
2.1 A cana-de-açúcar e as primeiras formas de Organização Econômica da área .....	8
2.2 O café e as modificações na Organização Es- pacial da Agricultura .....	15
2.3 A decadência do café e o desenvolvimento da policultura .....	29
2.4 A policultura e a expansão da citricultura no bairro do Cascalho .....	33
2.5 A agro-indústria açucareira e a reorganiza- ção do espaço agrário .....	38
3 - O SISTEMA ATUAL DA ORGANIZAÇÃO AGRÁRIA DO MUNI- CÍPIO DE CORDEIRÓPOLIS .....	43
3.1 O uso do solo e as técnicas de cultivo ...	43
3.1.1 A cana-de-açúcar e as grandes pro- priedades agrícolas .....	47
3.1.2 A policultura e a citricultura nas pequenas propriedades do bairro do Cascalho .....	55
3.2 A malha fundiária e tipo de mão-de-obra empregada na exploração .....	73
3.3 Condições sócio-econômicas dos Proprietá- rios Rurais .....	92
3.4 Relações de trabalho .....	100
4 - CONCLUSÃO .....	113
Bibliografia .....	116
Apêndice .....	127

A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.ffeilch.usp.br/>.

